

cadernos da **FEI**

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

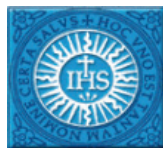
Nº 13 – Janeiro/2011



cadernos da
FEI

CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana
Pe. Saboia de Medeiros, mantenedora do
Centro Universitário da FEI e dos institutos
a ele associados: IPEI, IECAT e Escola
Técnica São Francisco de Bórgia.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux
Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação da FEI

Fotos

Setor de Audiovisual da FEI
e Banco de Imagens

*Editado no Centro Universitário da FEI,
instituição filiada à*



*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Endereço para correspondência

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901 – Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

CONTEÚDO

Voz do Presidente

Em sintonia com a vontade de Deus	08
Desafios institucionais para a próxima década	11
Saber escutar a voz de Deus	15
Universidade: internacionalização e vocação para o universal	18
Homilia da missa da visita do Pe. Provincial	21
Acolhida ao Pe. Provincial	24

Setenta Anos de História

Pe. Saboia e a fundação da ESAN.....	26
O que é uma Universidade Católica?	39

Temas de Estudo e Pesquisa

Ética ambiental no contexto da globalização	47
O código da inteligência e a formação de líderes no século 21	53
Discernimento Apostólico Comunitário	57

A Companhia de Jesus

Promovendo a profundidade de pensamento e imaginação	61
Um Borgia na Companhia de Jesus	66

Trabalho Social

O trabalho social como instrumento de formação na Universidade	71
--	----

Palavra do Reitor

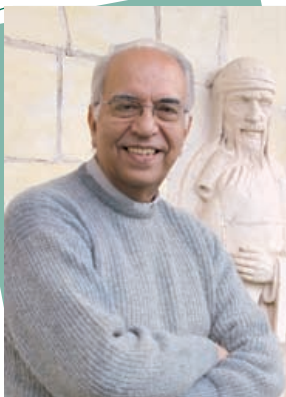
Palavra do Reitor por ocasião da Semana da Qualidade.....	76
---	----

Memorial

Prof. Dr. Marcio Rillo	77
------------------------------	----

Na Luz da Eternidade

Prof. Milton Mautoni	86
Prof. Wlastermiller de Senço.....	87
Prof. Sussumu Takanohashi	88



Apresentação

Padre Roberto Saboia, em 1941, via realizar-se o sonho do seu primeiro projeto de educação universitária com a Fundação da Escola Superior de Administração e Negócios nas modestas instalações da Rua São Joaquim.

Em 1946, era a vez concretizar-se a Faculdade de Engenharia Industrial.

ESAN e FEI são dois pólos promissores, frutos da visão empreendedora desse irrequieto jesuíta. Com o decorrer dos anos, as faculdades foram se desdobrando em frentes cada vez mais enriquecedoras de um projeto cada vez mais reconhecido e valorizado no mundo universitário assumido pela Companhia de Jesus.

Este número do Cadernos recorda uma parte dessa história e mostra a influência que teve o recém beatificado Cardeal Newman nos projetos do Pe. Saboia. As palavras do Pe. Theodoro Peters, Presidente da Fundação, bem como sua presença nos momentos celebrativos e acadêmicos, traduzem o pensamento e sentimento da Companhia de Jesus a respeito do Centro Universitário da FEI, como obra inserida no Plano Apostólico da Província.

Enquanto as atividades e projetos acadêmicos e tecnológicos são registrados durante o ano pelas edições da Domínio FEI, pelo Circuito e por outros informativos eletrônicos, o Cadernos registra os principais eventos em que a comunidade universitária se voltou para o que lhe agrega valores de formação humana e social ou a fez viver momentos de solidariedade nas

alegrias do sucesso e na tristeza das perdas, sobretudo pelo inesperado falecimento do Reitor, Prof. Dr. Marcio Rillo.

As Semanas de Qualidade no início de cada semestre letivo nos brindaram com excelentes palestras e exposições.

Destacamos o tema abordado pelo então recém empossado Reitor da PUC do Rio de Janeiro, Pe. Carlos Josafá de Siqueira; a interessante apresentação feita pelo Pe. Carlos Alberto Contieri sobre o processo de discernimento em Santo Inácio e a contribuição do Prof. Dr. Augusto Cury sobre o papel do professor e o código da inteligência.

Não podia faltar a interessante reflexão feita pelo Geral dos Jesuítas, Pe. Adolfo Nicolás, na Conferência sobre o Trabalho em Rede de Ensino Superior Jesuíta, reunindo as Instituições Universitárias da Companhia de Jesus (sediada na UIA), realizada em abril de 2010 na Cidade do México, quando abordou o tema do papel da imaginação na promoção da profundidade de pensamento.

São Francisco de Borja é homenageado em seu centenário de nascimento pela importância que teve como Geral ao formalizar as estruturas da Companhia de Jesus. Na sua gestão, houve um grande impulso no espírito missionário em tempos de colonização que, entre nós, tem as marcas históricas das Reduções entre os povos guaranis.

Cadernos recolhe mais uma vez os registros que em 2010 enriqueceram a comunidade universitária, conferindo-lhe um nível de excelência que leva em consideração sua história de compromisso com a formação de profissionais qualificados por uma formação integral.

*Pe. Paulo D'Elboux, S.J.
Assistente Religioso do Centro Universitário da FEI*



70 Anos

Completam-se 70 anos da instalação do curso de Administração, em 1941, pela iniciativa do Pe. Roberto Saboia de Medeiros. Foi o ponto de partida institucional para a realização dos sonhos e expectativas deste jesuíta, cujo lema inflamava a todos que aceitaram colaborar apoiando-o: “o que falta me atormenta”, em latim: “quod deest me torquet”.

Saboia ousou perscrutar o futuro do Brasil e diagnosticou para o desenvolvimento do País a necessidade de preparar quadros humanos bem qualificados na área específica de Administração e Gerência e na de Engenharia e Tecnologia. Empreendedor contagiante, não hesitou em oferecer ao Brasil, em São Paulo, os cursos pioneiros que evoluíram continuamente na capacitação docente pela dedicação à formação continuada do corpo docente.

Inspirado nas ideias sociais e humanísticas do Cardinal John Henry Newman, colocou bases para a Faculdade Católica no País. Saboia vislumbrava o convívio mestre-discípulo para além da sala de aula como fundamento estratégico para a recíproca formação continuada, geradora da investigação, produtora de saber científico, transmissora dos valores humanos, sociais, políticos e espirituais. Saboia antevia que a universidade plenamente instalada geraria conhecimentos, descobertas, invenções,

métodos, realizações para a melhor qualidade da sociedade. A universidade deve interagir, através da formação de pessoas, para transformar o ambiente onde está instalada, ultrapassando os próprios campi, gerando cultura estimulante para que cada pessoa, conhecendo-se a si mesma, desenvolva todo o seu potencial e capacidade. Ele colocou a semente, irrigou a terra, cultivou a plantinha que se transformou em árvore frondosa, bem enraizada, produzindo frutos de qualidade para a humanidade.

Saboia faleceu com cinquenta anos, aos 31 de julho de 1955, deixando como sua assinatura pela vida as suas faculdades: Administração de Negócios e de Engenharia Industrial, atualmente articuladas em Centro Universitário, oferecendo seus cursos de graduação e pós-graduação, com qualidade auferida nas avaliações internas e externas, com corpo docente altamente qualificado para o ensino e a pesquisa, para o desenvolvimento de trabalho em redes nacionais e internacionais, com participação em competições estudantis que exigem dedicação de mestres e estudantes para atingirem os bons resultados entre os pares, porque foram aulas ativas na confecção dos respectivos projetos. Ultrapassando os horizontes, comunica os avanços alcançados em reuniões científicas, congressos, simpósios, nacionais e internacionais, concorre em busca de financiamento nas várias agências de fomento com projetos altamente qualificados. As visitas aos campi encantam pela ordem e manu-

tenção, envolvimento das pessoas em equipes especializadas dedicando-se aos projetos de iniciação à pesquisa, monitoria, estágio, graduação, mestrado e agora doutorado recentemente instalado.

Saboia sorriria de felicidade ao constatar a força de suas iniciativas, a sinergia geradora da articulação de energias individuais em realizações palpáveis, admiráveis, vencedoras. Saboia se comoveria com sua marca com capacete e óculos nos projetos automotivos do minibaja, se orgulharia com as exposições de TCC dos vários cursos, das iniciativas para sediar eventos e feiras da mais alta qualidade em cada especialização, como os eventos de eletrônica, informática, robótica, administração. Otimista acima da média, quase exagerado, ele compararia o sonho do passado com a realização do presente, entre outras demonstrações: o Concurso Travesia, inundando competidores com suas pontes de palitos de picolé, testando a resistência das articulações; o APO – Aparato de Proteção ao Ovo; Concrebol; o Futebol de Robôs; o SBIA, unindo o mundo estudantil e científico na FEI; os encontros sobre empreendedorismo, inovação e open innovation, em São Paulo, além do brilhantismo das defesas de dissertação de mestrado com bancas externas, configurando a qualidade da preparação de nossos estudantes. Saboia diria: sigam adiante, articulando a teoria e a prática, a sala de aula, o laboratório com a realidade empresarial e social, avancem para serem reconhecidos

como universidade de pleno direito, com autonomia para a instalação de seus cursos.

Saibam que o segredo da formação humana consiste no pleno desenvolvimento de cada personalidade, na descoberta do lugar apropriado para cada talento, na avaliação de que cada formado ofereça mais do que tenha recebido para a humanidade: inteligência, cuidado, perspicácia, trato com todas as pessoas em diversas circunstâncias, confiança em si, inovação empreendedora para tornar-se autor do que realiza, justiça em todas as ações, atenção à realidade sabendo, ao mesmo tempo, que forte da força de Deus é chamado a apresentar-se como sua imagem, pela coerência e agir, à sua semelhança. É o espírito para revisitar o septuagésimo aniversário, lançando-se no presente para o futuro que o Centro Universitário deseja ajudar a construir com todas as instituições e pessoas de bom discernimento.

*Pe. Theodoro Peters, S.J.
Presidente da Fundação Educacional
Inaciana “Pe. Saboia de Medeiros”*

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

*Homilia na capela Santo
Inácio de Loyola,
campus SBC,
na missa de abertura
do ano letivo,
01 de fevereiro de 2010.*



EM SINTONIA COM A VONTADE DE DEUS

É razão de muita consolação inaugurarmos o ano letivo nesta Capela, coração do Centro Universitário da FEI, para, na oração, apresentar ao Senhor Jesus todas as nossas expectativas, esperanças, vontade de realizações em serviços, energia e talento, na busca da verdade científica que tanto nos aproxima do Criador de toda a natureza.

É bom rezar, entrar em sintonia com a vontade de Deus descobrindo a realidade humana em referência e sintonia com Aquele que nos amou desde a origem da vida na Terra. A meditação no silêncio tranquilo torna-se eloquente ao permitir a expressão profunda de cada pessoa como imagem e semelhança do próprio Deus. Sair de si, abranger uma dimensão de infinitude, ajuda

a relativizar as coisas e as situações finitas que nos envolvem diariamente, a ponto de ofuscarem a percepção de como são na sua relatividade circunstante.

É bom articular a oração pessoal na plena expressão de uma comunidade de sábios, comunidade temática, desejosa de haurir da própria fonte a força e o estímulo para buscar cientificamente as consequências da própria fé e esperança.

Nossa oração eucarística é o ápice da vida cristã. Nela é feita a memória da vida, paixão, morte, ressurreição de Jesus e do dom do Espírito Santo. É a reafirmação da grande revelação do próprio Deus. Deus nos ama com amor intenso, desejando estar ao nosso lado em qualquer circunstância, torcendo para que

queiramos estar ao seu lado em profunda sintonia de atitude de vida. Deus nos oferece a oportunidade de um salto de qualidade em nossas atitudes e maneiras de proceder. Deseja que assinemos com nossa autoridade a vida que recebemos, para que a peregrinação terrestre se torne uma profunda comunhão humana e divina, através da contínua participação nos gestos sacramentais de Jesus, pela qual acedemos à plenitude do verdadeiro Deus que por nós tornou-se verdadeiro homem, em tudo semelhante a nós, menos na relutância em seguir a vontade divina.

Para nos dispor a acolher seus dons, a liturgia da Palavra nos oferece textos do antigo e do novo testamento para serem inspiração e estímulo, através do relato das experiências de percepção da revelação histórica de Deus para a humanidade.

O texto de Jeremias, um profeta que desenvolveu seu ministério em Jerusalém por longos anos, em momentos de muito sofrimento para o povo, mostra como Deus o escolheu, consagrou e enviou para uma missão junto a seu povo. Deus lhe oferece o que ele necessita: a sua força para poder realizar o que lhe é pedido. Deus promete permanecer com ele. Deus exige dele confiança e fé na realização do que lhe oferece. “Eu estarei a teu lado para defender-te”. Deus lhe dá missão impossível, segundo as próprias forças, mas lhe oferece a sua graça para que ele se torne imbatível no desempenho do

que lhe é confiado. Jeremias se torna para nós um exemplo, porque aceitou o desafio e consagrou a sua vida em seu serviço para a formação da humanidade. Verdadeiro educador, sente a necessidade de testemunhar a razão de seu empenho, esforço e perseverança fiel.

O salmo expressa a confiança inabalável em Deus pelo povo de Israel. Deus é visto como rochedo firme, como abrigo seguro, como aquele que vela sobre cada pessoa desde o seu nascimento até a velhice e os cabelos brancos. O salmo insiste na querência de Deus pelo seu povo em toda e qualquer conjuntura.

A carta de Paulo revela o Amor e, expressando o Amor, Paulo fala do próprio Deus. Mostra a maneira como Deus agiu para com a humanidade. Só Deus é ca-

paz de pensar apenas na felicidade de cada pessoa, só Deus é capaz de perdão sem limites, da maior paciência, de tanta transparência. Paulo insiste que o próprio Deus nos torna aptos a agir como adultos autênticos, deixando de lado todas as afeições que nos impedem de, vendo, reconhecer o bem em cada pessoa. Paulo fala sobre a instrumentalidade da fé e da esperança para uma referência segura até a plena visão divina. Só Deus permanecerá, só o Amor permanecerá. A fé e a esperança serão os apoios de nossa fase infantil até a plena maturidade da visão do próprio Deus. “Conhecemos a Deus como somos conhecidos por Ele.”

O Evangelho de Lucas apresenta Jesus portador do



“Quatro das esculturas dos Doze Profetas feitas por Aleijadinho (entre 1795 s 1805) em frente da Igreja do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, Minas Gerais, Brasil. Na frente, Jeremias”
Autor: Eric Gaba (fonte: Wikimedia Commons user: Sting)

VOZ DO PRESIDENTE

Espírito Santo. Ele faz o bem por onde passa, seu nome é grande. Entra no lugar de oração, a sinagoga, e nela lê o livro do profeta Isaías e se identifica como o prometido por Deus, o Salvador. Seus milagres o atestam por todas cidades e aldeias, porém a vontade de Deus só se realiza em quem dele necessita, em quem deseja recebê-lo como se revela e não com condições e imposições humanas. O episódio ia indo tão bem, e a seguir criou-se o impasse. Comparam-se duas cidades: Nazaré e Cafarnaum, uma cidade israelita, do povo da Aliança, outra em território pagão. Os pagãos aceitam a presença de Deus manifestada por Jesus, os israelitas não a aceitam. Jesus compara ainda a atitude dos nazarenos à atitude dos antepassados. Estes, nos tempos dos grandes profetas Elias e Eliseu, não acolheram a mensagem profética, porém os milagres foram feitos junto aos pagãos que os acolheram. A viúva de Sarepta recebeu, sem pedir, dois milagres: a multiplicação do óleo e do pão e a cura do filho que havia morrido; o general sírio Naaman foi curado da lepra porque o convenceram a obedecer ao profeta. E Jesus concluiu: havia muitas viúvas em Israel, havia muitos leprosos em Israel, mas os dois profetas foram enviados à viúva de Sarepta na Sidônia e Naaman foi conduzido a Eliseu, viajando desde a Síria. A revelação de Jesus causou dissabor assassino na audiência que o conduziu, expulso, da cidade até o alto monte. Jesus, manifestando sua liberdade a serviço da missão recebida, passa no meio deles e prossegue o seu caminho.

Lucas mostra que Jesus não perde a vida, ninguém a tira; ele entrega a sua vida pela salvação, para provar até onde chega Deus. O amor jamais passará, disse São Paulo.

Irmãos e irmãs, prossigamos a nossa celebração na qual Deus se revela, se torna presente para nos conduzir pelos seus caminhos de paz, de verdade, de justiça e de serviço. Que possamos descobrir, a cada dia, as maravilhas que o Senhor opera em nós e no próximo pela nossa atitude e serviço dedicado. ▢

O QUE FALTA ME ATORMENTA

Santa Catarina de Sena, cuja personalidade tem sido muito estudada nos últimos tempos – todos concordam – se distinguia por uma vontade muito firme.

Em certa ocasião escreveu ela: “Sede, pois, perseverantes, e olhai não para aquilo que já está feito, mas para aquilo que ainda tendes que fazer” (Carta 366 (93)).

Pode-se dizer que os homens se dividem nestes dois grupos. Um é o daqueles que, satisfeitos de si, repousadamente olham para “o que já está feito”.

Julgam-se muito bons e muito bem, simplesmente porque não fizeram nenhum excesso, ou porque habilmente souberam descobrir qualquer excesso. Tranquilizam-se, porque das liberdades que se permitiram, não trouxeram consequências palpáveis.

Imaginam-se apóstolos, porque disseram alguma palavra. É a lagoa parada coberta de folhagens! O outro grupo é o dos que, embora a consciência não os acuse, percebem quão longo é o caminho que falta a trilhar. Jamais contentes consigo, olham para aquilo que ainda lhes falta a realizar. Medem desconsolados a distância entre o ideal sonhado e o pouco que conseguiram.

Ansiosos de perfeição, jamais se orgulham: jamais consideram que qualquer aplauso seja merecido... pois, no realizado discernem a imperfeição e, no que falta a realizar, sentem a própria fraqueza.

“Quod deest, me torquet!” O que falta me atormenta! É a máxima de todos os que têm um ideal...

Pe. Saboia de Medeiros

Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade
(1º semestre de 2010).
São Bernardo do Campo,
01 de fevereiro de 2010.*

DESAFIOS INSTITUCIONAIS PARA A PRÓXIMA DÉCADA

A minha participação nesta Semana da Qualidade visa estabelecer um diálogo que contribua para o progresso que vem sendo desenvolvido na configuração de nossa comunidade universitária da FEI. Coloquialmente, tenho a intenção de apresentar os seguintes pontos: 1. As raízes fundacionais profundas; 2. A década 2010-2020 exige atitudes de busca e de inovação nos procedimentos; 3. As raízes fundacionais próprias; 4. As raízes fundacionais recentes; e 5. Conclusão: entre a realidade e a utopia.

1. As raízes fundacionais profundas

A Companhia de Jesus nasceu numa universidade que favorecia o convívio intelectual, as atividades

acadêmicas necessárias à titulação e o desenvolvimento de projetos pessoais, institucionais, profissionais: a Sorbonne de Paris, uma universidade de caráter público eclesial, para onde convergiam os melhores cérebros da Europa.

Nos seus claustros e ambientes, os estudantes – conhecendo-se e colocando em comum seus pontos de vista, sonhos e expectativas, ideais e visões de futuro, convicções e desafios ante grandes venturas ou realizações; compartilhando também sua vontade de participar audaciosamente do trabalho de transformar o mundo, a civilização e a cultura – selaram uma amizade de grupo, de palavra e de promessa sagrada, que foi o germe do qual brotou a Companhia de Jesus como uma Ordem religiosa a serviço da humanidade. Ordem

aberta a todo tipo de atividade para apoiar o Reino de Deus, sob a autoridade do Sumo Pontífice.

Naquele tempo a liderança foi de Inácio de Loyola, que reuniu companheiros a seu redor para a realização das utopias que os ultrapassavam. Neste Terceiro Milênio é a nós, neste Centro Universitário, que cabe a vocação de transformar os nossos sonhos comuns em missões palpáveis e constatáveis por nós mesmos e por todos os beneficiários do serviço que desejamos realizar.

A nossa instituição participa de redes universitárias internacionais, continentais e nacionais pela sua identidade com a missão da Companhia de Jesus e da Igreja Católica, bem como por seu perfil comunitário. Como autêntica instituição inserida no contexto legal avaliativo nacional, é imprescindível cumprir rituais, ainda que cartoriais burocráticos, para que se expresse a vida que pulsa vibrante através de nossas ações e projeções. Centro Universitário verdadeiro, com qualificativos agregadores dos valores de pleno direito jesuíta, católico, comunitário.

2. A década 2010-2020

Uma década, dez anos cravados no calendário do Terceiro Milênio, tão decantado na expectativa de todos. Década, dez anos de construção no espaço e no tempo. A velocidade do tempo é relativa para quem age e para quem espera, para quem opera e para quem é operado. Para quem age autonomamente e para quem interage em grupo e equipe de estudo, pesquisa, TCC. Sempre se percebem vantagens e desvantagens: como ir ao essencial, passando pelas mediações, métodos, estratégias virtuais e reais? Como projetar e realizar? Quais as características da inovação, quando a tendência é de entregar resultados? “O princípio da loucura é fazer o que sempre fizemos e esperar resultados diferentes” (Albert Einstein).

O rio passa, separando terras e ilhas, podendo ser olhado pela força e vitalidade da água, podendo ser navegado ao longo de seu percurso. Ao ser usado como

via de transporte, exige itinerário definido, constatável, controlável, para conduzir a bom porto de chegada. Pode-se perguntar, continuamente: o que se faz e por quê? O que se espera e por quê? Qual o rumo? Qual o processo? Responder-se-á: qualidade com qualidade, promovendo a interação dos programas, apoiando a formação de pessoas que procuram e buscam, participam e colaboram, constroem e se tornam autores das próprias operações. Os cursos são autônomos metodologicamente, mas partilham programas, estudantes, docentes, técnicos, pesquisas, iniciativas, vida comum. Uma moradia surge da articulação de artes, ciências e saberes convergentes para bem viver, estar, trabalhar, servir, criar e descobrir: a ideia do projeto, arquitetura, mecânica, informática, telecomunicação, logística, física, química, hidráulica, lógica, elétrica, entre outras. As diversas atividades favorecem a autonomia da argumentação e do testemunho. Unindo o ensino à pesquisa, que a aula induza a pensar e pesquisar, transformando-se em verdadeira indutora para a plena expressão de talentos; que os processos de aprendizagem acompanhem o frágil, robusteçam o forte, estimulem o capaz.

3. As raízes fundacionais próprias

A comunidade universitária da FEI acompanha a história da instituição desde os seus primórdios. As intenções sonhadas pelos fundadores, articulados pelo carismático Pe. Saboia de Medeiros, foram as de oferecer ao Brasil a formação de capital humano de alta qualidade profissional, com visão multidisciplinar, ético em relação aos valores, atuando em nível regional, internacional e popular junto a lideranças ou coordenações, a fim de permitir, assim, que o Brasil realizasse políticas públicas de desenvolvimento industrial e tecnológico. Esta foi a principal razão pela qual, em São Paulo, nasceram a ESAN e a FEI, vislumbrando formar administradores e engenheiros, considerados os pilares para que houvesse um salto de qualidade



nacional, beneficiando toda a população e, ao mesmo tempo, projetando internacionalmente o Brasil e os brasileiros pela aptidão para desencadear cadeias e elos produtivos.

O objetivo era contribuir para o surgimento de um Brasil melhor, de modo que, através de métodos e estratégias para obter os melhores resultados com os poucos recursos disponíveis, contando com recursos humanos dotados de alta qualificação nas artes e ciências administrativas e gerenciais, fosse possível atender aos anseios da população. Um país que desenvolvesse técnicas novas e inventivas para a extração dos recursos naturais, a fim de colocá-los à disposição e serviço de todos nas diversas áreas, como: no saneamento básico, através da canalização de águas e tratamento de esgotos; na área de resistência de materiais metálicos e de diversas composições, como por exemplo, as tubulações; nos transportes automotivos para diversos usos industriais, facilitando o trabalho de fábricas e usinas, desonerando o preço do processo produtivo pela economia de tempo e de dispêndio de energia humana.

Estes primórdios espartanos exigiram dedicação e grande esforço na busca de colaboradores e de pessoas abnegadas, que, por sua inventividade, tornaram realidade o que era sonhado e projetado.

Nem sempre foi possível ultrapassar as artimanhas do imediato, pensando o longo prazo diante das armadilhas institucionais próprias das organizações complexas que, partindo de um projeto quase familiar de ação entre pares, vai crescendo e multiplicando exigências de seu caráter público e comunitário. As diversas prestações de contas, tanto ao público interno,

como aos controles do Estado, através da evolução dos projetos de política educacional e universitária, ajudaram a ultrapassar a ponte para uma institucionalização articulada dos serviços oferecidos nas Faculdades e das condições de qualidade requeridas para um Centro Universitário. Muitos dos senhores compartilharam estas experiências, os altos e baixos, as crises, os movimentos políticos, as limitações das liberdades democráticas e de comunicação ampla e irrestrita. Hoje, ainda, os diversos governos que se sucedem apresentam projetos sobre os direitos humanos englobando setores nevrálgicos para ambos os lados do confronto, entre o próprio governo e as vítimas das diferentes ações restritivas da liberdade de expressão, em ação política e tudo o mais que envolve a limitação para a democracia em um país. A nossa instituição está no tempo e, sempre marcada por ele, também passa por diversas evoluções.

4. As raízes fundacionais recentes

As Faculdades integraram-se como Centro Universitário por terem capacidade e condição para este passo de qualificação, o qual, por sua vez, exigiu maiores prestações de contas tanto à comunidade interna como externa. Isto se realiza através da Avaliação Institucional, com a qual todos estão habituados, ainda que às vezes manifestem pontos de vista complementares, para evitar que a visão possa ocultar parcialmente a realidade ou impedir um serviço de qualidade. Convergindo com a implantação do Centro Universitário, houve a consolidação da qualificação docente, dos tempos integrais, das linhas de pesquisa, dos programas de graduação

e de pós-graduação. Os mestrados caminham para a próxima avaliação da CAPES a fim de que possam ser geradores de nossos doutorados, tornando, assim, possível não só desenvolver os estudos nos diversos níveis, mas também reconhecer os títulos nestes níveis e áreas de competência.

A transformação em Centro Universitário dotou a instituição de autonomia parcial para não só conferir, mas também registrar os próprios títulos em sua Secretaria, não dependendo mais de universidades públicas para fazê-lo. Também o acesso aos Portais de Periódicos da CAPES, imprescindíveis para a rede de pesquisa, foi uma conquista para o Centro Universitário.

A pesquisa se desenvolve no *campus*, nas diferentes áreas e laboratórios, gerando produção científica que passa a ser divulgada em diversas publicações e eventos reconhecidos pela CAPES graças ao valor que agrega ao conhecimento nacional e internacional. O Centro Universitário tem ocupado espaço na Academia, em nível estadual, nacional e internacional, através da atuação dos pesquisadores e inventores que coordenam os projetos com a participação dos diversos graus envolvidos: a Iniciação Científica na graduação, os mestrados na pós-graduação, e os docentes da mesma área. Este registro de vida institucional é confirmado pela frequência com que são dirigidas à FAPESP, CNPQ, CAPES, FINEP ou congêneres solicitações de viagens, passagens, ajudas de custo, financiamento de projetos ou equipamentos, e pelos respectivos atendimentos aos pedidos enviados.

Em nível internacional, continua a busca por convênios de cooperação nas diversas áreas de ensino e pesquisa com a possível dupla titulação, visando a creditação entre países, além do bi ou trilinguismo. É o resultado do relacionamento institucional realizado pela Reitoria na participação de eventos associativos e, igualmente, dos contatos de pesquisador com pesquisador desde a base dos próprios estudos de qualificação, bem como na participação em congressos e encontros científicos especializados.

5. Conclusão: entre a realidade e a utopia

Para que tudo possa ocorrer, é necessário que tanto a Mantenedora como a Mantida estejam atentas para desenvolver e estimular as competências adequadas. Trabalhamos com pessoas e para a formação de pessoas. As colaborações envolverão sempre o ensino, a pesquisa e o estudo, com o oferecimento das condições essenciais à vida acadêmica, através de um ambiente e clima propícios ao conhecimento e à descoberta de novas possibilidades em cada área disciplinar e multidisciplinar. Penso nos laboratórios, nos espaços de estudo e reflexão, na biblioteca, nas redes de pesquisa, informação, nas redes de reitores, na graduação, na pós-graduação, na extensão comunitária e na pastoral, nos relacionamentos com as financiadoras oficiais de projetos, como nas empresas que poderemos motivar a assumir o patrocínio de projetos de alcance futuro.

Como a todos parece evidente, é um caminho já traçado, porém trilhado de maneira nova, procurando avançar além do conhecido e conquistado, em que cada membro da comunidade universitária é uma pessoa altamente qualificada não só no exercício de suas funções, mas capaz de oferecer apoio e contribuir para que a nova década seja de alta qualificação para o Centro Universitário. Avancamos no sentido do reconhecimento como Universidade de Pleno Direito e Autonomia, para que possamos atender melhor aos desafios da realidade e da conjuntura, iluminados pelo ideal utópico qual bússola que nos imanta em direção ao verdadeiro norte da qualidade jesuíta, católica e comunitária.

Na estação de metrô Imigrantes, há uma gravação no concreto, de Fernando Pessoa, a qual deixo como inspiração para nosso trabalho neste início do ano letivo: "Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim em cada lago a Lua toda brilha, porque alta vive". ▢

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

*Homilia na capela Santo
Inácio de Loyola,
campus SBC, por ocasião
da abertura da
Semana da Qualidade
(2º semestre de 2010)
e da comemoração de
Santo Inácio de Loyola.
São Bernardo do Campo,
28 de julho de 2010.*



SABER ESCUTAR A VOZ DE DEUS

Considero muito feliz a proposta de iniciar a cada semestre a Semana da Qualidade nesta capela, com a celebração da Eucaristia de Jesus. A Eucaristia gera vida e reconhecimento dos benefícios recebidos. Jesus, na Ceia de sua Paixão, gerou a Igreja através da comunidade apostólica e deu graças ao Pai pelos seus dons. Ele mesmo se oferece, através do pão e do vinho, para revelar o amor de Deus, gerando assim a vida, na fé de que Deus nos ama e está no meio de nós. Hoje, o celebrante oferece o pão e o vinho, frutos da terra, do trigo, da vinha e do trabalho humano, para que se transformem no pão da vida e no vinho da salvação.

Jesus agradece igualmente ao Pai: “Eu te bendigo, Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos e as ocultastes dos sábios e importantes.”

A celebração proclama a Palavra de Deus a fim de que nos deixemos envolver pela proposta divina para nossa felicidade e plena realização humana. A Palavra contém a revelação do proceder divino, interrogando pessoas concretas que foram respondendo ao apelo percebido como a elas dirigido, tornando-se interlocutores atentos ao próprio Deus que lhes fala, lhes inspira, lhes sugere caminhos próprios. São ouvintes d’Aquele que lhes fala na intimidade, tornando-se facilitadores

para que acertemos nossos passos. Eles são a garantia de que podemos avançar mais do que avançamos até agora; a certeza de que o futuro está aberto, esperando nossa resposta pessoal – resposta indelegável, para a qual não é possível passar procuração. Cada um de nós é único na sua relação com o Criador, que deseja que sejamos santos porque Ele é santo. Para isso, é necessário desenvolver o senso espiritual, a capacidade de escutar o modo como Deus quer se revelar a cada um de nós. E Ele o faz com lealdade.

Hoje, recebemos testemunhos muito fortes da ação íntima de Deus transformando pessoas em portadoras de convicções para toda a humanidade, a partir da própria percepção. Um profeta no livro do Deuteronômio revela o que descobriu: a lei de Deus é muito íntima a cada pessoa; o salmista compara o lastro da árvore bem enraizada à volatilidade da palha; Paulo escreve aos Filipenses como se sente e por que insiste; e, no Evangelho, João expõe como foram chamados os dois primeiros apóstolos por Jesus.

São textos formadores de muitas gerações. O profeta e o salmista, antes de Jesus, respondem às objeções apresentadas: como seguir os mandamentos de Deus? Seguir ou não seguir dá no mesmo? Qual a diferença?

O profeta responde incontinenti: os mandamentos do Senhor estão ao seu alcance, estão no seu próprio coração, na sua própria boca. Você os sente quando procede bem, como quando procede mal; você os sabe pela razão natural e pelo aprendizado em sua família, em sua cultura, em sua religião; a lei do Senhor faz parte de sua vida, está próxima, é acessível, é praticável. O profeta, por sua vez, justifica: ela não está no alto do céu para que possamos nos desculpar de que não a alcançamos, nem está na profundidade dos oceanos para que nos justifiquemos de que está além de nossas capacidades ou forças. O profeta afirma que Deus se aproximou da humanidade e a guia pelos caminhos de vida e de bênção a serem acolhidos, escolhidos, trilhados.

O salmista afirma a felicidade e a paz de quem segue a orientação do Senhor e a infelicidade de quem se faz

seu próprio caminho. A árvore bem plantada, irrigada, portadora de folhas e frutos, é a imagem escolhida para concretizar a idéia da bondade de Deus e de como Ele guia a humanidade para a felicidade. A palha seca, carregada pelo vento, que não tem onde pousar e está sempre sem segurança, sugere a situação de quem se torna referência de si mesmo, fechando-se espiritualmente à bênção e à vida divina a todos proposta, recusando, assim, a presença do Senhor que vela, guarda, protege e se antecipa às necessidades humanas.

No tempo de Jesus acontece o episódio descrito pelo Evangelho. No dia seguinte ao Batismo de Jesus, João Batista, o último profeta do Antigo Testamento, indica aos seus dois discípulos: “Eis o cordeiro de Deus!” Era Jesus que passava. Ambos deixaram João Batista e seguiram Jesus pelo caminho. Jesus, vendo-os em seu encalço, lhes pergunta: “que procurais?” “Onde moras?”, responderam-lhe. “Vinde e vede”, continuou Jesus. Eles foram, viram onde morava e permaneceram com ele nesse dia. Eram quatro horas da tarde. Os dois viram, ouviram, decidiram seguir Jesus. João os induziu, Jesus atendeu suas expectativas; por isso, mudaram suas vidas. Acompanhariam Jesus pelos caminhos da humanidade. O Evangelho registraria: “Ele veio entre os seus e aos que o receberam concedeu graça sobre graça, deu a capacidade de partilharem de sua plenitude” (João 1,11.16).

Paulo, aos Filipenses, escreve atestando ter descoberto o seu tesouro oculto, a sua pérola preciosa de valor inestimável, o bem supremo: conhecer Jesus Cristo, seu Senhor, seu Deus. Confirma que está a caminho, que sua vida terrena continua espaço de luta, de busca, de encontro. Descobriu que foi encontrado por Jesus Cristo. Ele me alcançou em minha vida estéril; por isso o acolhi e quero seguir em frente para ver se o alcanço, configurando-me com Jesus que se tornou para mim luz, sal, paz, caminho, a vida verdadeira.

Formamos uma comunidade de fé, esperança e ideal. Cada um de nós é chamado a fazer a sua experiência de espiritualidade, ou seja, a conviver com o próprio

Deus que não cessa de se revelar, propondo-se a nós como caminho verdadeiro para a vida que não termina com a travessia terrena.

A Igreja confiou-nos hoje estas quatro amostras da fecundidade da palavra de Deus a fim de que possamos crescer como os que a descobriram falante em si próprios e a partilharam conosco para que pudéssemos fazer nossa própria escuta da mesma palavra, que não se esgota em sua vitalidade divina.

Ficou tão envolvido que decidiu ajudar a humanidade, colocando por escrito o caminho que foi percorrendo e no qual encontrou a felicidade. Fez seus Exercícios Espirituais e os legou a todas as pessoas que desejem descobrir como Deus está presente no mais íntimo de si. Inácio de Loyola fundou a Companhia de Jesus, e nossa comunidade universitária procura ajudar com seus talentos a concretização de sua missão.

Concluindo, pode-se reconhecer que estamos em



A Igreja testemunha que muitas pessoas conseguiram ouvir a voz divina e propõe que, entre tantas, possamos fazer a memória hoje de um homem que se tornou santo porque soube ouvir a voz de Deus em momentos decisivos de sua vida e abriu um caminho, sugerindo a escuta da voz de Deus. Profundamente humano, repleto de autoestima e de dignidade, Inácio percebeu nas suas dificuldades e derrotas que podia avançar em qualidade na sua vida. Descobriu, ouvindo a voz de Deus, discernindo sua presença quando falava consigo mesmo, incentivando a própria imaginação.

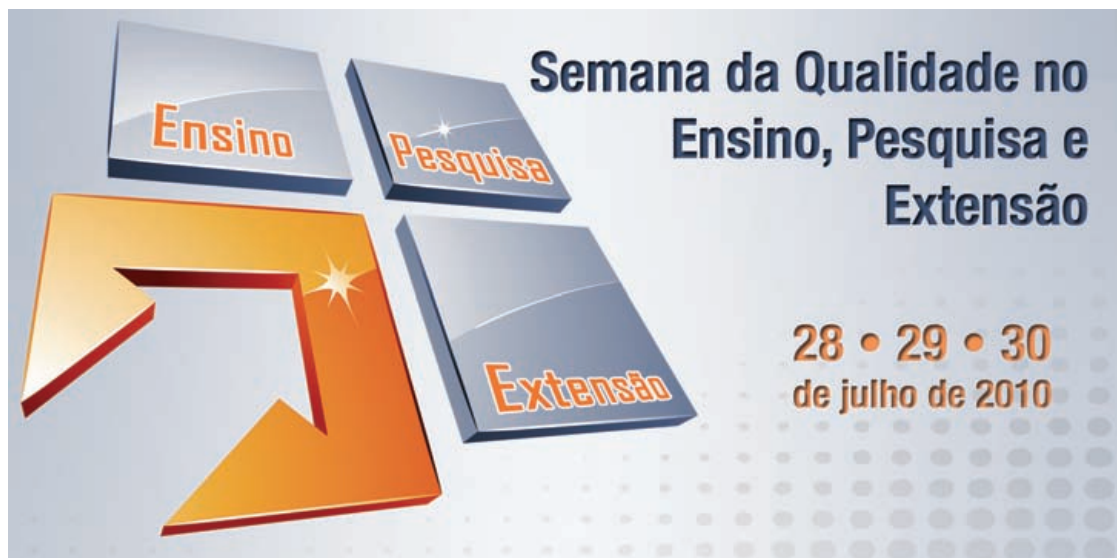
boa companhia. Nas várias gerações que nos precederam, homens e mulheres descobriram a alegria de ouvir e falar com Deus, perscrutar seus desígnios, conseguindo assim fundamentar, consolidar e aprimorar sua capacidade de discernimento continuamente. Acompanhamos profetas, salmistas e apóstolos desafiando nossa imaginação para que em nossas atividades, em nossas relações, em nossas profissões e famílias possamos crescer em qualidade e apoiar a melhoria da qualidade de nossa cidade e de toda a sociedade.

Que o Senhor nos alente nesta busca. Amém. □

VOZ DO PRESIDENTE

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Pronunciamento de
abertura da Semana da
Qualidade
(2º semestre de 2010).
São Bernardo do Campo,
28 de julho de 2010.*



UNIVERSIDADE: INTERNACIONALIZAÇÃO E VOCAÇÃO PARA O UNIVERSAL

Ao dar a todos participantes as melhores boas-vindas após as férias escolares, desejo realçar o esforço comum, no qual aplicam seus talentos e saberes, imaginação e criatividade, energia e fortaleza, no serviço comum para a melhor qualidade de nosso Centro Universitário da FEI. Somos responsáveis, através da delegação de autoridade em seus diversos níveis, pelo desenvolvimento articulado do Plano de Desenvolvimento Institucional de nossa comunidade universitária. Comunidade de alto nível humano, que se expressa no excelente relacionamento entre o corpo docente, funcional, discente intramuros e com as cidades nas quais nos situamos, realizando nossa vocação de ensino, pesquisa e extensão, com projeção social.

A comunidade universitária se constrói articulando a concretização dos sonhos e expectativas de cada pessoa em projetos, disponibilizando meios e ambientes, salas e equipamentos, laboratórios e instrumentos, acervo bibliográfico e banco de dados, aproveitando as oportunidades e recursos em vista de um futuro institucional lúcido, competitivo, inovador. Os avanços realizados no último semestre estão consignados na revista Domínio FEI, recém lançada, em seu número 4. Foram registradas as experiências, os resultados alcançados, as novidades da comunicação virtual, as reuniões internacionais realizadas e a se realizarem em breve.

À inesperada interrupção da vida entre nós do Reitor Márcio Rillo, se contrapõe a percepção da riqueza de

sua personalidade. Sua liderança firme, suave e eficiente, preparou o caminho para sua substituição na Reitoria, permitindo o prosseguimento da rota do Centro Universitário da FEI, ao qual ele se dedicou desde o delineamento do processo de seu P.D.I. inicial até sua implementação.

Felicitos os professores convocados para assumirem a liderança da tarefa de levarem adiante os projetos, as pesquisas e as renovações necessárias dos cursos em seus diferentes graus e níveis: de extensão, de graduação, de pós-graduação, de mestrado e dos futuros doutorados. As boas saudades tornam-se referência sólida para avançarmos com segurança e velocidade no melhor ambiente universitário e para conquistar o reconhecimento pela comunidade científica nacional e internacional, além das agências de fomento à inovação.

O Centro Universitário da FEI esteve presente em dois eventos internacionais, cuja temática indica caminhos e perspectivas que precisariam ser analisados e praticados em todos os cursos e coordenações para delinear qual universidade desejamos construir com nossa identidade e missão.

Na conferência “Modelando o futuro – consórcio jesuíta universitário para um mundo globalizado”¹, os participantes representavam a maior parte das IES ligadas à Companhia de Jesus nos cinco continentes. A conferência do Superior Geral, Pe. Adolfo Nicolás, S.J., foi instigante, inspiradora e prospectiva. O tema abordado foi “A Profundidade, a Universalidade e o Ministério instruído como desafios feitos à Educação Superior Jesuíta hoje”, em três partes:

1. *Como promover em profundidade o pensamento e a imaginação?* O Pe. Nicolás distinguiu imaginação da fantasia. Cultivar a imaginação para entender o mundo é condição para desenvolver nossa missão, e cada instituição precisa responder aos desafios no seu contexto e cultura. A imaginação é um processo criativo, ao passo que a fantasia é irreal, distrai da realidade. A imaginação, portanto, transforma a realidade. Para transformar as pessoas é preciso articular a imaginação, a criatividade, a percepção

de alternativas, a realidade e o senso crítico. Além disso, é necessário desenvolver mobilidade e agilidade para analisar os diferentes modelos. A educação jesuíta muda a nós mesmos e aos estudantes e funcionários no próprio processo educativo. O Superior Geral nos convida a desenvolver o senso de urgência, a habilidade para avaliar e solucionar, transformando a realidade.

2. *Redescobrir a universalidade para trabalhar em rede.* As relações internacionais são condição para ser uma boa universidade. Daí a importância da participação no grande projeto: *The Jesuit Universitas Net*, a fim de desenvolver cooperações e consórcios para superar o nacional e o continental. A vantagem dos consórcios é que permitem uma análise mais efetiva para solucionar problemas comuns, como a paz, a economia, a ecologia, os sofrimentos humanos e outros. Consórcios que visem tornar o mundo mais sustentável, promovendo valores como a justiça social e a ecologia.
3. *Renovando o compromisso jesuíta para com o ministério instruído e intelectual.* Para Santo Inácio de Loyola², quanto mais universal for um bem, tanto mais divino será, ou mais conforme à vontade divina. Buscar o bem mais universal foi a razão para que a Companhia, ainda no tempo de Inácio, aceitasse as universidades como missão, por insistência de seus conselheiros, Pe. Polanco³ e Pe. Nadal⁴.

No II Encontro Internacional de Reitores da *Rede Universia* de universidades⁵, participaram 1109 universidades iberoamericanas e 44 de outros países. Durante a plenária final, o reitor da Universidade de Cantábria, Federico Gutiérrez-Solana Salcedo, Presidente do comitê científico, apresentou em três pontos as conclusões da reunião, com o título: “Agenda de Guadalajara: Por um espaço Ibero-Americano do Conhecimento Socialmente Responsável”.

I - Princípios Básicos:

1. O papel estratégico das universidades na sociedade

¹ Na Cidade do México, de 21 a 25 de abril de 2010, participaram: Prof. Márcio Rillo, Profa. Rivana Marino e Pe. Peters, S.J., representando o Centro Universitário.

² Inácio de Loyola, com seus companheiros da Universidade de Paris, fundou a Companhia de Jesus a partir do voto de consagração a Deus, em Montmartre, Paris, no dia 15 de agosto de 1534. São eles, por ordem de entrada no grupo: Francisco Xavier, 19 anos; Pedro Fabro, 19 anos; Inácio de Loyola, 37 anos; Simão Rodriguez, 17 anos; Diego Lainez, 21 anos; Nicolau Bobadilha, 24 anos; Cláudio Jay, 32 anos; Pascoal Broet, 32 anos; e João Batista Coduri, 23 anos.

³ João Afonso Polanco foi secretário do Geral da Companhia, Santo Inácio de Loyola.

⁴ Jerônimo Nadal entrou para a Companhia em 20 de novembro de 1545.

⁵ Na cidade de Guadalajara, México, de 31 a 01 de junho de 2010.

- do conhecimento e o potencial de trabalharem em rede de comunicação;
2. A educação e o conhecimento como poderosos instrumentos para a transformação e o progresso da sociedade;
3. A exigência de intensificar as relações universitárias em rede para articular a Ibero-América ao redor do conhecimento;
4. Esse propósito requer um programa de mobilidade e intercâmbio docente e discente;
5. Também são necessários a convergência e o reconhecimento dos estudos, títulos e profissões, bem como a avaliação e credenciamento de qualidade para garantir a confiança mútua.

II. As propostas:

1. Primeiro Eixo: a universidade comprometida: a dimensão social da universidade;
2. Segundo Eixo: a universidade sem fronteiras: a mobilidade e a internacionalização universitária;
3. Terceiro Eixo: a universidade formadora: a qualidade docente e a renovação dos conteúdos de ensino;
4. Quarto Eixo: a universidade criativa, empreendedora: pesquisa e transferência do conhecimento;
5. Quinto Eixo: a universidade eficiente: em recursos, organização e funcionalidade.

III. O compromisso universitário foi destacado:

1. A ocasião excepcional de reunião tão concorrida de universidades e o valor que representa;
2. A convicção de que a universidade é um poderoso instrumento articulador da realidade iberoamericana;
3. A transmissão da existência de um “espírito de Guadalajara” que permitiu coincidir nos cinco eixos elencados, que possibilitarão o desenvolvimento de um espaço iberoamericano do conhecimento e para a sociedade iberoamericana, recolhidos nesta Agenda de Guadalajara. Como é possível constatar nos dois encontros, há convergência de agendas articulando as expectativas

universitárias dos cinco continentes da terra. A reunião da Companhia de Jesus, olhando a realidade a partir da missão universitária, motivou todos os participantes e as IES representadas a reverem sua situação, criando os indicadores que permitam uma avaliação em vista da melhor evolução em seu fazer universidade, respondendo à vocação universal dada a cada um pelo próprio Deus, vocação que exige qualidade, reciprocidade, abertura para o presente e para o futuro.

O Encontro de Reitores da *Rede Universia*, patrocinada pelo Banco Santander, convergiu para a vocação universal da universidade, de seu serviço social no local onde se situa, na interlocução entre os currículos e profissões, na seriedade de critérios que sirvam como garantia da confiabilidade e da sustentabilidade do processo. Parece-me um momento forte para motivar a todos participantes da ventura de consolidar este Centro Universitário como universidade de pleno direito e autonomia constitucional. Foram dados os passos com a apresentação dos três doutorados propostos pelos conselhos dos mestrados ao processo avaliativo da CAPES. A Reitoria e as respectivas coordenações acompanharão o processo para que tal passo seja dado. Desenvolver os mestrados e os doutorados, garantindo a própria sustentabilidade, é uma condição sem a qual se torna difícil a missão que nos é solicitada: realizar acordos e convênios de cooperação em pesquisa e no ensino com dupla titulação, grandes motivadores para toda a comunidade docente e discente.

Integrando a agenda institucional de internacionalização, o Centro Universitário da FEI sediará, de 23 a 27 de julho de 2012, a Assembleia Geral da Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC), que representará importante oportunidade para incrementar os relacionamentos interinstitucionais em vista de uma maior cooperação e mútuo reconhecimento.

Expressando grande otimismo e esperança, desejo sucesso a esta Semana de Qualidade recém aberta, que apresenta uma agenda forte para a reflexão e a maturidade institucional de nosso Centro Universitário. ▢

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Homilia da Celebração
Eucarística realizada por
ocasião da visita do Revmo.
Provincial, Pe. Ednardo
Serafim de Souza, ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
13 de setembro de 2010.*



HOMILIA DA MISSA DA VISITA DO PE. PROVINCIAL AO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

A Paz e a Esperança na Ressurreição de Jesus Cristo!

Com muita esperança, expressamos nossa fé, reunidos nesta capela que faz parte da paisagem do local de nossos trabalhos, encontros, participações e atividades; de nossas vidas. A capela afirma uma presença simbólica em nosso *campus*, santificando o espaço propício para a união íntima com Deus, para o repouso espiritual necessário ao reequilíbrio de nossas

emoções, razões, intenções e afeições. É o espaço para estarmos a sós com Deus e conosco, para estarmos em comunidade de fé, esperança e ideais. Em nossa capela, estamos sempre à vontade, sentindo-nos bem recebidos e desejosos de estar ao alcance da voz de Deus que ressoa em nosso íntimo. Voz que suscita um ritmo para sua percepção, orientando nossos projetos de vida e de trabalho.

VOZ DO PRESIDENTE

Deus se manifesta em cada um de nós e cabe a nós ir descobrindo, despertando, atentando aos chamados, desenvolvendo uma atenta atividade espiritual, pois almejamos chegar ao alcance dos dons divinos, atingindo altos níveis de contemplação em nossa ação. Vamos criando, assim, uma atmosfera, um ambiente no qual captamos os sinais e as ondas da vontade benigna de Deus por nós. A capela é nosso laboratório mais adequado para calibrar as nossas experiências profundas com o Senhor da Vida, a serem traduzidas nas expressões de nossos cotidianos.

A celebração eucarística prepara o clima para as atividades que desenvolveremos em comum. O Pe. Provincial, visitando-nos com sua presença e palavra, testemunhará a qualidade que desenvolvemos argutamente para a formação continuada das pessoas, através das atividades de ensino, pesquisa, extensão e serviço comunitário. Constatará a contribuição de cada integrante de nossa comunidade acadêmica e administrativa, a serviço da missão universal da Companhia de Jesus, concretizando os ideais, transmitindo e vivendo os valores mais elevados de eficiência, cooperação, lealdade e paz aos quais aspira toda a humanidade. A Companhia de Jesus nos propõe a sua marca, sua grife, carregada desde os primórdios fundacionais, atualizada para o presente, voltada para o futuro. Como na Igreja primitiva, foi necessário descobrir a ação divina influen-

do em toda a humanidade através de cada cultura. Na Companhia de Jesus contemporânea, ficou expressa a necessidade de trabalhar em redes de cooperação entre as pessoas, entre as universidades e obras similares, influenciando na cultura de nosso tempo. Para tornar possível o sonho, é necessário o desenvolvimento da imaginação criativa para superar todos os confrontos que impedem uma maior interação, uma plena coo-

peração. O mundo perde fronteiras entre culturas, línguas. O Centro Universitário ultrapassa limites físicos e intelectuais, criando no ambiente do *campus* uma cultura que possa ser reduplicada em todos os espaços em que nossos colaboradores, professores, estudantes, funcionários e profissionais aqui formados atuarem, influírem, exercerem liderança. Passos para os avanços são estimulados pelo modo próprio do seu Projeto de Desenvolvimento Institucional.

A visita do Pe. Provincial, através da palavra, da escuta, do intercâmbio e do diálogo, promove e incentiva a concretização desta missão através de nossa atuação e proposta para a comunidade, a sociedade, o Estado e o País. Profundamente enraizados onde estamos sediados e, simultaneamente, abertos ao campo sem fronteiras que o conhecimento e a inteligência oferecem. A nossa visão ampla abarca os níveis regional, nacional e internacional.

A Carta de São Paulo aos Coríntios externa o ambien-



te no qual é necessário celebrar as reuniões cristãs. Ele, como educador firme, constata um desequilíbrio entre as pessoas da mesma comunidade. Uns comem e bebem demais, outros passam fome, tudo em público, no ambiente da celebração. Deseja que as reuniões sejam somente para o bem, em função do bem público, sem detrimento das pessoas. Para isso evoca o seu testemunho. Como foi que chegou a conhecer a ceia do Senhor? Solenemente, afirma: “na noite de sua Paixão, Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei-o em memória de mim. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse: este cálice é a nova aliança em meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei isto em minha memória”. Paulo afirma que a celebração eucarística tem um sentido firme para orientar a comunidade cristã ao amor e à fraternidade. Como é estimulante para cada um refletir: quando o pão consagrado é distribuído em comunhão, cada pessoa que o recebe forma parte do corpo de Cristo, partilhado para a salvação de toda a Humanidade. A Eucaristia forma o Corpo de Cristo, que é a Igreja, na qual somos parte viva deste corpo, cada um com suas graças, talentos e carismas.

O Salmo afirma que o próprio Deus abriu nossos lábios para falar com Ele, para falar d’Ele, para testemunhar, para proclamar os grandes feitos do Senhor,

que, por sua vez, nos confirmam no prazer de realizar a sua vontade. Vontade divina que se propõe como a nossa plena felicidade.

São Lucas, no Evangelho, conta um milagre diferente. Um centurião romano tem um escravo ao qual devota muita estima. O escravo está doente, às portas da morte. O centurião envia uma representação de judeus até Jesus, pedindo pela vida do escravo. Jesus atende e,

já a caminho, recebe outra representação do centurião, expressando que Jesus não precisaria dar-se ao trabalho de ir até o escravo; bastaria dar a ordem divina, porque ele, humano, dava ordens aos seus subordinados. Jesus, surpreso, manifesta que a fé do centurião era tão especial que não encontrara semelhante no povo de Israel. O centurião, reconhecendo a autoridade de Jesus, expressou tamanha fé a ponto de obter o milagre. Não foi o milagre que levou o centurião à fé, mas sua fé operou o milagre. Não foi Jesus o autor de sua fé, mas o Pai celeste que move os corações quem levou o centurião à descoberta do poder de Jesus.

Na escuta atenta à Palavra de Deus, na partilha do

pão consagrado, corpo de Jesus, a nossa comunidade acadêmica se renova como corpo consagrado à missão que a Companhia de Jesus nos propõe no campo do apostolado intelectual e do serviço universitário. Que o Senhor que nos reúne, ratifique os nossos bons desejos e procederes. Assim aconteça. Amém. ▢



ACOLHIDA AO REVMO. PROVINCIAL, PE. EDNARDO SERAFIM DE SOUSA, S.J.

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI**

*Pronunciamento na reunião
do Conselho de Curadores
da FEI por ocasião da visita
do Provincial ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
14 de setembro de 2010.*



Da esquerda para a direita: Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J., Prof. Dr. Fábio do Prado, Pe. Ednardo Serafim de Sousa, S.J., Profa. Dra. Rivana B. F. Marino e Prof. Dr. Marcelo A. Pavanello.

Acolhemos o Pe. Provincial da Companhia de Jesus para sua visita anual a nossa Instituição para, estreitando os relacionamentos pessoais e institucionais, apresentar a missão universal da Companhia de Jesus concretizando-se nesta enorme Província, abrangendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Tocantins e o Distrito Federal – Brasília.

É parte do exercício de sua missão ouvir como cada responsável desenvolve seu trabalho no grande projeto apostólico que é a FEI, focalizado na formação de pessoas através de nossos cursos superiores e na constituição de uma comunidade acadêmica universitária, na qual cada pessoa é envolvida nas diversas funções docentes, discentes e funcionais, nas atividades de ensino, pesquisa, ação comunitária e extensão.

Ontem visitou o nosso *campus* de São Bernardo, presidindo a celebração eucarística, reunindo-se com a Reitoria, o corpo docente e funcional, participando do *brunch* oferecido a todos, partilhando com os coordenadores de cursos e chefias administrativas um diálogo sobre a

missão, como é expressa pela autoridade da Companhia de Jesus e como é realizada através da criatividade, inteligência e vontade de cada um dos integrantes da equipe institucional. À noite houve um jantar exclusivo com o Provincial, participando a equipe da Reitoria e a Presidência.

Hoje o dia começou com a celebração eucarística, seguida de café da manhã com todo o corpo funcional, reunião com a Diretoria e agora com o Conselho de Curadores.

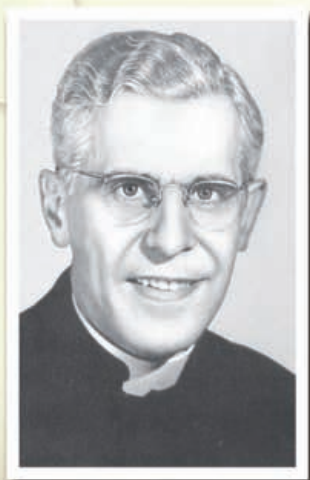
É gratificante para a FEI contar com dois dias intensos de convívio com o Superior Provincial, possibilitando a escuta dialogante sobre as oportunidades que se delineiam para

toda a Companhia de Jesus e que agregarão valor a nossa marca e modo de proceder. O Pe. Provincial percebeu o potencial institucional para concretizar e dar visibilidade ao carisma próprio da Companhia de Jesus junto a várias instituições de ensino e de pesquisa, universidades, centros de pesquisa, de difusão da cultura, de formação de opinião pública e cidadania.

Agradeço ao Pe. Provincial, que aceitou mais uma vez ajustar sua agenda de trabalho à nossa, permitindo a racionalização do tempo e evitando retrabalho de nossa parte. Como instituição mantenedora, ouviremos sua palavra, expressaremos nossas curiosidades, dúvidas e sugestões para torná-las vida em nosso planejamento estratégico – P.D.I. (Projeto de Desenvolvimento Institucional), visando a sustentabilidade institucional, sua visibilidade pela qualificação do ensino, da pesquisa, da extensão e ação social, em meio à concorrência tão grande no campo da educação universitária.

Pe. Ednardo, seja muito bem vindo, sinta-se bem acolhido e à vontade em sua casa. ▢

70 anos de história



*Pe. Saboia e a
Fundação da ESAN*

Armando Pereira
Loreto Jr.¹

PE. SABOIA E A FUNDAÇÃO DA ESAN ESCOLA SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS

O 70º aniversário da inauguração da Escola Superior de Administração de Negócios – ESAN, pioneira do ensino de Ciências Administrativas no Brasil e na América do Sul, será comemorado no dia 4 de março de 2011 vindouro. A ocasião é auspiciosa e oportuna para tratar da sua criação e implantação, resgatando um pouco da história de seus primórdios e da ação social empreendida por seu fundador, o Padre Roberto Saboia de Medeiros, S. J. (1905-1955)². Ele nasceu na cidade do Rio de Janeiro, filho de José Saboia Viriato de Medeiros, um advogado e jurista respeitado. O seu hábito de leitura foi incentivado desde cedo pela sua família, que era portadora de grande cultura intelectual e religiosa. Cursou Filosofia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, mantida pela Companhia de Jesus, na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Foi professor do Colégio São Luís, em São Paulo, e estudou Teologia nas Faculdades do Colégio Máximo de San Miguel, na Província de Buenos Aires, na Argentina. Era doutor em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, professor do Instituto Superior de Cultura Religiosa e membro fundador do Instituto de Direito Social, em São Paulo. Foi nomeado professor catedrático da primeira cadeira da disciplina Filosofia na Universidade Católica do Rio de Janeiro, a primeira fundada no Brasil, em 15 de janeiro de 1946.

Os Ideais e o Projeto do Fundador da ESAN e da FEI

O surgimento da Escola Superior de Administração e Negócios – ESAN e da Faculdade de Engenharia

Industrial – FEI estava inserido em um projeto mais amplo, o da criação de universidades católicas no Brasil. O projeto preliminar do Padre Saboia era criar uma escola de administração e uma faculdade de ciências práticas e técnicas para depois agregá-las à Universidade Católica, que viria a ser fundada em São Paulo, o que de fato se concretizou. A existência desse projeto ficou evidenciada em algumas correspondências do Padre Saboia ao seu pai, José Saboia Viriato de Medeiros (1877-1969)³.

O Padre Saboia manifestou em diversas ocasiões o desejo de fundar ou pelo menos ajudar a criar uma Universidade Católica no Brasil. Essa vontade pode ser comprovada em algumas correspondências que enviou ao seu pai. No dia 7 de dezembro de 1933, época em que estudava filosofia na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, escreveu:

“ Até vejo uma vantagem em passar pelo menos um ano na Argentina. E é que, se consigo levar a efeito a minha ideia de uma Universidade Católica, será bom ter travado na Argentina conhecimento com outros jesuítas. Cada vez que considero os incalculáveis frutos que pode dar uma Universidade Católica – com todos os requisitos, à altura da ciência, com direitos reconhecidos pelo governo a diplomar e formar – mais me confirmo neste plano. Onde a minha

1 Professor do Depto. de Matemática do Centro Universitário da FEI.

2 Este breve resgate foi retirado, em grande parte, da tese de doutorado defendida por Armando Pereira Loreto Junior, no ano de 2008, no Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e intitulada A Faculdade de Engenharia Industrial: fundação, desenvolvimento e contribuições para a sociedade na formação de recursos humanos e tecnologia (1946-1985), disponível no site da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na biblioteca do Centro Universitário da FEI.

3 Pe. P. A. Maia, S. J., Introdução aos Excertos das Cartas do Padre Roberto Saboia de Medeiros, S. J., (1922-1954).

curiosidade pelo funcionamento, pelos programas, o regimento, a vida interna de todas as Universidades⁴. ”

As ideias e os conceitos do Cardeal John Henry Newman (1801-1890), inglês, que organizara e lançara os fundamentos da Universidade Católica de Dublin, de 1850, influenciaram profundamente o Padre Saboia. Ele considerava que o papel do professor é fundamental no processo de aprendizagem. É possível aprender as ciências nos livros, mas para captar a alma da ciência é necessária a atuação do professor e o intercâmbio entre professor e aluno. Não existe livro, nem existe esforço autodidata, que substitua uma entonação de voz, uma resposta à pergunta que aflorou à mente do aluno, uma conversa depois das aulas. Nos livros não existem olhares, gestos nem meneios de cabeça. Em uma universidade, onde os vários professores atuam em suas diversas áreas, as ciências podem se completar de uma forma continuada, à procura da cultura do saber pelo saber.

Uma universidade católica não deve ser apenas um púlpito para ensinar religião, mas uma vida em que a religião é a alma. A livre investigação científica se equilibra com os estímulos das verdades reveladas. E as verdades reveladas ficam melhor entendidas com as esporas da livre investigação científica. Era o ideal do Papa Leão XIII, quando dizia que a Igreja não tem medo da verdade. A verdade liberta e desencadeia a tendência a conquistar o mundo para subir a Deus. A espiritualização da Terra não deve suprimir a verdade, mas impregná-la de caridade. Nesse contexto, teremos uma universidade realmente católica⁵.

No ano de 1937, de volta ao Brasil, o Padre Saboia relatou ao seu pai a ideia do Cardeal Dom Leme a respeito da criação de uma única universidade católica, que seria a Universidade Católica do Brasil e os planos do Cardeal Arcebispo de São Paulo de fundar uma universidade católica em São Paulo:

“ O fato de arromba foi que no passado dia 27, D. José, o Arcebispo de São Paulo, reuniu no palácio os superiores das principais ordens de São Paulo e me fez assistir essa reunião. Lembra-se o senhor de que quando ele ainda estava em Itanhaém, fui ter com ele e lhe expus os planos universitários. A semente frutificou. A reunião foi uma espécie de mobilização para que todos prestassem o seu auxílio e mandassem alunos. Foi nomeada uma comissão: o reitor da Faculdade de São Bento, o reitor do Colégio Salesiano e eu, para estudar o modo concreto de realizar. Talvez o senhor se admire vendo falar de Universidade. É que D. Leme não quis saber do plano de uma só Universidade, com Faculdades espalhadas por todo o Brasil. Prefere uma inteira no Rio e, se aqui aguentam, outra. Nós começamos primeiro. O filho querido, Roberto. Dezembro de 1937⁶. ”

“ Estou trabalhando intensamente na organização da semana da ação social: de tanto mais trabalho, quanto mais ela deve ser para movimentar a fundo as ideias e a prática. Quero apresentar logo ao arcebispo que ele se ative para que se comece já uma Faculdade de ciências e práticas técnicas. Assim poderíamos ter uma Universidade Católica e não só as Faculdades católicas. O filho muito amigo, Roberto. São Paulo, 4 de julho de 1940⁷. ”

Nestes trechos de sua correspondência, pode-se entrever que o Padre Saboia já trabalhava no

70 ANOS DE HISTÓRIA

4 Ibidem.

5 J. H. Newman, *Origem e Progresso das Universidades*, pp. VIII-XXI.

6 Pe. P. A. Maia, S. J., *Introdução aos Excertos...*

7 Pe. P. A. Maia, S. J., *Introdução aos Excertos...*

70 ANOS DE HISTÓRIA

seu projeto de criação de escolas profissionais, de faculdades católicas e na possibilidade de se criar uma Universidade Católica em São Paulo.

Instalou-se em São Paulo, no ano de 1940, a “Comissão Permanente de Ação Social”. Em 18 de janeiro de 1944, conforme consta de registro público, o Padre Saboia transformaria a Comissão na entidade “Ação Social”, de assistência social, sem fins lucrativos, com objetivo de estudar e fomentar toda espécie de trabalho social, inspirado na Doutrina Social da Igreja. Mais tarde, em 17 de outubro de 1976, vinte e um anos após a morte de Padre Saboia, seu fundador e primeiro presidente, a “Ação Social” passou a denominar-se “Ação Social Padre Saboia de Medeiros”.

O próprio Padre Saboia, em uma carta dirigida aos seus cooperadores, expôs os objetivos da “Ação Social”:

“esforçar-se, como manda a Santa Igreja, pela voz dos Soberanos Pontífices, pela recristianização da sociedade, isto é, fazer com que os ideais de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam vividos pela sociedade. Para alcançar esse objetivo não se pode ficar martelando numa tecla só. Não é como construir um hospital, é passar nisto a vida toda. Não é como abrir uma escola e consagrar-se à educação da juventude. Mas é englobar estas atividades e muitas outras numa ação de conjunto, de modo que por vários canais chegue ao corpo social a injeção revigorante do Evangelho”.”

Na verdade, o Padre Saboia era um homem de visão e perspicácia extraordinárias, pois, apesar de a Companhia de Jesus só ter oficialmente adotado e incorporado a participação dos leigos nas atividades da Companhia após a realização do Concílio Vaticano II, em 1965, ele já adotava esse procedimento desde

1939. Esse fato foi confirmado pelo Padre Peter-Hans Kolvenbach S. J., Superior Geral da Companhia de Jesus, em discurso pronunciado aos dirigentes e membros da comunidade acadêmica da Fundação de Ciências Aplicadas, no dia 11 de dezembro de 1992:

“ Padre Saboia encontrou no ensinamento social da Igreja, que explicita e atualiza a mensagem evangélica no tocante à vida em sociedade, a fonte de inspiração para a formação de profissionais que unissem indissoluvelmente ciência e consciência. Ele tinha em mente promover nos jovens a capacidade de contribuir por seu saber para o desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, despertar a sua sensibilidade para a problemática social, de modo que suas decisões também no campo profissional e político fossem orientadas segundo os princípios cristãos da justiça social”.”

“ Para realizar o seu projeto, ele recorreu à cooperação de cristãos leigos e homens de boa vontade, que compartilhavam os seus princípios e os seus ideais. Ele não pretendia criar uma obra clerical, dirigida pela hierarquia ou por uma congregação religiosa. No modelo que introduziu, a direção das instituições foi confiada a colaboradores dedicados que assumiram juntamente com ele a responsabilidade de seu funcionamento”.”

“ Como um verdadeiro precursor, também nesse ponto, ele antecipava as orientações do Concílio Vaticano II

9 *Notícias da Província do Brasil Central. 3a Série, ano XIX, número 1, junho de 1945, p. 36.*

10 *Pe. H. Kolvenbach S. J., Visita do Padre Geral ao Brasil. Alocuções e Homílias, p. 50.*

11 *Ibidem, p. 51*

sobre a missão do leigo na Igreja. Ele percebeu que o concurso de cristãos, plenamente inseridos na vida e nas tarefas da cidade dos homens, era indispensável para a inculturação do Evangelho no mundo atual¹². ”

O Padre Saboia elaborou estratégias para atingir, ao mesmo tempo, o patrão e o operário, elementos-chave no mundo trabalhista, e colocou tais estratégias em prática. Implantou escolas especializadas para os futuros dirigentes das indústrias, com a finalidade de preparar os diversos profissionais com eficácia e competência, e também de dar-lhes uma formação cristã para guiá-los no desempenho das suas funções como patrões. Concomitantemente, instituiu vários organismos voltados para os trabalhadores, para que se aperfeiçoassem tecnicamente e se conscientizassem dos seus direitos e obrigações. No quadro a seguir, que é a reprodução de um folheto utilizado nos comunicados e cartas da “Ação Social”, estão exemplos destes organismos.

A ação social empreendida pelo Padre Saboia repercutia profundamente na sociedade daquela época e era

noticiada nos jornais e revistas de grande circulação. Uma reportagem intitulada “Facadas e Canivetadas”, publicada na revista *O Cruzeiro* de 27 de agosto de 1949, descreveu o Padre Saboia, as suas obras e o seu imenso trabalho para conseguir angariar fundos para patrociná-las.

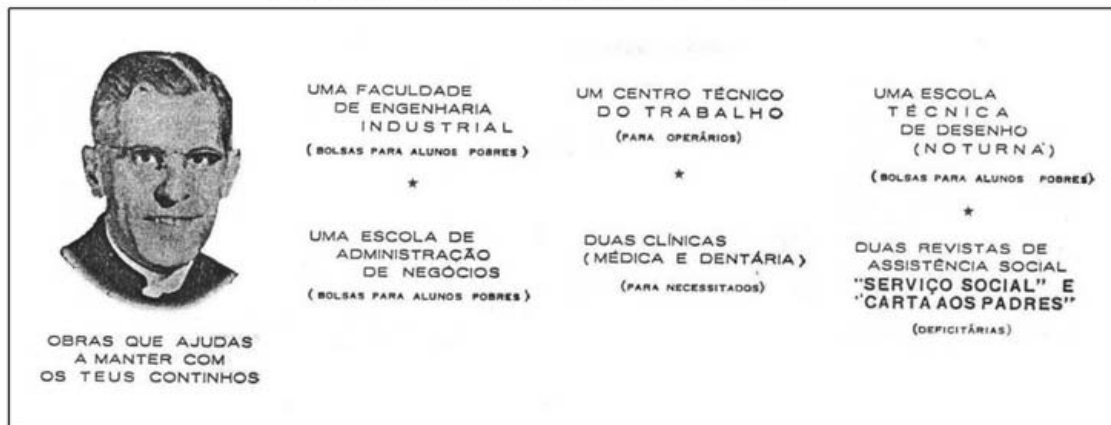
Com a participação e consequente valorização dos cristãos leigos, desenvolveu-se a obra social idealizada e promovida pelo Padre Saboia, que era exercida em três ramos distintos: o doutrinário, o educacional e o assistencial.

A Escola Superior de Administração de Negócios - ESAN

As escolas fundadas pelo Padre Saboia demonstram a sua ampla visão, o seu espírito criador e a sua perseverança, pois enfrentou muitas dificuldades para criá-las e mantê-las. Em plena Segunda Guerra Mundial era difícil antever o desenvolvimento que viria com o pós-guerra e, com ele, a necessidade crescente de gestores especializados para administrar racionalmente os negócios no Brasil.

Embora a ESAN tenha nascido oficialmente em 1941, as referências aos seus planos e preparativos

Folheto divulgando as obras do Pe. Saboia



Fonte: Acervo do Prof. Joaquim Ferreira Filho

12 Pe. H. Kolvenbach S. J., *Visita do Padre Geral ao Brasil. Alocuções e Homílias*, p. 52.

70 ANOS DE HISTÓRIA

para as escolas já estavam presentes antes, nas correspondências do Padre Saboia com seu pai. Em carta datada de 7 de maio de 1940, encontramos o seguinte trecho:

“ Amanhã será a primeira aula das conferências preparatórias para a Escola de Administração e Negócios. Um grande abraço, Roberto¹³. ”

Em outra carta, datada de 1 de agosto de 1940, o Padre Saboia relatou ao seu pai os seus planos:

“ Além disso, [estou preparando] uma Faculdade de Ciências Técnicas e Administrativas. Cheguei à fórmula de organização de uma sociedade de cotas limitadas entre certo número de amigos bem provados, cada um podendo ter uma ou mais cotas. Feita a sociedade, esta possui a Faculdade e a funda, convidando para assumir a diretoria a mim com dois ou três outros. Depois do funcionamento da Faculdade por um certo tempo, tudo indo bem, pede-se incorporação à Universidade Católica. O filho que pede a bênção Roberto¹⁴. ”

No dia 19 de novembro de 1940, em carta ao seu pai, o Padre Saboia voltou a tratar da ESAN, das dificuldades na obtenção de recursos e dos esforços empreendidos para organizar essa escola:

“ O grande trabalho é sobre a Escola de Administração e Negócios. Acabei de escrever um prospecto. Cheguei de uma conversa de uma hora com um dos diretores da Federação das Indústrias e influente na associação comercial. As esperanças são muitas,

os auxílios estão chegando. Mas o pulo que a gente tem que dar para organizar, caçar professores adequados, é alto e extenso, à noite tenho que ir à Faculdade de Direito, onde promovi três conferências do Pe. Pierre Charles. Um grande abraço do Roberto¹⁵. ”

No dia 23 de janeiro de 1941, o Padre Saboia relatou, em uma carta ao seu pai, que havia visitado várias organizações da Argentina e do Uruguai, colhendo subsídios para a organização da escola:

“ Aproveitei ao máximo a minha viagem à Argentina e ao Uruguai. Visitei vinte instituições e conversei com personagens representativos do campo social. Agora estou em plena organização da escola. As adesões estão chegando numerosas. O filho muito amigo Roberto¹⁶. ”

O projeto da ESAN surgiu com o intuito de suprir a demanda dos quadros de dirigentes da indústria e do comércio pela formação de profissionais preparados e qualificados. O objetivo do Padre Saboia era formar administradores de empresas para as funções de chefia e direção. Esses profissionais seriam absorvidos por firmas comerciais e industriais do Estado de São Paulo, pois havia carência, na época, de profissionais técnicos e culturalmente habilitados para assumir essas responsabilidades nas empresas. Ao que parece, como ainda não existia uma escola similar no Brasil, o Padre Saboia baseou-se, para criar a ESAN, no modelo vigente na Graduate Scholl of Business Administration, da Universidade de Harvard (EUA), que era um instituto famoso, dotado de um currículo que o tornava respeitado no mundo inteiro¹⁷.

Dentro desse contexto, foi inaugurada a Escola

13 Pe. P. A. Maia, S. J., *Introdução aos Excertos...*

14 *Ibidem*.

15 Pe. P. A. Maia, S. J., *Introdução aos Excertos...*

16 *Ibidem*.

17 Pe. J. C. de Souza, S. J., Pe. Roberto Saboia de Medeiros, S. J. - *Apóstolo da Ação Social*, p. 107.

Superior de Administração de Negócios, ESAN, no dia 4 de março de 1941 e posteriormente foi agregada à Universidade Católica de São Paulo, como um Instituto Complementar da mesma.

Folheto de divulgação da Escola de Administração de Negócios da Ação Social - ESAN



Fonte: Acervo do Prof. Joaquim Ferreira Filho

A Escola Superior de Administração de Negócios funcionou, desde a sua fundação até o ano de 1994, no prédio da Rua São Joaquim 163/180, no bairro da Liberdade, em São Paulo. Mudou-se, então, para a sede própria na Rua Tamandaré 688, no mesmo bairro. Na época da sua fundação, em 1941, havia uma série de exigências para que a escola obtivesse uma autorização, em caráter condicional, para funcionar, tais como: a mantenedora devia demonstrar capacidade financeira para sustentar a escola, deviam existir edifícios e instalações apropriadas sob o ponto de vista "pedagógico e higiênico" para o ensino, e as estruturas administrativa e didática deviam ser condizentes. Também era necessário justificar por que se criaria essa escola na localidade pretendida, assim como as condições culturais ali existentes.

Obtida a autorização de funcionamento, era necessário obter o reconhecimento dos cursos, o que era feito pelo Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação e Cultura. Em virtude da legislação vigente, os alunos que cursavam a ESAN recebiam, ao final do segundo ano de curso, um certificado de Administrador-Vendedor, e depois de mais dois anos de estudo, o certificado de Técnico

em Administração e Negócios. Os alunos estudavam noções de Direito Civil e Comercial, Economia, Matemática Comercial, Contabilidade, Legislação Fiscal, Princípios de Estatística e Línguas Comerciais (Francês e Inglês), e mais algumas matérias congêneres, além de Religião, que era ministrada em todos os cursos mantidos pela Ação Social.

A escola ainda não era reconhecida e não conferia um diploma de graduação, nem havia colação de grau. Apenas no ano de 1960 foi pedido o reconhecimento dos cursos da ESAN junto ao Ministério da Educação e Cultura, quando a escola já havia formado 14

turmas, com um total de 262 alunos. Simultaneamente, foi solicitado o reconhecimento dos cursos como sendo de utilidade pública¹⁸.

Na data de 28 de janeiro de 1961 foi concedido o reconhecimento do Curso de Administração de Negócios, mantido pela Ação Social, em São Paulo, no Estado de São Paulo, pelo decreto número 50.164, do Presidente Juscelino Kubitschek.



Grupo de alunos na entrada principal da Faculdade na década de 40.

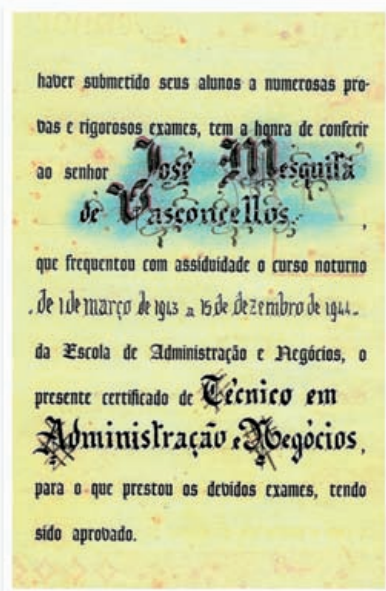
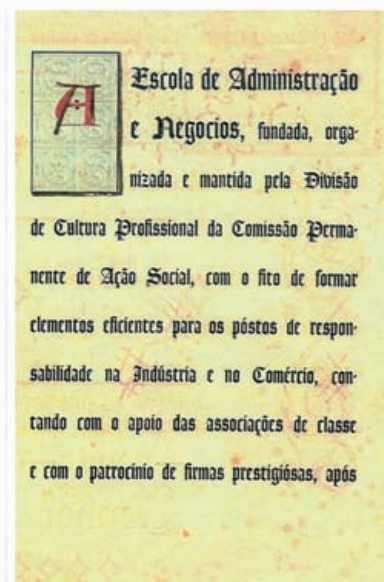
70 ANOS DE HISTÓRIA

¹⁸ Processo número 134 839/59 da Comissão de Ensino Superior, lido em 1 de abril de 1960.

70 ANOS DE HISTÓRIA

As figuras seguintes são reproduções dos certificados de “Técnico em Administração e Negócios”,

conferido pela ESAN ao aluno José Mesquita de Vasconcellos, em 3 de fevereiro de 1945.



Os Primórdios da Faculdade de Engenharia Industrial

O desejo do Padre Saboia de criar uma faculdade de Química Industrial em São Paulo foi amadurecido e a sua concretização foi planejada durante muitos anos. O seu propósito inicial, ao que parece, se restringia à criação de um curso de formação de engenheiros químicos e têxteis, destinados especificamente à indústria, o que representaria na época um diferencial em relação aos cursos existentes nas outras faculdades congêneres em São Paulo, que eram a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e a Escola de Engenharia Mackenzie.

No entanto, o Padre Saboia, mesmo antes da criação do curso, já se preocupava com a formação e aperfeiçoamento do corpo docente e precocemente planejava que os professores se atualizassem em universidades norte-americanas. Quando procurava informações para montar o modelo pedagógico para o funcionamento do curso de Química da Faculdade de Engenharia Industrial, o Padre Saboia procurou o engenheiro e professor universitário José Milton Nogueira, que ministrava aulas da disciplina Química Orgânica na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. O professor Nogueira informou, em uma entrevista realizada no ano de 2005, que no ano de 1944 foi procurado por um senhor de nome Acrísio Paes Cruz, que era o secretário particular do Padre Roberto Saboia de Medeiros. Este solicitava um encontro, visando a procura de informações sobre o modelo pedagógico e como funcionava o curso de Química da Escola Politécnica.

O Padre Saboia de Medeiros e o professor Milton Nogueira encontraram-se diversas vezes. Os assuntos dessas conversas versavam sobre vários temas acadêmicos, incluindo os estágios de professores no exterior, laboratórios de química e até mesmo sobre a criação de usinas-piloto na área de química.

Na sua primeira viagem aos Estados Unidos,

em 1944, o Padre Saboia verificou que as firmas e as organizações norte-americanas não subsidiavam empreendimentos que não fossem Fundações. Ao que parece, foi por esse motivo que ele criou a Fundação de Ciências Aplicadas, à qual ficou incorporada, desde logo, a Faculdade de Engenharia Industrial - FEI, como relatou ao seu pai, em 21 de fevereiro de 1945, quando também solicitou a ele que elaborasse os respectivos estatutos:

“ *A Faculdade de Engenharia Industrial pertence à Fundação Faculdade de Engenharia Industrial [que na verdade foi criada com a denominação Fundação de Ciências Aplicadas]. Uma vez que a Fundação é quem manda. Daí não há escapatória. No entanto da Fundação poderão fazer parte o Provincial da Companhia de Jesus e o Presidente da Sociedade Brasileira de Educação, como membros natos. O Presidente da Ação Social não seria membro nato, mas entraria a título de contribuições que recolheu para a Faculdade, a título do trabalho de organização. Melindraria dar voto de qualidade e direito de voto a quem quer que seja. Em vez disto, os membros da diretoria da Fundação (que são vitalícios ou deixam o cargo por renúncia), por morte ou renúncia seriam substituídos por designação e nomeação do Provincial em uma lista de dez nomes apresentados a ele pelos demais membros. Creio, papai, deste modo se satisfazem todas as exigências, se ressalvam todos os direitos e se previnem os inconvenientes de empiétements¹⁹ ou de interferências anti-católicas. A minha impressão é que a Faculdade poderá funcionar perfeitamente bem*

70 ANOS DE HISTÓRIA

19 Usurpações.

70 ANOS DE HISTÓRIA

e que não é preciso pedir mais. Além disso, eles sugeriram outro ponto: que estando o Provincial presente às reuniões, ele seja o presidente da assembleia. Peço, pois, que o senhor elabore os estatutos conforme essas indicações, modificando para melhor caso algo de melhor ainda ocorrer ao senhor. Depois tratarei de submeter tudo ao Provincial e aos meus amigos daqui. Um grande abraço. Roberto²⁰. ”

A Fundação de Ciências Aplicadas era uma sociedade civil com personalidade jurídica, que foi criada no dia 7 de agosto de 1945, com sede provisória localizada na Rua São Carlos do Pinhal, número 57, e cujo patrimônio, comprovado na época, era de Cr\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzeiros). A sua finalidade era a de criar uma Faculdade de Engenharia Industrial na cidade de São Paulo, destinada ao ensino teórico e prático de todas as matérias e disciplinas que fossem necessárias na área da engenharia industrial.

Os instituidores [fundadores] da Fundação de Ciências Aplicadas, que não tinha fins lucrativos ou econômicos, foram: o Padre Roberto Saboia de Medeiros, S.J., sacerdote; Dr. Fábio da Silva Prado, industrial; Dr. Gofredo Teixeira da Silva Telles, advogado; Dr. João Gonçalves, industrial; Dr. Luciano Vasconcelos de Carvalho, advogado; Dr. Aldo M. Azevedo, engenheiro; Dr. José Maria Whitaker, banqueiro; Dr. Asa White Kenney Billings, engenheiro; Dr. Morvan Dias de Figueiredo, industrial; Dr. Caio Luiz Pereira de Souza, engenheiro; Dr. José Pires de Oliveira Dias, comerciante e Dr. Theodoro Quartim Barbosa, banqueiro²¹.

A Fundação de Ciências Aplicadas era administrada por um Conselho Diretor, do qual faziam parte o Provincial da Província do Brasil Central da Companhia de Jesus, o Presidente da Sociedade Brasileira de Educação (mantenedora do Colégio São Luís), o Diretor da Faculdade de Engenharia Industrial e os membros

instituidores. A Faculdade de Engenharia Industrial teria orientação da Companhia de Jesus e seu Diretor seria nomeado pelo Reverendíssimo Padre Provincial da Província do Brasil Central. Ao diretor competia, além de orientar o perfil pedagógico da Faculdade, contratar o corpo docente, organizar o quadro de diretores de departamentos e promover a eficiência do ensino e a solidez da educação.

A Faculdade de Engenharia Industrial contava com o Conselho Técnico Administrativo, que era formado por dois professores catedráticos nomeados pelo Conselho Diretor, três professores nomeados pela Congregação dos Professores da Faculdade e pelo Diretor, considerado membro nato desse Conselho.

O Padre Saboia não contava com recursos suficientes para adquirir, de modo definitivo, prédios ou outros imóveis, em que pudesse instalar a sonhada Faculdade de Engenharia Industrial. Além disso, ele também demonstrava outra preocupação, referente à adaptação dos mesmos prédios, para que pudessem funcionar como escolas. Antes de escolher o prédio da Rua São Joaquim, enviou o senhor Augusto Stefan Piauí, que trabalhava no Grupo de Ação Social no Rio de Janeiro, para se inteirar sobre a legislação a respeito.

Depois de muito trabalho, em 1945, foi possível acumular a importância para o sinal de compra e passar a escritura de aquisição do prédio da Rua São Joaquim, 163, no bairro da Liberdade, na capital de São Paulo, e que possuía uma área aproximada de 1.516 metros quadrados. As instalações da Faculdade de Engenharia Industrial foram inauguradas no mês de abril de 1946, com a bênção cardinalícia dada pelo Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. A Ação Social comprou no dia 15 de março de 1948 outros imóveis situados na mesma rua, de números 164 e 180, que foram anexados ao primeiro e totalizaram uma área aproximada de 1730 metros quadrados²².

A Comissão de Ensino Superior concedeu autorização para início de funcionamento da Faculdade de Engenharia Industrial no dia 13 de março de 1946.

20 Pe. P. A. Maia, S. J., *Introdução aos Excertos...*

21 *Escritura de Instituição da Fundação de Ciências Aplicadas*, p. 8.

22 FEI - *Documentação de 1946 a 1981*, pp. 4-6.

O Ministro da Educação homologou o pedido no dia 3 de abril de 1946. O primeiro Regimento Interno da Faculdade de Engenharia Industrial foi aprovado no dia 22 de março de 1946, pelo parecer número 34/46 do Conselho Nacional de Educação e foi publicado no Diário Oficial da União no dia 20 de maio de 1946.

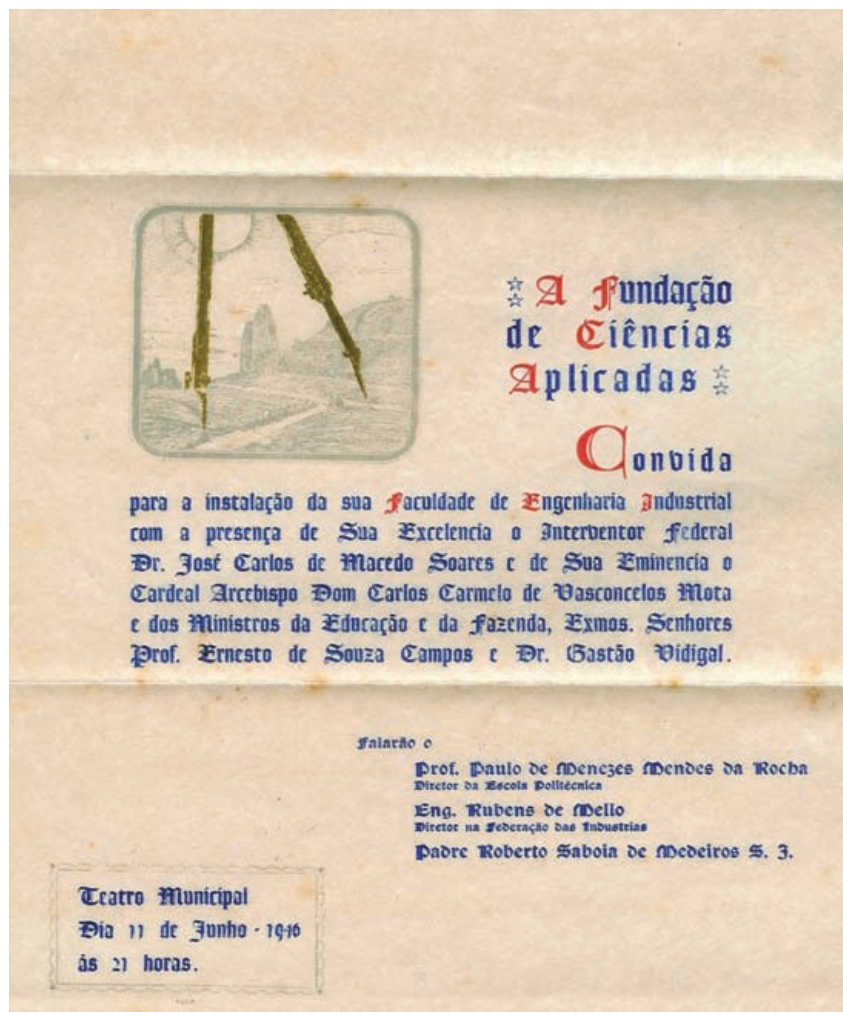
O funcionamento da modalidade Química foi autorizado no dia 9 de abril de 1946, pelo Decreto Presidencial número 20.942, publicado no Diário Oficial da União no dia 15 de abril de 1946, quando foi fixado o número de vagas em 75.

A instalação solene da Faculdade de Engenharia Industrial aconteceu no dia 11 de junho de 1946, no Teatro Municipal.

A direção da Faculdade foi confiada, pelo Padre Saboia, ao professor Francisco Garoto e o Conselho Técnico Administrativo – CTA – foi formado pelos professores Felino Guerra, Telêmaco Hipólito de Macedo Van Langendonck, Fernando Furquim de Almeida, Lucas Nogueira Garcez, Henrique Tastaldi, José Milton Nogueira, Padre Egberto Luiz Pereira de Souza e Roberto Roperto. A primeira reunião desse Conselho deu-se no dia 20 de abril de 1946 e nela

foram delineadas as normas para o primeiro concurso vestibular. Inscreveram-se 122 candidatos, dos quais apenas 40 foram aprovados, e no dia 21 de maio as aulas foram iniciadas²⁴.

O Padre Saboia enviou uma carta consulta aos membros instituidores da Fundação de Ciências Aplicadas, no dia 8 de agosto de 1946, em que relatava:



Convite para a instalação da Faculdade de Engenharia Industrial

Fonte: Acervo do Prof. José Milton Nogueira

24 Atas do Conselho Técnico Administrativo. Livro I, p. 4.

70 ANOS DE HISTÓRIA

“ Prezado amigo: Sua Eminência o Cardeal [Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta] chamou-me especialmente a Palácio, desejando saber se podia contar com a nossa Faculdade de Engenharia Industrial para compor, com outras, a Universidade Católica de São Paulo. Informa Sua Eminência que, obtendo dispensa da exigência legal de funcionamento de dois anos da concessão do título de Universidade, a Faculdade Paulista de Direito, a de Filosofia de São Bento e a nossa seriam desde já investidas do título mencionado. Acrescentou sua Eminência que a nossa Faculdade manteria a própria personalidade jurídica e financeira. Respondi a Sua Eminência que grande satisfação teremos em colaborar e que já, desde o princípio, o R. P. Provincial da Companhia de Jesus aprovara uma incorporação em termos gerais. Fiz sentir, em seguida, a Sua Eminência que a Faculdade não pertence a este ou aquele, mas à Fundação de Ciências Aplicadas e que, portanto, era preciso ter o voto dos Conselheiros e Diretores. Sua Eminência fez-me, então chegar às mãos o projeto dos Estatutos da Universidade. Estudados os mesmos, fica líquida a manutenção de nossa personalidade sob todos os aspectos. Há pontos, porém, que necessitam explicação e para tal Sua Eminência convocou [uma] reunião para o dia 16 deste, para a qual mandaremos [um] representante. Eis aqui o que desejo, com urgência, saber do prezado amigo: a) devemos

ou não aceitar a incorporação? b) no caso de aceitar, devemos pedir uma compensação econômica ou propor condições? (na realidade, as coletas pró-Universidade Católica não são aplicadas à nossa Faculdade, e quando vamos pedir, muitos imaginam que já nos deram, porque contribuíram nas referidas coletas) c) deveremos, ao contrário, contribuir com uma taxa anual para o Fundo Universitário? d) julga o nobre Colega bastar o seu voto enviado por escrito ou acha que nos devemos reunir ou discutir? Dada a urgência, um auxiliar recolherá as suas respostas na próxima 2a feira. Um abraço. Pe. Roberto Saboia de Medeiros, S. J.²⁵ ”

Após essa consulta, foi realizada uma reunião do Conselho Diretor da Fundação de Ciências Aplicadas, no dia 11 de agosto de 1946, na sua sede da Rua São Carlos do Pinhal número 57, convocada pelo Dr. Teodoro Quartim Barbosa. Nela, o Padre Saboia fez uma exposição formal a respeito do pedido do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmello Motta, sobre a agregação da Faculdade de Engenharia Industrial à Universidade Católica de São Paulo, que estava em fase de organização.

O Padre Saboia historiou os diversos contatos que tivera com o Cardeal Arcebispo e afirmou que, apesar da agregação, a Faculdade de Engenharia Industrial não sofreria modificações quanto à sua personalidade jurídica, sua autonomia econômica e financeira, seu regimento interno e sua orientação espiritual, dada pela Companhia de Jesus. Além disso, também ficaria garantida a representação da Faculdade de Engenharia Industrial no Conselho Universitário da Universidade Católica.

Após diversos debates e a elaboração de um documento, ficou acertado que a Fundação de Ciências

25 Carta pertencente ao acervo do professor Joaquim Ferreira Filho.

Aplicadas, indo ao encontro dos desejos expressos do Cardeal Arcebispo de São Paulo, aceitava a agregação da Faculdade de Engenharia Industrial à Universidade Católica de São Paulo. Essa agregação seria feita conservando-se a personalidade jurídica da Faculdade de Engenharia Industrial, preservando-se todas as regalias, direitos e deveres assegurados por lei, inclusive os didáticos e econômicos. Além disso, a Faculdade de Engenharia Industrial poderia se desagregar da Universidade Católica a qualquer momento, se assim o julgasse o seu Conselho Diretor²⁶.

A Universidade Católica de São Paulo foi instalada oficialmente pelo Decreto Presidencial número 9632 no dia 22 de agosto de 1946, sendo o seu primeiro reitor Dom Paulo de Tarso Campos²⁷. É interessante notar que a Faculdade de Engenharia Industrial foi agregada à Universidade Católica antes que ela existisse de fato, pois a Universidade Católica somente poderia ser criada como tal se contasse com pelo menos três faculdades.

Apesar de o Regimento Interno da Faculdade de Engenharia Industrial ter sido preservado, foi necessário compatibilizá-lo, assim como seu Regulamento, com as normas previstas no Regimento Interno da Universidade Católica, o que foi feito na reunião do Conselho Técnico Administrativo de 1 de janeiro de 1947. Todos os documentos da Faculdade de Engenharia Industrial, a partir do dia 1o de abril de 1947, passaram a ser encabeçados com o título "Faculdade de Engenharia Industrial Agregada à Universidade Católica de São Paulo"²⁸.

A modalidade Mecânica foi o segundo curso de engenharia oferecido pela Faculdade de Engenharia Industrial, no segundo semestre de 1948, para os alunos das turmas do primeiro e segundo anos, formadas pela transferência dos alunos do curso da modalidade Química²⁹.

A finalidade pedagógica da Companhia de Jesus era, além de manter instituições que ministrassem ensino técnico e prático para a formação de profissionais destinados à indústria e comércio nacionais, também divulgar os princípios da formação cristã, fornecendo

aos alunos uma formação humanista integral. Talvez esses objetivos fossem facilitados com a agregação das instituições mantidas pela Companhia de Jesus à Universidade Católica.

O Padre Saboia enfrentou uma luta contínua e aguerrida para superar as dificuldades financeiras que acompanharam a existência das escolas mantidas pela Ação Social. Essa manutenção não teria sido possível sem a ajuda de amigos e fiéis colaboradores, que depositaram sua ajuda financeira e que cooperaram com trabalho e pioneirismo.

Um convênio que trouxe uma ajuda substancial foi firmado entre a FEI e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, o Sesi e o SENAI, em 1957. Através dele, era garantida a metade dos recursos gastos na formação dos engenheiros, que eram absolutamente necessários para o desenvolvimento da indústria pesada, principalmente à medida que a indústria ia se nacionalizando e exigindo a participação de pesquisadores locais.

A mudança do campus da FEI para a cidade de São Bernardo do Campo em 1963 também possibilitou um aumento significativo do número de matrículas anuais, com a expansão das instalações e a criação de novos cursos, aumentando proporcionalmente a arrecadação das mensalidades e os recursos para a manutenção da Faculdade de Engenharia Industrial.

Dando continuidade aos objetivos educacionais da Ação Social, foi criada em 1965, em São Bernardo do Campo, mais uma ESAN, visando atender as demandas geradas pela industrialização intensiva da região do ABC paulista.

A Faculdade de Engenharia Industrial e a Escola de Administração de Negócios foram desagregadas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo a partir do ano de 1972, conforme o "Termo de Desagregação", assinado em 31 de dezembro de 1971 por ambas as partes, a saber: a Fundação São Paulo, mantenedora da PUC-SP e a Fundação de Ciências Aplicadas – FCA, que era a mantenedora da FEI e da ESAN³⁰.

26 *Atas da Fundação de Ciências Aplicadas*, 11 de Agosto de 1946.

27 *FEI – Documentação de 1946 a 1981*, p. 4.

28 *Atas do Conselho Técnico Administrativo*, Livro I, p. 9.

29 *Ibidem*, p. 25.

30 *DOCUMENTA 142. SETEMBRO DE 1972*, p. 77.

70 ANOS DE HISTÓRIA

O Padre Roberto Saboia de Medeiros faleceu em 31 de julho de 1955, dia dedicado a Santo Inácio de Loyola, na cidade de São Paulo, vitimado por uma leucemia mielóide aguda. Naquele momento terminou a fase pioneira de sua obra, mas ela teve continuidade, apesar da ausência do seu fundador, do seu entusiasmo, do seu dinamismo e de suas iniciativas. É importante salientar que não há empreendimento de tão grande alcance e amplitude que seja obra de um só homem. Toda obra social é fruto da coletividade, da sociedade e dos grupos que estão inseridos nela. A obra da Ação Social é fruto da Companhia de Jesus e de seus religiosos, dos conselheiros da Fundação de Ciências Aplicadas, dos seus beneméritos e colaboradores, dos funcionários e professores, dos seus alunos e de todos aqueles que foram direta ou indiretamente beneficiados pela mesma. □

BIBLIOGRAFIA

FACULDADE DE ENGENHARIA INDUSTRIAL. Atas da Congregação e do Conselho Técnico Administrativo, 1946-2005.

_____. *FEI - Documentação de 1946 a 1981. São Paulo: Assessoria Técnica e Editorial da Diretoria da FEI, agosto de 1982.*

FERREIRA FILHO, J. FEI – 50 Anos (1946-1996) – Uma Cronologia. São Paulo: MHW Gráfica e Editora, 1999.

KOLVENBACH S.J., P. H. Opciones Y Compromisos. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1998.

_____. *Visita do Padre Geral ao Brasil. Alocuções e Homílias. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Ignatiana, n. 38).*

MAIA, P. A. Crônica dos Jesuítas no Brasil Centro-Leste. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *Introdução aos Excertos das Cartas do Padre Roberto Saboia de Medeiros. (1922-1954). Compilação efetuada pelo Padre Pedro Américo Maia, S.J. e não publicada.*

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Documenta 123. Fevereiro – 1971. São Paulo: Companhia Brasileira de Impressão e Propaganda para o FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar em 1972.

NEWMAN, J. H. Origem e Progresso das Universidades. Trad. de Pe. Roberto Saboia de Medeiros S. J. São Paulo, [s.ed.], 1951.

Notícias da Província do Brasil Central. Correspondência Particular. Rio de Janeiro, XIX, (4a série, número 1, jun. 1945).

SILVA, A. & R. Maia. "Um Legionário do Bem". O Cruzeiro (27 ago. 1949), pp. 52-56.

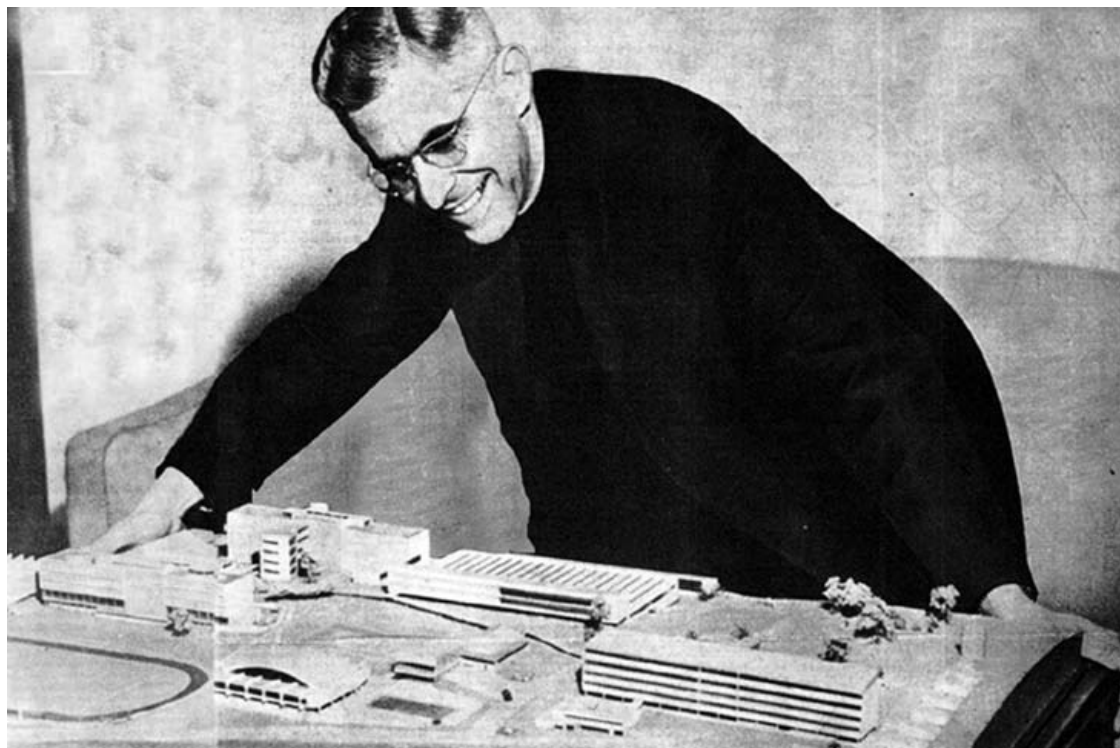
SOUZA, S.J., Pe. J. C. Padre Roberto Saboia de Medeiros, S.J. - Apóstolo da Ação Social. São Paulo, Edições Loyola, 1980.



“Iniciativa é trabalhar por si mesmo, é fazer tudo o que se pode. Mas trabalhar por si mesmo não quer dizer trabalhar sozinho. A iniciativa pede cooperação”.

Pe. Roberto Saboia de Medeiros, S.J.

Roberto Saboia de
Medeiros, S.J.



O QUE É UMA UNIVERSIDADE CATÓLICA?

*Por ocasião das comemorações dos 70 anos de fundação da antiga Escola Superior de Administração e Negócios (ESAN), o mais antigo curso do que viria a ser o Centro Universitário da FEI, julgamos oportuno transcrever aqui, na íntegra, a introdução redigida pelo Pe. Roberto Saboia de Medeiros ao famoso livro do Cardeal Newman, *Origem e Progresso das Universidades* (*The Idea of a University*, de 1858). A obra foi traduzida pelo próprio Pe. Saboia em 1951, e sua introdução descreve com clareza os ideais que animaram o fundador da ESAN e da FEI. Vale lembrar ainda que o Cardeal Newman (1801-1890) foi beatificado por Bento XVI em sua recente viagem ao Reino Unido (set. / 2010)¹.*

O que seja uma Universidade não é muito claro a muitos católicos...

O Cardeal John H. Newman, um dos maiores luminares da Igreja, encarregado pela hierarquia da Irlanda, lançou em Dublin, por voltas de 1850, os fundamentos de uma universidade católica. Foi ele, que, ocupado neste trabalho, escreveu os “nove discursos” sobre

ensino universitário, e compôs vários outros escritos sobre a natureza e as funções de uma universidade. Foi ele que delineou nesses mesmos escritos as relações entre as diversas ciências e a teologia. Newman escreveu quase há um século, relido agora parece de ontem. A visão monumental do pensador, atingindo a essência da Instituição, captou a verdade integral. Só

¹ MEDEIROS, Roberto Saboia de. Introdução. In: NEWMAN, John Henry. *Origem e Progresso das Universidades*. Trad. de Roberto Saboia de Medeiros, S. J. São Paulo: [s. ed.], 1951, p. vii-xxxiii.

70 ANOS DE HISTÓRIA

os acidentes dançam. A substância se concentra em perfeição. Exporemos os seus pensamentos fundamentais, mostrando apenas de cá e de acolá, as ramificações destes pensamentos, numa filosofia concreta e da ação.

No tempo de Newman, levantavam-se contra o conceito e a natureza de uma universidade católica as mesmas objeções que ainda se ouvem agora.

Ciência é ciência, dizem uns. Que tem que ver a religião com a ciência? Cada coisa no seu lugar. Como se pode conceber um direito católico? Ou uma engenharia ou uma matemática católica? Outros fazem coro ponderando: “é natural que a Igreja queira ter os seus estabelecimentos de ensino superior; mas como vai poder resistir à concorrência das universidades de Estado, que sempre contam com maiores verbas, que já são mais antigas, que já possuem um equipamento com o qual uma instituição nova nem pode pensar em competir. Não era melhor que a Igreja aconselhasse a seus filhos a entrar por concurso nessas universidades leigas e aí, nas cátedras, fazer o seu apostolado?”

Entram aqui a falar os de um grupo diverso. “A Igreja sabe o que faz. Já que ela quer uma universidade católica, está certo. Mas qual a diferença? Os programas serão mais ou menos os mesmos. Porém, acrescentaremos aulas de religião, ou uma inteira faculdade de teologia. Deste modo, ao lado do professor de sociologia, de medicina legal, de química analítica, de doenças tropicais, haverá o professor de Sagrada Escritura, o de história eclesástica, o de teologia fundamental”. De modo que no conceito dessas pessoas uma universi-

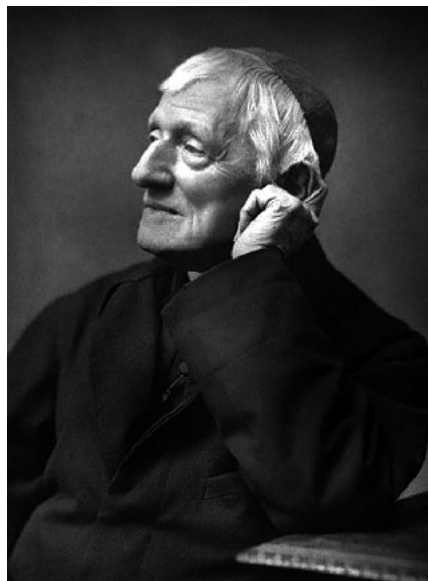
dade católica seria um estabelecimento onde, além de todas as partes das outras universidades, haveria uma parte de sobrecarga, a Faculdade de Teologia.

Pois bem. Mesmo desta última concepção podemos afirmar que os seus fautores deixaram de apreender e compreender o que seja uma universidade católica.

A começar do último modo de ver.

Acrescentar a todas as matérias de uma faculdade, mais religião, ou a todas as faculdades de uma universidade, mais a teologia não é o distintivo de uma universidade católica. Pode acontecer perfeitamente que, depois de saído da aula o professor de religião, aí entre o de sociologia, por exemplo, e ignore a influência social da religião, se não estiver ainda amarrado a teses durkheimianas ou a um experimentalismo positivista. Pode acontecer que na faculdade teológica se esteja ensinando o tratado da Santíssima Trindade, ao passo que na Faculdade de Direito, o professor de filosofia do direito esteja pontificando sobre a trindade hegeliana. Não basta, portanto, justapor o ensino da religião aos outros ensinamentos. Qualquer universidade que mereça este

nome há de incluir uma faculdade teológica e o ensino religioso. Pois uma universidade é a instituição que professa comunicar um saber universal e abarcar todos os ramos de conhecimento. Deixar de lado um, e tão vasto como a religião e a teologia, já não é mais ser universidade. É ficar sendo destes grandes estabelecimentos que nos legaram o Racionalismo e o Cientificismo, tão limitados em seu escopo e tão pouco capazes de contribuir na formação do homem



John Henry Newman em 1887

todo, transformados em fábrica de profissionais, unilateralizados e sem humanismo, preparando homens que se perdem no campo das ideias gerais, alguns até que têm pavor de pensar, embora sejam prodígios de vivacidade exclusivamente técnica, utilitária, específica, abafados dentro do próprio horizonte; sem um poder de síntese, sem uma visão de conjunto, sem o dote que consiste em estar acima do próprio saber.

Porque uma universidade, e uma faculdade universitária, é matriz de homens, é o caminho do homem enquanto ser intelectual. A natureza de uma universidade consiste em cultivar o saber por si mesmo, sem visar nada utilitário, nem mesmo de belo, embora conhecendo e reconhecendo as limitações do saber humano. A inteligência vale por si mesma. A função, pois, de uma universidade é cultivar de tal modo a inteligência que cada ciência seja vista como parte, e de tal sorte ainda que o homem alcance, graças aos exercícios, ao estudo, aos conhecimentos parcelados, um “olhar superior”.

Não é esta uma tese imoral? Não deve a universidade cultivar para a vida? O saber por si mesmo, o saber “puro” não é uma utopia? Uma imoralidade? E a universidade enquanto tal não deve aperfeiçoar e formar o homem todo e integral?

Perguntas razoáveis, porém que revelam uma curiosa falta de solidez doutrinal!

Pois, além de ser pacífico entre todos os cultores da filosofia perene que a inteligência é perfeição designada como simpliciter simplex, isto, é incontaminada e valendo por si; é também fundamental na mesma concepção do homem que o intellectus é o específico do homem e, como tal, é aquilo a que tudo no homem é ordenado.

Em um arrazoado serradíssimo de seus Comentários ao Primeiro Livro da Ética de Aristóteles, Sto. Tomás (*lectio 10 e X Eth. lectio 9ª*) demonstra que a perfeição do homem consiste na sua ação típica, característica. Ora qual a operação ou ação da forma humana, pergunta o genial autor? E responde: o ato da alma é viver! Viver!

Preparemos então para a vida? Sim, com tal que, como Sto. Tomás, entendamos de que vida se trata. Continua, com efeito, o Comentário: não viver no sentido de ser vivente (isto é próprio até de qualquer vegetal), mas no sentido do ato da vida que é entender. Insiste: viver é comum às plantas, não é nenhum bem humano; sentir é comum ao cavalo e ao boi, e a qualquer animal. O que especifica o homem é o racional! E como isto ainda podia ser vago, prossegue a lógica férrea que há um racional por participação, e há um racional por essência: donde o bem supremo do homem não está nem na perfeição do racional participativo, que é a vontade e os atos das virtudes morais.

Vamos ao racional por essência. Ainda aqui há um aspecto prático da mente, e há o especulativo. O prático se refere à prudência e à arte, que evidentemente não são polos supremos. Eis, pois, transcendendo a tudo o aspecto especulativo. Quer olhemos a faculdade que é princípio desta ação especulativa (*intellectus est optimum eorum quae in nobis sunt*), quer notemos os objetos da especulação: este cume é o ótimo! Não que o entender qualquer objeto seja felicitante, pois há objetos materiais, há objetos imateriais (as “substâncias separadas”), há os longos trâmites da opinião, da demonstração das ciências, mas há a contemplação, de Deus!

Se, pois, a mente é o princípio da mais alta perfeição humana que é a operação de ver a Deus, é claro que esta visão de Deus (aparte do problema de como é concedida ao homem), é claro que esta visão de Deus atua no homem integral e abarca ou supõe uma regulação completa da vontade de seus atos, bem como infunde a máxima deleitação. E isto é a vida – a vida para a qual a Universidade deve formar, a vida especificamente humana, especificação pela inteligência (ou pela racionalidade em seu ato supremo).

Esta posição do intelectualismo evita tanto o racionalismo que identifica a virtude à ciência (de modo que o saber automaticamente tornaria virtuoso), como o moralismo que, sob a preocupação das virtudes, aban-

70 ANOS DE HISTÓRIA

dona as armações e estruturas racionais, e cultiva um pietismo diluído, como caso de Kant, que divorciou a razão especulativa incapaz de atingir a coisa em si, da razão prática a restabelecer um dogmatismo da moral.

O intelectualismo da autêntica tradição humanista, retendo intransigentemente a tese supremacia da inteligência, compreende-a em todo o seu realismo concreto ao qual não escapa a vontade nem o mais recôndito de todas as potências humanas. Não é uma parte do homem que é racional, é todo o homem. O intelectualismo, porém, sabe que em seu exercício a inteligência não se faz logo contemplativa, que os seus caminhos desde o sensível ao mais espiritual, passando pelo imenso circuito das ciências, implica deveres e que há sempre o perigo de, desta ou daquela conclusão científica, desta ou daquela visão estética fazer um todo ou um absoluto. Donde a necessidade de que o *Studium Generale*, a universidade, comunique justamente aquele “olhar superior” que conduza de ciência à sabedoria, de sabedoria à disposição contemplativa.

O saber puro e por si mesmo não é pois nenhuma utopia, é a mesma razão de ser do homem todo; e, longe de ser imoralidade, é o que fundamental toda a moral.

As perguntas eram, pois, singularmente apressadas e não amadurecidas.

Uma universidade não é um enciclopedismo. Não é o local onde se aprende um pouco de tudo, onde cada dia se somam aos programas novas matérias. Não. Mas tendo professores e faculdades para todas as matérias, não pretende ensinar tudo, mas comunicar os pontos de partida, os princípios, as articulações entre parte e parte, de modo a que uma sabedoria domine as particularidades de cada matéria ou de cada ciência. Aprender ciências é possível nos livros. Captar a alma da ciência só é possível no intercâmbio de professor e aluno. Não há livro, nem há esforço autodidata que substitua aquela entonação da voz, aquela resposta à pergunta que justamente na hora aflorou à mente

do aluno, aquelas conversas prolongadas depois das aulas em que particularidades se esclarecem, o olhar, o gesto, até o meneio da cabeça: nada disto fazem os livros, e isto é o que dá uma Universidade, onde os vários professores porfiam cada um em seu ramo, em que as ciências por meio dos professores se contemplam continuamente, em que laboratórios colaboram entre si e todo este conjunto está convergindo sempre ao mesmo ponto, à cultura do saber pelo saber.

Este contato de professor e aluno não é distintivo da universidade. Há em qualquer escola. Até na universidade facilmente acontece que o contato seja menor, que professores se sucedam nas cátedras e logo desapareçam. Porém, ao passo que numa escola primária ou secundária não só o elemento humano está imaturo, nenhuma escola primária e secundária é composta de faculdades. Ora, o típico de uma universidade é a junção de faculdades, donde a formação de um ambiente no qual a inteligência do aluno aprende em contreto uma orquestração de ciências, portanto limitações, respeito e ajuda mútua... O menor contato com os professores é um maior contato real implícito, e muito mais formativo, já que se estabelece em idade de orientações para o resto da vida.

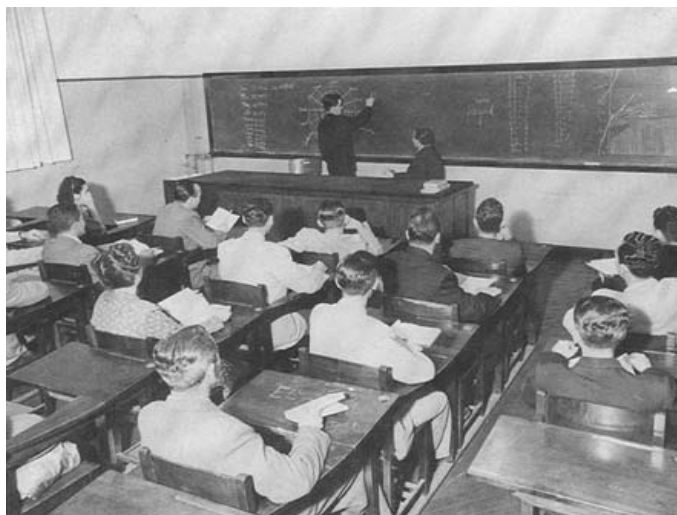
O fim de uma universidade é uma nova espécie de higiene, ou melhor, de saúde mental, graças à qual o homem se torna capaz de ver o universal no particular, de adaptar soluções gerais aos casos de todo o dia, de perceber as conexões das coisas e as suas desembocaduras no estuário dos acontecimentos futuros.

Uma universidade não mira por essência ou natureza, nem à utilidade profissional, não é um ninho de técnicos, nem por outro lado é por essência uma sementeira de virtudes, ou uma mestra de noviços morais. Não há dúvida nenhuma de que o saber tem em si mesmo um poder e, como tal, é utilizável na vida prática. Isso, porém, já é consequência do saber, não é o saber nem o fito do ensino universitário. É inegável também que, sem que o saber seja virtude e o erro vício, no entanto uma mente esclarecida é a melhor condição de vida

moral elevada. Também aqui vemos uma consequência: não a natureza.

Do mesmo modo que podemos tratar da saúde por si mesma, embora consideremos a força corporal um bem relativo e subalterno, mas sempre um bem. E a saúde corporal, por exemplo, no trabalhador não é procurada para fazê-lo servir melhor aos interesses do capital. Mas será consequência inevitável que um operário forte e bem disposto é mais útil que o raquítico. Assim também, a saúde mental, esta capacidade surgida da verdadeira educação universitária, vale por si mesma; porém não deixa de ter inúmeras repercussões de ordem moral e prática.

Compreendida por esta forma a natureza de uma universidade, está visto que ela não pode excluir saber algum, ciência alguma. Não que os alunos vão seguir toda a espécie de ciência, mas que, no ambiente em que respiram, todas as ciências direta ou indiretamente hão de contribuir para a ampliação e arejamento da mente humana. Cada ciência fora de uma universidade perde o caráter equilibrado que a universidade lhe comunica. "Tomemos, diz Newman, um professor de Direito, ou de Medicina, ou de Geologia, ou de Economia Política, em uma universidade, e fora dela. Fora de uma universidade correrá o perigo de ser absorvido e estreitado por sua pesquisa e de dar aulas que nada mais são do que as aulas de um jurista, um médico, um geólogo, um economista; ao passo que, dentro de uma universidade, saberá exatamente qual a sua posição e a de sua ciência, abeira-se desta como que de uma altura, tem um panorama do saber todo, algo o livra de extravagâncias pela mesma rivalidade dos outros estudos, recebe destes uma iluminação especial, uma largueza de vistas, uma liberdade e autodomínio, e assim lida com a própria matéria em si, mas que é derivada da educação universitária" (Idea, p. 166-167). É claro, pois, que nesta orquestra de ciên-



Aula de Geometria Descritiva na década de 50

cias, de estudos, de disciplinas, a teologia não pode faltar, sob pena de se não tratar mais de uma verdadeira universidade. A religião, sendo um saber com fontes próprias e métodos próprios; um saber e não apenas um sentimento; um saber que teve cultores geniais e contribuições experimentais e morais recolhidas sobretudo da vida dos grandes místicos; é tão evidente que a faculdade teológica deve fazer parte de uma autêntica universidade, que nos mesmos países protestantes, as universidades mais antigas e mais célebres têm a sua faculdade de teologia protestante luterana, calvinista, liberal, mas sempre a sua faculdade de teologia. O ensino das diferentes faculdades pode ser que esteja divorciado entre si; o que mostra que não basta, haver uma faculdade teológica, mas o que mostra que, embora não baste, é preciso, é condição. Além desta condição, para que uma universidade se diga católica, outra deve haver, mas esta não deve faltar.

* * *

Qual outra condição? Observemos um grande estabelecimento de ensino superior, aqui, na Europa,

nos Estados Unidos. Tomemos o caso mais favorável, em que todos os professores das várias faculdades respeitem a religião, jamais se metam pelo campo religioso, fique cada qual rigorosamente no seu departamento. No estabelecimento, porém, a religião é respeitada assim em tese, ou melhor, a religião é respeitada pelo silêncio absoluto a seu respeito. Tudo funciona como se a religião não só não existisse, mas nada tivesse que dizer em relação a pontos particulares de cada ciência, ou a suas repercussões morais. Bem. Que acontece?

Esperaríamos que a cultura da mente tivesse uma influência imediata no sentido da moral; que, quanto mais o homem fosse esclarecido, mais ele se purificasse, e que a Razão cultivada conduziria à Revelação. Na realidade as coisas não se passam assim. A cultura da Razão, o estudo de qualquer ciência, nunca fica sem repercussões profundas no homem todo, nunca deixa de dar um cunho a toda a personalidade. Ora, as ciências estudadas sem intercâmbio algum com a teologia (intercâmbio que nada tem que surpreender, pois nós sabemos que todas as ciências pedem mutuamente emprestados umas de outras ou princípios, ou conclusões, e que cada ciência se aproveita das luzes da vizinha e até descarta de saída certas hipóteses já julgadas por outras ciências, deixa de perder tempo em investigações que outras já fizeram); – ora pois, dizíamos, as ciências estudadas sem intercâmbio algum com a teologia têm repercussões morais e intelectuais pouco observadas. O homem que se acostumou a fiar da própria razão e a se submeter ao império da objetividade – coisas em si louváveis e mesmo necessárias – cria pouco a pouco um feitio intelectual e moral em que os valores são exclusivamente naturalistas. Em outras palavras, o homem de ciência, sem influência religiosa, será levado à virtude, por exemplo, porém à virtude como àquilo que é mais condigno com a própria dignidade; a uma honestidade quase matemática, a um equilíbrio de paixões, a um cálculo de vantagens e

desvantagens, pela qual verá que a virtude é o menos caro, o menos incômodo. E fica nisto. Nada do calor evangélico, nada da dedicação à Cruz, nada da imitação de Cristo. Nada da teologia revelada. Não só. Mas, sutilmente, a teologia revelada é substituída por uma teodiceia, que alude a uma vaga força cósmica impessoal, a um deísmo sem providência, a culto das leis da natureza, a um dogma da incognoscibilidade do divino, a uma submissão passiva à cegueira de um destino sem amor. Entre os homens de ciência, com uma timidez a respeito da religião positiva, vigora de maneira cada vez mais generalizada esse naturalismo intelectual e moral, que, embora não esteja contido nas premissas de nenhuma ciência, é o desaguadouro dos homens científicos, inevitável porque eles são todos e não partes, e por constituição são levados, por implicação, sem mesmo atos reflexos, são levados a afirmações absolutas. É desta fonte que brotam as ideias que depois circulam pelas mentes e pelas vidas dos pupilos destes estabelecimentos. “A religião só se preocupa com castigos e prêmios, com salvação ou perda de alma, e leva os homens a praticar a virtude por esses motivos interesseiros”, é o que ouvimos de seus lábios. “A religião, continuam, só sabe proibir e difunde um complexo de pavor, de mal, estancando a alegria de viver”. “A religião é caso pessoal de cada um, insistem, quem tem naturalmente e por educação de família, feliz dele; quem não a tem ou a deixou, pode ser igualmente bom, igualmente caridoso; e antes, nós vemos pessoas religiosas cair em excessos e arbitrariedades que indignam; e vemos pessoas sem religião manter um equilíbrio moral que envergonha as primeiras”. Não é que os sábios e professores ensinaram estas teses. Mas elas fluem rapidamente na inteligência dos discípulos e se disseminam por toda a parte, vindas daquele naturalismo de uma razão cultivada sem o intercâmbio com a religião. É mais do que claro que esse naturalismo especulativo e moral não só não está de acordo com a razão cristã e com a moral cristã, mas que é um de seus maiores inimigos. Ora,

para remediar a este mal enorme, evidente para o católico (e são os católicos que devem compreender a necessidade de uma universidade católica), para remediar a este mal não basta que haja simplesmente uma faculdade de teologia e o ensino da religião. Requer-se uma influência da religião revelada e de teologia em todos os ramos do saber.

Convém, portanto, observar que há um saber que é infatuação (*scientia inflat*) e para o qual não é a universidade. Justamente aquele saber desconectado do conjunto do Saber, aquele que se julga totalmente autônomo e bastante em si mesmo e que truca a inteligência em benefício dos esquemas da razão e confunde as abstrações e verdades mediatizadas com a assimilação e o itinerário da mente a Deus. A influência da religião revelada e da teologia como saber e suprema ciência sobre e em todos os ramos do conhecimento dá a estes o sentido da totalidade e a missão ancilar de cada um na constituição de uma realidade humana em contemplação.

* * *

Grave objeção se levanta aqui: queremos então coibir a livre especulação científica? Queremos subordinar a ciência à fé, até dentro de seu departamento próprio de ciência? Nada disto. Mas entre coibir a especulação e a investigação científica em si mesma e coibir as suas consequências extra-científicas e morais vai muito. E o naturalismo é extra-científico. Entre subordinar a ciência à fé e harmonizar no homem a ciência com a fé, também vai muito. Não basta para isto uma faculdade de teologia. Do mesmo modo que a teologia muito ganha nos homens teólogos se buscar luzes também na ciência, e os estudos bíblicos, por exemplo, muito se desenvolveram com as descobertas



Biblioteca (SBC) na década de 60

paleontológicas e etnológicas, igualmente as ciências particulares podem receber luzes da teologia, sobretudo as ciências morais.

Não é esta, porém, a relação capital, não é isto que dá o cunho católico a uma universidade. Que é?

Precipitadamente alguém responderia aqui: "A condição essencial para que uma universidade seja católica é que obrigatoriamente deve fazer profissão oficial e bem clara da verdade revelada, do sobrenatural, da constituição concreta da sociedade religiosa, como se acha na Igreja Católica". Mas isto que soa tão lindo faria da universidade uma universidade católica de nome, como há tantos católicos que são católicos no nome, foram batizados e retêm a fé, mas não são católicos de fato e na prática. As profissões de fé são necessárias, porém não suficientes. Ora o que se procura é que a universidade professadamente católica, seja de fato vitalmente católica. Ora, ainda, em uma universidade católica admitem-se também alunos não católicos. Que diferença acharão eles nesta católica e em outra leiga, onde até pode haver um bom número de professores católicos? É o que explica o nosso livro.

Se em uma universidade, os ideais e os valores religiosos forem professados por todos, circularem

70 ANOS DE HISTÓRIA

por toda a parte, se a cultura da inteligência, que ensina os homens a pensar por si mesmos, deixar neles aquela atitude intelectual de acatamento ao Infinito, de abertura para a Razão Divina, de expectativa às Luzes transcendentais, aquela consciência de limites, aquele alerta aos sinais de fora, aquela retificação que impede qualquer fechamento em si mesmo para a suprema contemplação; se a cultura da inteligência infundir o dever intelectual de não parar, pateticamente descrito por Maurice Blondel; se, ao mesmo tempo, a cultura da inteligência fundamentar no homem a comunicação com os outros, porque o pensamento é social; se for também a manufatura para que os homens colaborem e fizer com que os homens se abram à graça que cura as chagas e leva à perfeição das virtudes cristãs – só então teremos uma universidade católica. Em vez de descambar para o naturalismo agnóstico e modernístico, a inteligência cultivada toma as verdades e os valores custodiados e ensinados pela Igreja como a luz para todos os passos e a intensidade propulsora da vida. Cada faculdade será profunda rigorosamente e invencivelmente científica, mesmo a faculdade de teologia; em todas elas e entre todas, a ciência, a educação estarão numa atmosfera em que já se dão por assente as verdades reveladas; em que se compreendem as relações entre as penas e prêmios com a prática das virtudes, em que se sabe que o interesse da salvação não é de cada criatura com um egoísmo hipostasiado, mas é o movimento mesmo que do Criador vem soerguer a criação humana dos determinismos da matéria. Numa universidade católica, as objeções às dificuldades, as explicações tornadas necessárias pelas investigações científicas em contínua atividade, são dadas nos laboratórios teológicos da faculdade de teologia. Mas o que circula, o que se respira em toda a parte, são as soluções das dificuldades, não as dificuldades; são os estímulos às virtudes na ordem atual da Providência e não os titubeios de uma ordem possível mas inexistente.

Tal é uma universidade católica. Completamente universidade e completamente católica. Não apenas

um púlpito para ensinar religião. Mas uma vida em que a religião é a alma. A livre investigação científica se equilibra com os estímulos das verdades reveladas. E as verdades reveladas ficam melhor entendidas com as esporas da livre investigação científica. É o ideal de Leão XIII, quando dizia que a Igreja não tem medo da verdade. Porque de fato Jesus já havia dito que a Verdade é o que liberta; a que livra de tabus, de prevenções e de palavras infundadas. Durante certo tempo foi teoria generalizada que a religião nascia do temor. Que os povos, vendo trovões e raios, acreditavam em Deus. Nada pode haver de mais estupidamente imaginado. Atribuir trovões à divindade não é ser religioso, e a religiosidade dos primitivos não era a parvoíce que esses meios doutores reconstroem. Pela pregação da espiritualidade absoluta de Deus, pela importância dada ao valor moral, a fé livra a razão de falsos pavores e inibições e tanto mais livra quanto mais é compreendida. A fé não vem explicar fenômenos naturais, nem engrenagens psicológicas, nem soluções econômicas. É todo este vasto campo que a fé estimula a ciência a percorrer, agindo por si mesma: tratando ela da pessoa humana, da verdade eterna, das últimas coisas. A verdade liberta, a verdade desencadeia a tendência a conquistar o mundo para subir a Deus, a espiritualizar a terra, não suprimindo-a, mas impregnando-a de caridade.

O Sr. Cardeal Arcebispo não podia ter tido plano mais grandioso, coragem mais apostólica, decisão mais criadora do que a de dar a São Paulo uma universidade católica. Daí sairão os homens para reestruturar o nosso Brasil em Cristo, para trabalhar pela paz de Cristo no Reino de Cristo. A universidade católica é o baluarte do Cristianismo nos países em que existe, é a garantia humana da estabilidade de uma sociedade na fé cristã. Não só temos que aplaudir. Temos que trabalhar para que a Universidade Católica seja enfim uma realidade. A Providência de Deus, por seus ministros, renova assim a face da terra, a qual germinará a salvação, e do céu choverá a justiça. ▢



ÉTICA AMBIENTAL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Abordar a problemática da ética ambiental em nossos dias é tocar na raiz da crise das relações entre homem-natureza, agravada de maneira significativa no contexto da globalização cultural e econômica em que vivemos. Embora utilizemos a palavra “ambiental” para designar os diversos aspectos físicos, biológicos, geográficos e sociais da realidade, a crise ética se aplica não propriamente à natureza, mas à pessoa humana, pois somente ela é que configura as duas colunas da ética, ou seja, os hábitos (hexis) e os costumes (ethos). Desta forma, a crise ambiental é mais uma crise antropológica

do que uma crise da natureza em si mesma. O problema não está tanto numa crise das relações ecológicas ou das múltiplas inter-relações simbióticas e comensais dos seres vivos entre si, mas na incapacidade do ser humano em manter um equilíbrio entre as relações harmônicas e conflitivas com a natureza circundante. Esta insustentabilidade na relação homem-natureza vem sendo agravada com a ênfase exagerada e ideológica num modelo de racionalidade onde os valores econômicos e produtivos são priorizados, colocando-se num plano inferior e secundário os valores humanísticos e éticos.

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

Dr. Josafá Carlos de
Siqueira, S.J.¹

*Palestra proferida na
Semana da Qualidade do
Centro Universitário da FEI
em julho de 2010.*

¹ Reitor da PUC-Rio e Prof.
Ética Ambiental do Depto. de
Geografia.

GOMÉZ-HERAS (1997) em seu livro intitulado *Ética del Medio Ambiente*, comenta o fato de que, a partir do Renascimento, surgiram dois tipos distintos de interpretação da natureza. O primeiro está ligado ao ideal galileano-cartesiano de ciência, com forte acento na quantificação e formalização matemática da natureza. O segundo está relacionado com a dimensão qualitativa e valorativa da natureza. A primeira interpretação acabou se expandido historicamente, ofuscando os princípios teleológicos da segunda interpretação. Por mais que tenhamos evoluído no processo de conscientização ambiental, a racionalidade técnica, quantitativa ou de resultados continua ainda a predominar, sobretudo quando a natureza é vista e manipulada como uma mera mediação a serviço das exigências ideológicas do mercado produtivo e consumidor. O esvaziamento que o antropológico tem dado à dimensão axiológica da natureza é a causa desse desequilíbrio. Assim, a ética ambiental é, no fundo, uma forma de resgate não apenas das relações homem-natureza, mas a retomada de um processo de humanização axiológica, pois somente ela é capaz de manter um nível mínimo de relação sustentável entre a sociedade humana e o espaço circundante marcado pelas inúmeras identidades de seres da natureza que também têm o direito de sobreviver e continuar a sua trajetória histórica e evolutiva.

É possível uma ética ambiental num contexto de desequilíbrio de racionalidades?

Se a ética ambiental tem a função de reordenar os hábitos e os costumes, tornando-os ecologicamente mais razoáveis e socialmente mais equilibrados, a resposta à pergunta do sub-título é positiva, ou seja, uma ética ambiental tem seu lugar mesmo dentro de um modelo globalizante gerador de desequilíbrios entre as racionalidades. Não se trata de abandonar hábitos e costumes que têm proporcionado uma melhoria significativa na qualidade de vida e que hoje são imprescindíveis nas relações sociais e ambientais, mas

de encontrar formas de reciclar ou integrar no espaço socioambiental em que vivemos o lixo gerado pela parafernália técnica que a racionalidade imediatista e de resultados tem produzido e acumulado. Os questionamentos da ética ambiental não estão voltados somente para essa busca de soluções imediatas de modelos sustentáveis, mas, sobretudo, para a crítica do modelo da racionalidade imperativa que, além de gerar produtos e comportamentos ambientalmente insustentáveis na relação com a natureza, acaba reprimindo e desvalorizando a racionalidade axiológica, que é fundamental para um mínimo de equilíbrio entre as relações humanas e a sustentabilidade planetária. Para que a racionalidade axiológica tenha mais espaço e eco na sociedade atual, é preciso que a ética ambiental insista em três vertentes.

A primeira vertente consiste em resgatar as diferentes dimensões que fazem parte da liberdade humana, ou seja, as relações com o transcendente, com a sociedade e com a natureza (SIQUEIRA, 2002). A relação com o Transcendente possibilita um olhar mais teleóptico sobre a realidade, pois, ao olharmos de longe, com mais profundidade, vamos perceber que as dimensões humanas não estão situadas apenas na horizontalidade da história, mas também na verticalidade que nos remete a uma trans-história. Este mesmo olhar se aplica na relação da pessoa humana com a natureza. A natureza não é simplesmente uma mediação utilitária que está a serviço das realizações e ambições humanas, mas um cenário complexo de relações vitais que possui uma teleologia e um quadro de valores imanescentes e transcendententes. A relação com a sociedade ajuda a integrar o social com o ambiental, de forma que a natureza não seja considerada um apêndice ou algo à parte, mas algo integrante e fundamental no processo de ocupação, interação e reordenação do espaço socioambiental.

Assim, não é mais tolerável esta relação esquizofrênica na qual, ao mesmo tempo em que destruímos os ecossistemas e ameaçamos a sobrevivência de cente-

nas de espécies, continuamos a afirmar que o desenvolvimento é sustentável. Esta falácia, que continua a fazer parte do cardápio existencial dos acordos signatários, está na contramão da ética ambiental, pois este modelo de desenvolvimento que fragmenta, quantifica e trata a natureza como uma mediação a serviço dos interesses do mercado é incompatível com a verdadeira sustentabilidade ambiental. Por esta razão é que a ética ambiental atual procura falar em modelos de sustentabilidade e não mais em desenvolvimento sustentável, pois o mesmo é ecologicamente insustentável.

A segunda vertente procura ampliar o espaço da racionalidade axiológica, mostrando que as relações homem-natureza devem ser abordadas não apenas dentro de um horizonte antropocêntrico, mas também cosmocêntrico. A cosmovisão antropocêntrica ensinada, ou seja, fechada sobre si mesma, acabou distanciando o homem do cosmos. A natureza, dentro



desta cosmovisão, é vista como uma diferença distante, servindo apenas como objeto de utilidade e cenário de idílicas contemplações. Nos dias atuais, ainda predomina a visão de natureza como algo que, ao mesmo tempo em que é útil ao homem, é também algo bonito, distante e harmônico, que merece ser visto em cores nas telas dos cinemas, das TVs e dos computadores. Até mesmo o ecoturismo ainda conserva esse olhar antropológico sobre a natureza, não sendo capaz, muitas vezes, de perceber as relações conflituosas inerentes ao seio da própria natureza e as escalas de valores que perpassam o mundo criado. Felizmente, o processo de

conscientização tem contribuído para o afloramento e resgate de uma outra cosmovisão, que talvez seja a mais antiga na história da humanidade.

Trata-se da visão cosmocêntrica, em que as diferenças existentes na natureza são vistas de maneira mais integrada, mesmo conservando as escalas de valores distintos. Nesta perspectiva, a natureza não é concebida apenas como algo utilitário, objetivo e coisificado, mas como manifestação de um pluriverso de subjetividades, dotadas de teleologias, valores e direitos. Essa cosmovisão é que permite resgatar as práticas sustentáveis da relação dos povos tradicionais com a natureza, os processos de educação ambiental que estão

sendo vividos nos anonimatos das instituições, no voluntarismo das pessoas que acreditam num mundo melhor, nos movimentos ambientalistas e nos testemunhos daqueles que mantêm uma relação mais carinhosa e cuidadosa com a natureza.

A terceira vertente da ética ambiental está voltada para a visibilização das pequenas experiências exitosas. Num mundo globalizado os critérios catabásicos, de cima para baixo, são vistos como uma única saída para o desenvolvimento e o progresso. Esses critérios fazem parte da racionalidade quantitativa e de resultados, para a qual os pequenos exemplos são tidos como algo ideal, porém difíceis de serem universalizados, embora com uma consciência de que estes hábitos são ecologicamente corretos, podendo gerar costumes futuros mais sustentáveis. O papel da nova ética ambiental consiste exatamente em afirmar que os critérios anabásicos, de baixo para

cima, buscados e vividos nas pequenas e potenciáveis experiências, são fundamentais tanto nos aspectos testemunhais como na busca de modelos ambientalmente mais sustentáveis. A história da humanidade tem mostrado que as pequenas ideias e projetos, que mais tarde se tornaram grandes, nasceram de experiências pontuais, vividas no cotidiano geográfico limitado e condicionado. Por serem pequenas e potenciáveis, elas tomaram vultos maiores, gerando, no futuro, resultados extraordinários para a sociedade. É preciso acreditar na pequenez potencializada e potencializadora que surge de baixo para cima e que, mesmo sendo vulnerável na sua expressão inicial, pode se tornar uma grandeza imensurável.

Os valores inspiradores na construção de uma ética ambiental

Toda mudança de hábitos que visa à criação futura de costumes eticamente sustentáveis necessita de uma escala de valores para que a sua consolidação seja socialmente eficiente e historicamente mais duradoura. Neste sentido, os valores devem ser construídos a partir de princípios razoáveis que nascem não apenas na esfera da razão (logos), mas também da sensibilidade (pathos) do humano em relação ao mundo circundante. Dentro desta perspectiva, alguns princípios axiológicos são, hoje, fundamentais na construção da ética ambiental, a saber:

1. Responsabilidade compartilhada

A busca do equilíbrio entre as racionalidades e os mecanismos de criação de modelos sustentáveis deve estar enraizada na responsabilidade que temos em manter a sustentabilidade em nível local, regional e planetário. Sendo uma responsabilidade ética, ela deve ser vivida e compartilhada na sociedade, superando os voluntarismos individualistas, que, apesar de verdadeiros e nobres, não estão articulados com

a missão comum de todos. Essa responsabilidade compartilhada é um valor ético que está voltado não apenas para as gerações presentes, mas estende-se às gerações futuras. Todos nós temos o dever e a responsabilidade de conservar e preservar toda a riqueza e o potencial ambiental e cultural da humanidade, colocado pelo Criador em nossas mãos para ser cuidado e administrado com equilíbrio, ternura e inteligência.

2. Saber cuidar e se relacionar com as diferenças

Muitos pensadores modernos têm insistido na necessidade do saber cuidar (BOFF, 1999) do meio ambiente, da natureza, como uma extensão de um humanismo ético que supõe da pessoa humana uma relação de respeito e aceitação das diferenças existentes entre as pluriversas formas de vida, sejam aquelas cujas identidades são reconhecidas e descritas pelas ciências, como também de centenas ou milhares de outras que aguardam no anonimato existencial tal reconhecimento. O saber cuidar é fundamental; porém, se não está ligado a um processo de relacionamento amoroso e afetivo, corre um risco de ficar nas boas intenções da razão teórica. Saber relacionar-se é manter uma atitude de proximidade, percebendo em cada ser vivo os detalhes que o caracterizam e que o distinguem dos demais. Na verdade, isto se dá dentro de uma dimensão contemplativa e ativa, onde o ver, o tocar, o sentir são essenciais para manter tal relacionamento.

A experiência tem mostrado que esse olhar mais profundo sobre a realidade existencial da vida é um processo de aprendizagem que se constrói a partir deste saber cuidar e se relacionar com as diferenças. Muitas defesas manifestativas em favor da causa ambiental não são convincentes e testemunhais porque o saber cuidar e se relacionar são profundamente teóricos. Falta na pessoa esta capacidade de perceber que os detalhes são os diferenciais no processo amoroso da relação com mundo circundante. Numa sociedade

individualista e teorizada, onde os olhares macrocósmicos prevalecem e vislumbam, esse saber olhar o microcosmo deve ser um valor ético importante, reeducando as pessoas nesse saber cuidar do mundo circundante; numa relação amorosa que exige um olhar pontual para conhecer as diferenças e identificar os detalhes únicos que cada ser da natureza possui em si mesmo.

3. Solidariedade socioambiental

Infelizmente, o dualismo pitagórico e cartesiano, bastante enraizado na cultura ocidental, acabou separando as questões sociais das ambientais, tratando a solidariedade antropológica como distinta da solidariedade com as demais criaturas. Na Encíclica *Centesimus Annus*, o ensinamento milenar da Igreja Católica nos recorda que a falta de solidariedade que aparece na destruição da natureza revela que o homem tem um



desconhecimento profundo da verdade e de sua relação ontológica com os outros e com Deus. Não somos donos e proprietários da natureza, mas guardiões e solidários com todas as expressões de vida, principalmente com aquelas que socialmente e biologicamente se encontram vulneráveis, fragilizadas e ameaçadas. Nossa forma de exercer a solidariedade socioambiental é evitar a exclusão e lutar para que os mais fracos sejam incluídos na sociedade e na natureza. A perversidade de nossos modelos globalizantes e excludentes consiste em criar estruturas de exclusões que repercutem tanto

nas relações sociais como na dinâmica da natureza. Talvez, uma das formas de resgatar essa solidariedade seja o engajamento concreto em ações iluminadas pela racionalidade axiológica e inspiradas em uma espiritualidade integradora entre Deus, homem e natureza.

4. Reeducação de comportamentos

Se desejamos, historicamente, construir costumes que sejam ecologicamente corretos e socialmente razoáveis e sustentáveis, temos que investir nas mudanças de hábitos e comportamentos que são ambientalmente insustentáveis. Para tanto, é necessário um

processo gradativo de reeducação dos inúmeros hábitos da sociedade moderna que são incompatíveis com a sustentabilidade socioambiental. A grande dificuldade consiste na escala onde os mesmos estão situados; ou seja, vamos encontrá-los tanto em escalas globais como nas locais.

Na escala global, dada a complexidade dos assuntos, a diversidade de posturas e a forte influência da globalização econômica e cultural, a problemática se torna mais difícil. Os acordos signatários de boas intenções, celebrados em esferas internacionais, não conseguem produzir efeitos concretos imediatos, ficando muitos deles apenas como marcos referenciais importantes de grandes princípios que, talvez, jamais consigam atingir a meta desejada. Na escala regional ou local, a situação é bastante distinta, pois as ações e movimentos que visam a reeducar o comportamento das pessoas em relação

BIBLIOGRAFIA

BOFF, L. *Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DIEGUES, A. C. *Etnoconservação*. São Paulo: Hucitec, 2000.

GÓMEZ-HERAS, J. M. *Ética del medio ambiente*. Madrid: Tecnos, 1997.

LEFF, E. *Saber ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2002.

RUA, J. A. *A construção da identidade territorial em Rio das Ostras*. In: SIQUEIRA J.C. (coord.) et al. *Educação ambiental: resgate de valores ético-ambientais no município de Rio das Ostras*, 2002, p. 17-26.

SIQUEIRA, J. C. de. *Ética e meio ambiente*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Desafios éticos e aporias no processo de construção da interdisciplinaridade na Universidade Brasileira*. In: FONSECA, D. P. R.; SIQUEIRA, J. C. de. (org.). *Sobre as águas: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Ideias e Letras, 2004, p. 9-15.

ao meio ambiente partem de uma vivência local dos problemas. Se a estrutura regional ou local corresponder à realidade vivida e vivenciada, o processo reeducativo alcança os fins pretendidos.

Segundo RUA (2002), o local é ponto de partida e chegada da ação. É no local onde aparecem os sinais de contradição e os potenciais de mudanças, sendo eles melhor percebidos, socializados e compartilhados. Evidentemente não pode ser um localismo ensimesmado, mas, ao contrário, um localismo aberto e solidário com as grandes preocupações globais. Neste contexto, se coloca a questão da Educação Ambiental como uma mediação imprescindível no processo de reeducação de comportamentos, levando em conta os valores sociais, os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e as competências, todas voltadas para um bem comum maior, mais universal e mais fraterno. Se na expressão da mística inaciana o “bem, quanto mais universal, mas divino”, tem um significado espiritual mais profundo, na educação ambiental essa expressão pode se traduzir num apelo ao modo de agir localmente, pois, mesmo agindo em escala local, não podemos perder de vista que este bem ou esta ação transformadora deve sempre estar aberta e articulada com as questões mais abrangentes e globais. Na ética ambiental, o processo de reeducação de comportamentos não pode ser tratado de maneira pessoal ou individual, mas deve integrar as dimensões sociais, religiosas e culturais.

5. Interdisciplinaridade dos saberes

Ao tratar da questão da interdisciplinaridade dos saberes não podemos esquecer a rica e sábia vivência dos saberes nas culturas dos povos tradicionais, que ultimamente tem sido objeto de estudos de muitos antropólogos brasileiros. Resgatando os valores éticos dessas culturas, estudiosos como DIEGUES (2000), entre outros, vêm nos mostrando que a etnoconservação, vivida por esses povos, é sem dúvida um paradigma inspirador na construção de valores

socioambientais para a sociedade moderna. Na verdade, o grande desafio que temos pela frente, no âmbito acadêmico e urbano, consiste na construção da interdisciplinaridade dos saberes na universidade, sobretudo quando este processo de construção está apoiado em princípios nos quais a fragmentação de conteúdos é percebida e vivenciada no cotidiano da academia. Mesmo conhecendo os limites e conteúdos dos saberes específicos, mesmo conscientes de que não podemos cair em abordagens generalistas de pouca profundidade, a ética ambiental tem insistido na necessidade de repensar uma inter-relação maior dos saberes, sobretudo daqueles que têm um enfoque socioambiental. Autores como LEFF (2002), ao falar da interdisciplinaridade, recordam que a mesma constitui um esforço de compreensão unitiva da realidade para solucionar os complexos problemas gerados pelos saberes fragmentados, separados pelos limites dos territórios científicos. Quando assumido o grande desafio de pensar e repensar a reterritorialização das disciplinas de maneira compartilhada, a interdisciplinaridade não deve atuar tanto na metodologia, mas no âmbito dos conteúdos, tendo sempre como pressuposto o desejo de aprender com os outros saberes e os princípios norteadores que os inspiram. SIQUEIRA (2004) mostra que esses pressupostos devem estar relacionados com a cosmovisão integradora, com a abordagem desigual entre as racionalidades, a aporia entre ethos e hexis, a problemática ecológica mais profunda e a solidariedade compartilhada.

A experiência no ensino e na pesquisa tem nos mostrado que, mesmo conservando as fronteiras, as metodologias e as abordagens específicas de alguns saberes científicos, sempre existe um espaço para o diálogo interdisciplinar, sobretudo quando se trata de conteúdos de interesses múltiplos, em que o saber científico, a experiência socioambiental e as interpelações éticas do indivíduo e da sociedade se encontram imbricadas e abertas na busca solidária de soluções de interesse local e global. ▢

O CÓDIGO DA INTELIGÊNCIA E A FORMAÇÃO DE LÍDERES NO SÉCULO 21



Há um mundo a ser descoberto dentro de cada um de nós. Temos milhões de livros nas bibliotecas com bilhões ou trilhões de informações, mas sabemos muito pouco sobre a essência intrínseca que nos tece como *homo sapiens*.

As áreas mais cálidas e mais importantes da ciência apenas foram arranhadas e, talvez, a última fronteira delas seja o processo de construção de pensamentos.

Quanto mais nós voltarmos a nossa mente para entender como nós pensamos, mais nos deparamos com limitações intransponíveis.

Há mais de 25 anos tenho gasto uma parte significativa do meu tempo para estudar os fenômenos que estão na base consciente e inconsciente da construção das idéias, das imagens mentais, das fantasias e, em tese, dos pensamentos.

Uma das maiores barreiras para estudá-lo é que o nosso objeto de estudo é intangível. Os engenheiros e também os administradores lidam com fenômenos tangíveis que podem ser acusados pelo sistema sensorial, pelo tato, pela visão, pela audição. Mas e os pensamentos?

Todos os dias produzimos milhares deles. Alguns são lúcidos, outros são estúpidos. Alguns nos remetem à serenidade, outros à apreensão, ao estado de angústia. Quantas vezes sofremos por antecipação, somos escravos daquilo que ainda não aconteceu? E por que nós não gerenciamos esses pensamentos?

Todos os dias, coordenamos bilhões de células para ter o movimento fino das mãos como também as células musculares nos levarem a caminhar e a nos dirigir aos alvos que queremos. Mas quem é que dirige os pensamentos com essa maestria?

Há um mundo a ser descoberto dentro de cada um de nós. E esse mundo é mais complexo do que a ciência até hoje tem imaginado.

Há três tipos de pensamento.

Há o pensamento essencial. Ele não é consciente, mas completamente inconsciente. É aquele que produzimos quase na velocidade da luz no exato momento em que através da memória conjugamos o tempo dos verbos, associamos os substantivos e adjetivos formando uma cadeia de pensamento organizada e elaborada como uma idéia. O pensamento essencial serve de base para a decolagem de dois outros tipos de pensamentos usados nas ciências, na compreensão de nós mesmos e nas relações interpessoais.

Chamo os primeiros de dialéticos ou discursivos, uma vez que mimetizam os símbolos dos sinais – seja da voz, seja dos visuais, no caso da surdez. Através do

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

Augusto Jorge Cury¹

*Trechos da palestra
proferida na Semana da
Qualidade
(1º semestre 2010) do
Centro Universitário da FEI
em fevereiro de 2010.*

¹ Médico, psiquiatra, psicoterapeuta e escritor. Desenvolveu a teoria da inteligência multifocal, sobre o funcionamento da mente, o processo de construção do pensamento e formação de pensadores. Autor de diversos livros. Com mais de 10 milhões de livros vendidos no Brasil (o mais lido da década). Entre eles: *Pais brilhantes, professores fascinantes; nunca desista de seus sonhos; o código da inteligência; o vendedor de sonhos*.

pensamento dialético redigimos os textos e dialogamos. Antecipamos as situações no futuro ou remoemos coisas do passado. É o pensamento mais utilizado, porém não é o mais profundo.

O mais profundo é o antidialético. Este não obedece à lógica: é o imaginário. Einstein, sem ter conhecimento desse assunto, cujos estudos são recentes, dizia que a imaginação é mais importante do que o conhecimento, do que o discurso. Ele tem razão. Quando se usa o pensamento antidialético, enxerga-se o mesmo fenômeno por múltiplos ângulos. Ele estimula as respostas, provoca a ação e a reação; caminha nas raízes da arte da dúvida, faz perceber o mesmo fenômeno sob múltiplos ângulos.

Portanto, quando desenvolvemos o pensamento antidialético, filtramos o estímulo estressante, desenvolvemos a capacidade de gerir a emoção e de gerenciar pensamentos. Infelizmente, na educação mundial, da pré-escola à pós-graduação, quase não se toca nesse assunto: a importância de se usar o pensamento multifocal, imaginário, multiangular para nos relacionarmos com os outros, conosco mesmo e também para libertar a criatividade.

A memória lida com janelas. A janela da memória é um território específico de leitura de um determinado momento existencial. Uma pessoa dá resposta tanto mais madura, lúcida, coerente, quanto mais tem abertas as janelas da memória.

Quantas vezes nós ferimos aos que mais amamos? Quantas vezes, numa determinada situação, damos uma resposta e, depois de alguns minutos, nos martirizamos como culpados pelo que deveríamos dizer e não o fizemos? Por quê? As janelas não foram abertas de maneira expansiva, não foram capazes de financiar o processo de abertura para dar qualidade e força ao raciocínio.

Todo grande líder, um líder do futuro, não deve se submeter à ditadura da resposta. Deve ter um compromisso e ser fiel a sua consciência. Quem não é fiel a sua consciência mantém uma dívida impagável consigo mesmo.

Quero dizer que em qualquer circunstância, a melhor resposta é não dar respostas. A melhor resposta é

fazer a oração dos sábios: entrar por alguns segundos no córtex cerebral e abrir o máximo de janelas para dar respostas inteligentes em situações estressantes.

Um dos grandes líderes que me ajudou a entender esse fenômeno foi a pessoa mais famosa da história e a menos conhecida no teatro da sua mente: Jesus Cristo.

Eu fui um dos maiores ateus que já pisou nessa terra! Talvez mais do que Marx, que escreveu que a busca por Deus é o ópio que entorpece a mente; do que Nietzsche, que falava da morte de Deus e queria que o último religioso fosse asfixiado com suas próprias vísceras!

Não defendo uma religião, mas mudei de pensamento quando estudei esse homem Jesus Cristo, seus momentos de tensão e como ele entendia plenamente esses mecanismos. Ele abria as janelas da memória para dar respostas interessantes nas situações estressantes, coisa que nós – pais, professores, executivos – muitas vezes não fazemos e falhamos redondamente!

Apresentaram-lhe uma mulher flagrada em adultério. Os líderes religiosos queriam apedrejá-la e fazer dela um exemplo para outras mulheres. O homem estava livre. O adúltero não fazia parte do julgamento. Imagine-se aquela mulher no estado de tensão dramática em que se encontrava.

Antes de abordar esse fato, preciso comentar que existem algumas janelas, algumas áreas do córtex cerebral que chamo de *janelas-killers*. São janelas que assassinam a liderança do eu, a capacidade inventiva, a capacidade de pensar antes de reagir. Acabam com nossa tranquilidade e serenidade. É por isso que nos primeiros 30 segundos de tensão cometemos os maiores erros da nossa vida! É quando o nosso eu, que deveria ser o autor da história, se torna a vítima do estado de angústia, agressão, frustração, ansiedade e decepção.

Mas, lá está aquele homem que dividiu a história da humanidade, diante de uma mulher toda esfolada, ferida, sangrando, clamando pelo direito à vida, e de uma platéia tensa pelo confronto entre as palavras filosóficas do mestre e a sensibilidade do momento. Um julgamento sumário iria ocorrer.

“Mestre, esta mulher foi pega em flagrante adultério”, disseram os julgadores. Usaram o verniz da moralidade para encobrir o autoritarismo. Muitas vezes nós temos que tomar cuidado: fazemos o mesmo!

Que resposta ele deu?

O mundo inteiro conhece a resposta. Mas essa não é a primeira resposta. A primeira resposta não é “quem não tem erros ou falhas, que atire a primeira pedra”. A primeira resposta que me deixou chocado foi não dar resposta. Foi não se submeter à ditadura delas. Foi aprender a ser fiel à sua consciência. Ele se interiorizou e começou a questionar o comportamento daqueles homens projetando seu questionamento enquanto escrevia na areia.

E os julgadores, que estavam presos pelas *janelas-killers*, começaram a ficar chocados com o seu comportamento. Um grande líder choca positivamente por seus comportamentos surpreendentes!

Surpresos com a resposta, que foi o silêncio (a oração dos sábios), eles começaram a se interiorizar. Depois sim, num segundo momento, ficaram chocados com a resposta. Queria dizer, em outras palavras: podem assassiná-la, mas antes mudem a base do julgamento. Tenham a coragem de olhar para o portfólio da sua história, fazer uma varredura nos seus erros e falhas, romperem a necessidade neurótica de serem perfeitos, para depois sim mutilá-la.

Permitiu que a julgassem livremente, mas mudou a base do julgamento.

O risco era enorme. Foi provavelmente a primeira vez na história que linchadores, sob um moralismo sem precedentes, refletiram sobre seus comportamentos e revisaram as suas atitudes. Viajaram nas trajetórias do seu próprio ser.

Queridos amigos, não há gigantes. Nenhuma pessoa é plenamente equilibrada. Mesmo os mais equilibrados terão seus momentos de incoerência. Os mais sábios, seus momentos de ansiedade vexatória! O que nós temos que fazer é aprender a ser caminantes nas trajetórias do nosso próprio ser, para abrir o máximo de janelas, para dar respostas inteligentes sobretudo nas situações estressantes.

Quando Jesus mudou a base do julgamento, aqueles homens não conseguiram atirar pedras porque começaram a atirá-las na própria história. Perceberam a sua fragilidade. Uma pessoa grande se faz de pequena para tornar os pequenos grandes.

Todos nós, professores, temos que nos fazer pequenos para tornar os nossos alunos grandes.

Quando houver um aluno rebelde, difícil, inquieto, gastem algum tempo com ele fora da grade curricular. Conquistem primeiro o território da emoção para que consigam abrir o máximo de janelas, para que, num segundo momento, possam falar do erro, do comportamento. O que for dito não será uma invasão de privacidade. Corrigirá a pessoa no seu foco de tensão.

Há instintos que estão embotados, mas não estão eliminados. Todos os temos. Alguns de nós polimos a nossa história, parecemos calmos na maioria das vezes, gentis... Nunca, porém, devemos achar que eles não estão lá! Em alguma situação podemos abrir uma janela-killer e ela vai produzir tal volume de tensão que bloqueará milhares de outras janelas. Nosso eu não consegue acessar as informações que nos dão coerência, serenidade e sabedoria. Podemos cometer erros graves.

Nós, que conseguimos domar a natureza, ou pelo menos parte dela, temos grande dificuldade de domar o processo de leitura da memória, a construção de pensamentos e as vertentes mais nobres do eu como líderes e autores de nossa própria história.

Quando o Mestre dos mestres levou aqueles homens a entrarem em contato consigo mesmo, ficaram chocados. Abriram as janelas da memória e começaram a perceber que entre eles e aquela prostituta havia uma diferença muito pequena. Saíram de cena, um a um.

Quando Jesus olhou para a mulher adúltera, ao invés de perguntar com quantos homens dormiu, foi delicado. Apenas falou: “Mulher, onde estão seus acusadores?” Chamou-a de ser humano, mulher. Não quis saber sobre as falhas e dificuldades. Uma pessoa grande elogia em público e corrige em particular. Bem diferente de nós, que muitas vezes expomos os erros das pessoas em

público; e o elogio, o fazemos em particular!

Aquela pergunta era desnecessária. Estava claro que todos de fato tinham ido embora. Mas Jesus queria levá-la a refletir sobre a própria história, para que ela não ficasse passiva, mas que vasculhasse o córtex cerebral, entrasse nos recônditos da psique, para desenvolver as funções mais nobres do intelecto. Concluiu: “Vai e reescreva a sua história!”

Queria dizer: vai, você não me deve nada. Tudo que fiz, fiz desprendido de poder. Ele estimulou aquela mulher como um professor a sair de cena: “Vocês não me devem nada. Eu apenas levei-os a perceber que a vida não é efêmera. É muito mais do que suas falhas, do que seus erros. Ela é por si só um show indecifrável. Reescrevam sua história!”

Muitos que detêm o poder, principalmente no mundo político e empresarial, usam dele para controlar pessoas. Não são dignos do poder. Digno do poder é aquele que liberta as pessoas, que não tem a necessidade neurótica de que os outros gravitem na sua órbita. Que é capaz de dizer para seu filho, para seu aluno, para as pessoas que estão a seu redor: “Vai, vai! Você não me deve nada! Tudo o que fiz, fiz porque a vida não é efêmera. A vida é um espetáculo único e imperdível. Você, para mim, é uma pessoa de grande valor!”

É preciso gastar tempo abrindo o portfólio da nossa história. Impressionante o que cinco minutos podem fazer! Cinco minutos podem mudar uma história para o bem ou para o mal.

Quero dizer-lhes isto, e até corrigir um conceito que existe em muitos setores da psicologia e psiquiatria: ninguém quer matar a vida. Não existe idéia de suicídio puro. Toda pessoa que pensa em morrer na verdade quer matar a dor, a angústia, o desespero. O que perturba não é a existência, porque, filosoficamente falando, a consciência da existência não consegue dimensionar o fim da própria existência.

Sabemos que não é possível “deletar” as *janelas-killers*, “deletar” o passado, apagar a memória. Nos computadores é simples. No córtex cerebral isso é

impossível. Por isso, a mente humana é muito, muito mais complexa do que qualquer máquina. É possível reeditar a memória, introduzir no loco das *janelas-killers* novas experiências, novos pensamentos, novas idéias.

Em um ataque de pânico, numa claustrofobia quando, por exemplo, alguém está preso no elevador, quando a *janela-killer* está aberta e o caos se instala, é o momento em que o eu deve entrar em cena criticando, duvidando e não se tornando vítima conformista. Se ousar entrar no caos ele o torna uma oportunidade criativa, produz novas idéias, discorda, confronta.

A dúvida é o princípio da sabedoria e da filosofia, é a mãe de todas as grandes idéias da ciência. Se ele questiona o controle, o medo, a expectativa de morte, o complexo de inferioridade, o sentimento de culpa, de inutilidade, se ele produz idéias a partir de sua própria capacidade, deixa de ser vítima para ser protagonista da sua própria história.

Permitam-me ser repetitivo. Gastem tempo para falar deste ser humano incrível que está dentro de nós. Quando olho as pessoas nas ruas, mesmo um mendigo, costumo me perguntar sobre as experiências que teve, quais foram os medos, as perdas, as dificuldades; que sonhos, que pesadelos teceram sua história. Isso me ajuda não apenas como psiquiatra, psicoterapeuta e até treinador de psicólogos, mas em especial como um ser humano que procura entrar nas camadas mais íntimas da psique e perceber que há um mundo a ser descoberto.

Cada ser humano é incrível e tenho certeza de que, ao analisar a sua história, mesmo os momentos em que falhou, essa experiência que o fez envergonhar, aquilo em que não foi coerente, tenho certeza de que há também experiências nobres, ricas, que podem ser transmitidas.

Não sejamos um manual de regras para os subalternos e, em especial, para os filhos. Falem dos seus fracassos e das suas dificuldades para que eles entendam que drama e comédia, aplausos e vaias percorrem as artérias existenciais de qualquer ser humano e é possível escrever nos dias mais tristes da nossa vida os capítulos mais importantes da nossa história. ▢

Pe. Carlos Contieri, S.J.
Diretor do Pátio do
Collegio e Museu de Arte
Sacra dos Jesuítas



DISCERNIMENTO APOSTÓLICO COMUNITÁRIO¹

O texto que apresentamos é um “resumo livre”² de um artigo do Pe. Geral da Companhia de Jesus, Adolfo Nicolás, publicado na *Revista de Espiritualidad Ignaciana*, XI, 3/2009, sob o título “Discernimiento Apostólico en común”.

O artigo se desenvolve a partir de três perguntas:
a) Por que é necessário um discernimento permanente que envolva todo o corpo apostólico da comunidade?;
b) Quais são os elementos e dimensões a serem levados em conta no discernimento apostólico comunitário?;
c) Que contribuição a comunidade apostólica inaciana

pode dar à Igreja de hoje, à luz do discernimento apostólico inaciano?

É oportuno notar que se fala de “discernimento apostólico” e não de qualquer discernimento. Isto quer dizer que o que é visado é a vontade de Deus no que concerne a *missão* de todo o Corpo da Companhia de Jesus, ou do que o Pe. Geral chama da “Comunidade Apostólica Inaciana” (jesuítas, religiosos e leigos). Tomemos, então, cada uma das questões e o seu desenvolvimento:

¹ A introdução, tradução, resumo e modificações são de responsabilidade do Pe. Contieri, S.J.

² O texto original sofreu pequenos acréscimos e correções de nossa responsabilidade.

1. Por que o trabalho de um corpo apostólico necessita de um discernimento comunitário permanente? Por que não é suficiente o discernimento pessoal de superiores, líderes e outros, e é necessário que se envolva todo o corpo apostólico da comunidade?

Porque tudo está *mudando*, é necessário um discernimento permanente. Santo Inácio nunca se contentava com o *status quo*. O *magis* que ele propõe sugere certa falta de satisfação no que concerne ao modo como as coisas estão. Isto quer dizer uma rejeição espiritual quanto ao estado atual das coisas. O *magis* é o impulso provocado pelo “bom espírito” e que nos move a não cessar de buscar, encontrar e realizar a vontade de Deus. Tanto nas Constituições da Companhia de Jesus, como no Novo Testamento, os verbos de ação frequentemente usados são: amar, servir, andar, proceder, aspirar, crescer. Todos estes verbos, entre outros, nos levam a compreender que a vida espiritual é crescer ou diminuir, pois não crescer, espiritualmente, é diminuir. Se não crescemos, o peso de nossas debilidades nos domina. Nós crescemos, mudamos todo tempo. Isto supõe estar continuamente atentos ao que sucede à nossa volta, ao que é bom e ao que não é tão bom. As pessoas a quem servimos também mudam, por isso muda também nossa língua. O coração das pessoas também muda – se aproxima ou se afasta de Deus. As circunstâncias de nosso apostolado mudam. Nós vivemos em um mundo onde as pesquisas nos dizem que a mudança irá mais longe do que se pode prever. Nossas perguntas também mudam. Tudo isto significa que o discernimento é uma necessidade, não como algo feito de uma vez por todas, mas como um processo, uma atitude permanente.

Cada geração tem de redescobrir a si mesma, redescobrir o cristianismo, e redescobrir as respostas ao Evangelho de Jesus Cristo. Cada geração tem algo a descobrir. Mas, e a *Tradição*, o que será dela? A

tradição nos dá uma base e nos dá Sabedoria. Temos que aceitá-la inteiramente e fazê-la nossa. Trata-se, aqui, de uma *aceitação criativa*, pois a tradição, de um lado, não se rende ao presente, mas, de outro, se adapta aos novos tempos e espaços. Às vezes, tendemos a aceitar somente parte dela. Inclina-mo-nos a dizer: “Bem, pertencemos a esta tradição, mas deixo fora a principal parte dela”.

Por isso, precisamos discernir sempre. As perguntas serão sobre “o que?”, “como?”, “até quando?”, etc. O discernimento é o modo de viver em meio a um mundo em mudança. Tem de ser comunitário porque ninguém, por si mesmo, pode controlar tudo, e Deus não se permite ser aprisionado por cada um. O discernimento faz com que compreendamos que não podemos nunca possuir a vontade de Deus de uma vez por todas.

O discernimento comunitário é um processo lento. É certo, como diz S. Inácio, que, em alguns casos, recebemos uma luz repentina e intensa, como aconteceu com S. Paulo, no caminho de Damasco, ou com o próprio Inácio, às margens do Cardoner: “Uma vez, ia, por devoção, a uma igreja que estava a mais de uma milha de Manresa. Creio que se chama São Paulo, e o caminho vai junto do rio. Indo assim em suas devoções, assentou-se um pouco com o rosto para o rio, o qual ficava bem em baixo. Estando ali assentado, começaram a abrir-se-lhe os olhos do entendimento. Não tinha visão alguma, mas entendia e penetrava muitas verdades, tanto em assunto de espírito, como de fé e letras. Isto, com uma ilustração tão grande que lhe pareciam coisas novas. Não se podem declarar os pormenores que então compreendeu, senão dizer que recebeu uma intensa claridade no entendimento” (Autobiografia, 30). Mas, o discernimento é diferente, *sua natureza é a busca*, e a busca é um processo lento. A participação de todos garante o ritmo lento, necessário para uma autêntica mudança. O processo nos leva desde onde estamos até onde Deus quer que estejamos.

2. Que elementos e dimensões devemos levar em conta, no mundo de hoje, para um discernimento apostólico comunitário?

a) Conhecer as necessidades e os sofrimentos humanos

Tudo o que nos põe em contato com a realidade é de grande ajuda para o nosso discernimento. Pode nos ajudar ter sempre presente a Meditação da Encarnação, tal como ela é proposta por S. Inácio, nos EE.EE. [101 – 109]: *ver as pessoas, ouvir* o que falam as pessoas sobre a face da terra, *olhar*, depois, o que *fazem* as pessoas sobre a face da terra.

b) Necessitamos conhecimentos psicológicos

Conhecer algo de psicologia é necessário para que, ao falar às pessoas, sejamos capazes de conhecer se há falta de contato com o Espírito ou simplesmente uma incapacidade psicológica para enfrentar a realidade ou fazer eleição, e continuar divagando sem rumo fixo. Os EE. nos ajudam a encontrar nossa conexão com lugares, grupos, ou com resultados. Este é um ponto básico na espiritualidade cristã, e também no budismo e hinduísmo. *Tu trabalhas e fazes o máximo que podes, mas tu não estás apegado ao fruto do teu trabalho.* A conexão com o fruto do trabalho é uma fonte de infelicidade para muitos de nós. Trabalhamos muito e desejamos ver os resultados, mas os resultados dependem, também, de muitos outros fatores. É necessário o desapego, a indiferença, estar livre, frente aos frutos do trabalho. Na meditação das três classes de homens, para escolher o melhor [EE. 149 – 157], ao falar da terceira, que deve ser desejada, S. Inácio assim a apresenta: “a terceira quer desvencilhar-se da afeição, mas de tal forma o quer, que não se prende ao apego de ter ou não ter a coisa adquirida. Deseja apenas querê-la ou não querê-la, conforme Deus nosso Senhor lhe puser na vontade e à pessoa parecer melhor para o serviço e louvor de Sua Divina Majestade. Entrementes, quer fazer de conta que, em afeto, deixa tudo, esforçando-se por não

querer aquilo nem outra coisa qualquer, se não a mover unicamente o serviço de Deus nosso Senhor, de modo que o desejo de melhor servir a Deus nosso Senhor a mova a tomar a coisa ou a deixá-la”. Trabalhar seriamente, mas permanecer desapegado dos frutos, livre.

c) A forma ou maneiras de rezar de uma comunidade

Os EE. podem nos ajudar a descobrir onde estão os problemas. Nunca é demais lembrar que, quando ideologias, ou interesses e susceptibilidades individuais ou de grupos estão presentes em nossas comunidades, não há como criar um ambiente de comunidade.



d) Fator de risco

O risco, ainda que não sejamos responsáveis por sua criação, nos impede de discernir. Tais são os riscos da pobreza material, dos problemas financeiros, de ser anti-culturais, de encontrar-se com algo que é novo. *Os desafios nos trazem intranquilidade. No tema do risco, penso que temos que prestar atenção a como nós valorizamos o êxito.* Tenho para mim que o sentido do êxito tem sido um dos mais tenazes inimigos com os quais temos tido que lutar. Não há dúvida que o êxito é algo pelo qual nós damos graças a Deus. Mas, é também uma grande tentação, como quando pensamos que devemos permanecer em um lugar, onde não somos

necessários, porque simplesmente tivemos êxito. Ou quando não queremos nos expor a riscos porque tememos que podemos fracassar. Ora, a vida terrestre de Jesus terminou num fracasso. Celebramos os êxitos continuamente. No entanto, não conheço uma comunidade religiosa sequer que tenha celebrado o fracasso em seu trabalho pelo Reino de Deus.

3. A Comunidade Apostólica Inaciana (leigos (as), religiosos (as), jesuítas), na prática do discernimento apostólico comunitário, pode ser nossa contribuição específica à Igreja de hoje?

Como servidores da Igreja, nós podemos ajudá-la em algumas poucas necessidades, integrando-as em nosso processo de discernimento. Por isso dividi este tema em três pontos:

- a) No *ponto de partida*, tratamos dessas necessidades da Igreja “encarnadas” no problema real. O discernimento nunca é abstrato; é sempre sobre algo concreto. É importante compreender a realidade humana, o sofrimento humano e a confusão humana. É preciso estar seguros de que nossas preocupações e desafios são os da humanidade e não outros problemas criados por nós.
- b) Para a contribuição ao *processo de discernimento*, cito três palavras-chave: conhecimento, escutar, integração.
 - 1) *Conhecimento* – trata-se de aprender a conhecer si mesmo e suas moções internas. É ser consciente de que Deus trabalha, movendo-se e atuando, e de que estamos rodeados de sinais, os quais podemos distinguir e reconhecer o significado de nossas moções internas, de nossos sentimentos e de nossas inspirações e, assim, podemos discerni-los e tratá-los adequadamente.
 - 2) *Escutar* – aprender escutar o Espírito Santo.

Aprender a sentir a ação do Espírito Santo é uma grande graça para a Igreja.

- 3) *Integração* – podemos ajudar a Igreja aprendendo a integrar nossos pontos de vista com os pontos de vista da comunidade. A integração é algo que temos que aprender. Temos que nos escutar mutuamente, o quanto for necessário. O discernimento comunitário exige mais humildade que a neutralidade pessoal. Humildade não pode ser confundida com omissão ou falsa modéstia. Nós poderíamos dizer que, neste caso, a humildade exigida é a aceitação do bem comum à ideia particular. Aqui, é onde a obediência a Deus através de outros tem o seu lugar. A obediência é difícil mesmo para os Superiores. Mas, todos devemos obedecer a vontade de Deus. A autoridade é parte de todo o processo de discernimento, e não um elemento externo. O discernimento autenticamente comunitário demonstrará que a autoridade confirma o processo.

- c) O termo do processo de discernimento é a *confirmação*. Os sinais internos de confirmação são alegria, esperança, caridade na comunidade e, algumas vezes, a saúde. O discernimento requer liberdade em face de situações que tiveram êxito no passado, mas são um peso no presente. Em tais casos, temos que ser corajosos e firmes o suficiente para adotar uma decisão forte, como parar o trabalho, instituição ou ministério que pode ter tido muito êxito no passado, mas que, agora, sentimos que não pode continuar por mais tempo. Os sinais externos são a própria comunidade, o consenso e, às vezes, o superior. No entanto, nunca são bons sinais nossos proveitos pessoais.

No final, estamos sempre dispostos a revisar tudo se aparecem novos sinais ou novos dados. Inácio estava sempre disposto a reconsiderar. Se ele próprio tinha esta vontade e disposição, por que nós não haveríamos de tê-la? ▢

PROMOVENDO A PROFUNDIDADE DE PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO²



O tema de nossa conferência, *Rede Jesuíta de Educação Superior: Forjando o Futuro para um Mundo Humano, Justo e Sustentável*, pressupõe uma proposta audaciosa. Ela sugere que temos hoje uma oportunidade extraordinária de contribuir para forjar o futuro – não apenas o de nossas próprias instituições, mas o do mundo – e que o modo de fazê-lo é através de redes. O termo “redes”, tão empregado em nossos dias, é, de fato, típico do “novo mundo” em que vivemos – um mundo cuja “principal característica nova” é aquela que o Papa Bento XVI chama “a explosão da interdependência em escala mundial, comumente conhecida como globalização”³.

A 35ª Congregação Geral também notou que nossa interconexão é o novo contexto para compreender o mundo e discernir nossa missão. Estou consciente de

que o termo globalização tem vários significados e provoca distintas reações em pessoas de culturas diversas. Houve muita discussão sobre os traços positivos e os efeitos negativos da globalização, e não preciso retomá-los aqui. Mais que isso, o que desejo é convidá-los a refletir juntos sobre o seguinte tema: como este novo contexto nos insta a reorientar, em certo sentido, a missão da educação superior jesuíta?

Os participantes desta conferência representam tipos muito distintos de instituições em todas as partes do mundo, atendendo estudantes, regiões e países com culturas, religiões e recursos muito díspares, além de desempenharem papéis locais e regionais diferentes. Claramente, a questão do desafio lançado pela globalização à missão da educação superior jesuíta deve ser respondida por cada instituição em seu específico con-

COMPANHIA DE JESUS

Pe. Adolfo Nicolás, S.J.¹

¹ Superior Geral da Companhia de Jesus.

² Trecho da conferência “Profundidade, Universalidade e Ministério Acadêmico: Desafios à Educação Superior Jesuíta de Hoje”, proferida no Encontro Mundial de Reitores de Universidades Jesuítas (*Rede Jesuíta de Educação Superior: Forjando o Futuro para um Mundo Humano, Justo e Sustentável: Universidad Iberoamericana, Cidade do México, 23 de abril de 2010*). Tradução não oficial de Raúl Fernandes.

³ *Caritas in veritate*, n° 33.

COMPANHIA DE JESUS

texto social, cultural e religioso. Não obstante, desejo ressaltar que este questionamento também requer uma resposta comum e universal. Tal resposta deve, obviamente, ser delineada a partir das distintas perspectivas culturais e locais, mas também da educação superior jesuíta em seu conjunto, como setor apostólico.

Como, portanto, este novo contexto da globalização – com as novas possibilidades e os sérios problemas que traz ao nosso mundo – provoca a educação superior jesuíta a redefinir ou, ao menos, redirecionar sua missão? Gostaria de convidá-los a considerar três desafios distintos, mas correlacionados, que a nova “explosão de interdependência” coloca a nossa missão comum. Primeiro é a promoção da profundidade de pensamento e imaginação; o segundo é a redescoberta e a implementação de nossa “universalidade” no setor da educação superior jesuíta; e o terceiro é a renovação do compromisso jesuíta com o ministério acadêmico.

Começarei diretamente com o que considero um efeito negativo da globalização, ao qual chamarei de “globalização da superficialidade”. Disseram-me que sou o primeiro Geral da Companhia a usar o e-mail e navegar na internet; confio, portanto, que o que vou dizer não seja equivocadamente tomado como falta de apreço pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, com suas muitas contribuições positivas e com as novas possibilidades que oferecem.

Apesar disso, acredito que todos aqui presentes já tenham experimentado o que estou chamando de globalização da superficialidade e como ela afeta profundamente os milhares de jovens confiados a nossas instituições. Quando é possível acessar tanta informação com tanta rapidez e facilidade; quando é possível expressar e divulgar para mundo inteiro as próprias reações de forma tão imediata e irrefletida, através de *blogs* e *micro-blogs*; quando a última coluna de opinião do *New York Times* ou de *El País*, assim como o mais recente vírus de computador, podem se disseminar tão velozmente, atingindo pessoas do outro lado do mundo e influenciando suas percepções ou

sentimentos – neste contexto, o laborioso e penoso trabalho de reflexão séria e crítica é suspenso.

Pode-se “copiar e colar” sem necessidade de pensar criticamente, escrever com precisão ou mesmo prescindindo de formular conclusões pessoais e cuidadosas. Quando belas imagens dos mercadores de sonhos de consumo invadem a tela dos computadores, ou quando os feios e desagradáveis sons do mundo podem ser abafados pelos fones de um MP3, então a visão e a percepção da realidade, os desejos que temos podem também tornar-se superficiais. Quando é possível, com rapidez e sem esforço, tornar-se “amigo” de meros conhecidos ou completos desconhecidos por meio de redes sociais; quando é fácil desfazer amizades com os outros sem a dificuldade de um encontro ou as confrontações e as posteriores reconciliações, que às vezes são necessárias, então os relacionamentos também se tornam superficiais.

Quando nos sentimos subjugados por tão vertiginoso pluralismo de escolhas, valores, crenças e visões da vida, podemos então cair facilmente na preguiçosa superficialidade do relativismo ou numa atitude de mera tolerância com relação aos outros e seus pontos de vista, ao invés de enfrentar o esforço necessário para formar comunidades de diálogo em busca da verdade e da compreensão. É mais fácil fazer o que nos dizem do que estudar, rezar, arriscarmo-nos ou buscar o discernimento para tomar decisões.

Penso que os desafios colocados à educação superior jesuíta pela globalização da superficialidade (superficialidade de pensamento, de visão, de sonhos, relacionamentos e convicções) exigem uma profundidade de análise, reflexão e discernimento para a qual não dispomos de tempo nesta ocasião. Tudo o que gostaria de assinalar aqui é minha preocupação quanto ao fato de nossas novas tecnologias, juntamente com valores subjacentes (tais como o relativismo moral e o consumismo), estejam modelando os mundos interiores de tantos homens, especialmente dos jovens que estamos educando, de forma a limitar seu pleno

florescimento como pessoas e a limitar as respostas que podem oferecer a um mundo necessitado de cura intelectual, moral e espiritual.

Precisamos entender este complexo mundo novo criado pela globalização com mais profundidade e inteligência para que possamos, como educadores, responder de modo mais adequado e decisivo a esses desafios, a fim de procurar deter os efeitos nocivos da superficialidade. Pois um mundo de superficialidade globalizada de pensamento representa o reinado incontrastado do fundamentalismo, do fanatismo, da ideologia e de todas aquelas formas de fugas do pensamento que causam sofrimento a tantos homens. Percepções rasas e egocêntricas da realidade fazem com que seja quase impossível sentir compaixão pelo sofrimento alheio; e o contentamento com a satisfação dos desejos imediatos ou a preguiça de comprometer-se com as exigências que solicitam nossa mais profunda lealdade resultam na incapacidade de comprometer a vida pelo que realmente vale a pena. Estou convencido que fenômenos como esses causam a desumanização que já estamos começando a experimentar. As pessoas perdem a capacidade de se envolver com a realidade; este é um processo de desumanização que pode ser gradual e silencioso, mas é muito real. As pessoas estão perdendo seus apoios mentais, sua cultura, seus pontos de referência.

A globalização da superficialidade provoca a educação superior jesuíta a promover a profundidade de pensamento e imaginação, marcas características da tradição inaciana, através de formas novas e criativas.

Não tenho dúvidas de que todas as nossas universidades são caracterizadas pelo empenho na busca da excelência nos campos do ensino, aprendizado e pesquisa. Desejo inserir isto no contexto da tradição inaciana de “profundidade de pensamento e imaginação”. Isto significa que almejamos conduzir nossos estudantes para além da excelência da formação profissional, a fim de torná-los “pessoas solidárias em sua totalidade”, como observou o Pe. Kolvenbach⁴. Talvez

o que quero dizer possa seja melhor explicado se refletirmos um pouco sobre a “pedagogia” dos Exercícios Espirituais nas contemplações dos mistérios da vida de Jesus – pedagogia esta posteriormente aplicada por S. Inácio à educação jesuíta.

Esta “pedagogia” da contemplação inaciana pode ser chamada de exercício de imaginação criativa. A imaginação trabalha em cooperação com a memória, como aprendemos dos Exercícios. O termo inglês usado para os atos da faculdade da memória – *to remember* (ptg. “rememorar”) – vem bem a calhar.

Imagine um grande quebra-cabeças com seu rosto no meio. Agora, Inácio pede que o dividamos em pequenas peças, ou seja, que o des-membremos (*dis-member*) antes de montá-lo novamente (*remember*, “re-membrar”, rememorar). E é por isso que Inácio diferencia entre ver e escutar, tocar, saborear, cheirar etc. Começamos a montá-lo (*re-member*, re-memorar) – através da imaginação ativa e criativa – para formar novamente a nós mesmos, como formamos as cenas de Belém, as cenas da Galileia, as cenas de Jerusalém. Começamos o processo de re-criar. E, neste processo, estamos “re-montando” (*re-membering*, re-memorando). É um exercício. Ao final do processo – quando a imagem do quebra-cabeças está formada novamente – o rosto já não é mais o nosso, mas o de Cristo, porque estamos reconstruindo algo distinto, algo novo. Este processo resulta em nossa transformação pessoal à medida que a mais profunda realidade do amor de Deus em Cristo é encontrada.

A imaginação inaciana é um processo criativo que atinge o mais profundo da realidade e começa a recriá-la. A contemplação inaciana é uma ferramenta muito poderosa, e é um deslocamento do lado esquerdo do cérebro para o lado direito. Mas é essencial compreender que imaginação não é o mesmo que fantasia. Fantasia é uma fuga da realidade, em direção a um mundo em que criamos imagens pelo gosto da variedade das imagens. A imaginação apreende a realidade.

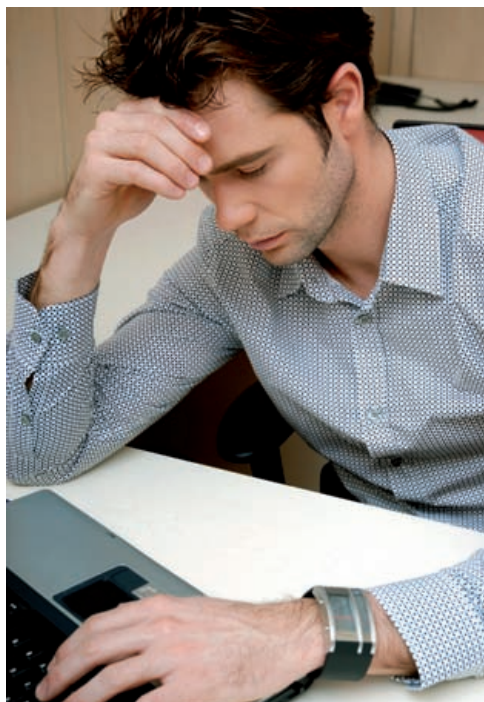
Em outras palavras, a profundidade de pensamen-

4 Pe. Peter-Hans Kolvenbach, S.J., “O serviço da fé e a promoção da justiça na educação superior jesuíta nos Estados Unidos”, conferência proferida na Universidade Santa Clara em 06 out. 2000. Ver também “A universidade jesuíta à luz do carisma inaciano”, conferência inédita proferida no Encontro Internacional de Educação Superior Jesuíta (Roma, 27 mai. 2001).

COMPANHIA DE JESUS

to e imaginação na tradição inaciana envolve um intenso engajamento com o real, uma recusa a ceder até que se tenha atingido o que está abaixo da superfície. É uma cuidadosa análise (desmembrar) com o objetivo de atingir uma integração (*remembering*: remebrar, rememorar) com o que é mais profundo: Deus, Cristo, o Evangelho. O ponto de partida, portanto, será sempre o que é real: o que está material e concretamente presente, o mundo como o encontramos; o mundo dos sentidos tão vividamente descrito nos próprios Evangelhos; um mundo de sofrimento e necessidade, um mundo despedaçado com muitas pessoas despedaçadas e necessitadas de cura. Começamos daqui. Não fugimos daqui. E, portanto, Inácio nos guia, a nós e aos estudantes da educação jesuíta, como ele fez com os que faziam seu retiro, para entrar nas profundidades desta realidade. Para além do que pode ser percebido mais imediatamente, ele nos leva a ver a presença oculta e a ação de Deus no que é visto, tocado, cheirado, sentido. E tal encontro com o que há de mais profundo muda a pessoa.

Há alguns anos, o Ministro da Educação do Japão realizou um estudo no qual se descobriu que a educação japonesa moderna obteve grandes avanços nas áreas das ciências e tecnologia, nas matemáticas e na capacidade de memorização. Contudo, em sua honesta avaliação, o estudo notou que o sistema educacional havia se tornado mais frágil no que diz respeito ao ensino da imaginação, criatividade e análise crítica. Estes são, em particular, os três pontos essenciais para



a educação jesuíta.

A criatividade talvez seja uma das maiores necessidades nos tempos atuais – refiro-me à criatividade real, não apenas a seguir *slogans* ou repetir o que ouvimos ou o que vimos na Wikipedia. A criatividade real é o processo ativo e dinâmico de encontrar respostas a perguntas reais, de encontrar alternativas para um mundo infeliz que parece seguir em direções que ninguém consegue controlar.

Quando eu ensinava teologia no Japão, julgava importante começar pela teologia pastoral (a experiência básica), pois não podemos pedir que uma comunidade cresça e educada em outra tradição

comece pela teologia especulativa. No entanto, ao abordar a teologia pastoral, fui particularmente intrigado pela criatividade, perguntando-me: o que torna um pastor criativo? Dei-me conta de que frequentemente aceitamos dilemas onde não há dilema algum. Vez por outra, encaramos um verdadeiro dilema: não sabemos o que decidir, e qualquer decisão que tomemos vai ser equivocada. Mas situações assim são muito, muito raras. É comum que as situações pareçam ser dilemas porque não queremos pensar criativamente e acabamos por desistir. Na maioria dos casos, há uma saída, mas ela requer um esforço da imaginação, uma habilidade para enxergar outros modelos, outros padrões.

Estudando este tema, descobri um conceito desenvolvido por psicólogos e que se revelou particularmente útil: a “consciência flutuante”. Os psicólogos estudam Sigmund Freud, Erich Fromm e outros de diferentes escolas de psicologia para desenvolver o que eles cha-

mam de “consciência flutuante”. Quando os psicólogos encontram um paciente e fazem seu diagnóstico, eles escolhem um dentre diferentes métodos para ajudá-la, decidindo pelo método que pode dar melhor resultado. Penso que é exatamente isto que um guia espiritual deve fazer. E gostaria que tivéssemos esta consciência flutuante quando celebramos a liturgia: a habilidade para enxergar a comunidade e compreender o que ela necessita agora. Trata-se de um conceito muito útil também quando aplicado à educação.

Notei que temos problemas com a formação na Companhia porque, talvez, nossa consciência flutuante não esteja tão bem desenvolvida. Por cerca de 20 anos ou mais, viemos recebendo na Companhia vocações provenientes de grupos que não nos procuravam antes: grupos tribais, os *dalit* na Índia e outras comunidades marginais. Nós os recebemos com alegria, pois optamos pelos pobres e os pobres se uniram a nós. Esta é uma maravilhosa forma de diálogo.

Contudo, também nos sentimos um pouco embaraçados: como formar essas pessoas? Acreditamos que elas não têm suficiente base educacional e, por isso, oferecemos um ou dois anos a mais de estudos. Não creio que esta seja a resposta correta. A resposta correta é perguntar: de onde eles vêm? Qual é seu contexto cultural? Que tipo de percepção da realidade eles nos trazem? Como eles entendem as relações humanas? Temos de acompanhá-los de forma diferente. Porém, para tanto, será necessário que tenhamos uma imaginação e uma criatividade tremendas – uma abertura a outras formas de ser, de sentir e de se relacionar.

Concordo que a ditadura do relativismo não é boa. Mas muitas coisas são relativas. Se há algo que aprendi no Japão é que a pessoa humana é tão misteriosa que nunca conseguiremos apreendê-la por inteiro. Temos de nos mover com agilidade e abertura por entre diferentes modelos a fim de poder ajudar a todos. Quanto à educação, eu diria que este é um desafio central.

Hoje, nossas universidades estão ensinando a uma população que não é apenas diversa em si mesma, mas

é completamente diferente da geração anterior. Devido às mudanças generacionais e culturais, a mentalidade, as questões e preocupações são muito distintas. Por isso, não podemos apenas oferecer um único modelo de educação.

Como disse antes, o ponto de partida será sempre o real. Dentro desta realidade, buscamos mudança e transformação, porque é isto que Inácio desejava dos que faziam os Exercícios, e é isto que desejamos através da educação e do ministério: que as pessoas possam ser transformadas.

Da mesma forma, a educação jesuíta deveria transformar a nós mesmos e a nossos estudantes. Nós, educadores, estamos num processo de mudança. Não há encontro real ou profundo que não nos altere. Que tipo de encontro temos com nossos estudantes, se não somos mudados? E o sentido da mudança em nossas instituições é “em que se transformaram nossos estudantes”, o que eles valem e o que fazem mais tarde, em sua vida e no trabalho. Para dizer de outro modo, na educação jesuíta a profundidade de ensino e imaginação abarca e integra rigor intelectual, reflexão sobre a experiência da realidade e a imaginação criativa para trabalhar pela construção de um mundo mais humano, justo, sustentável e pleno de fé. A experiência da realidade inclui um mundo destroçado, de modo especial o mundo do pobre, que aguarda uma cura. Com esta profundidade, somos também capazes de reconhecer que Deus já está intervindo em nosso mundo.

Imaginem os milhares de graduados que saem de nossas universidades jesuítas a cada ano. Quantos destes que deixam nossas instituições o fazem, ao mesmo tempo, com competência profissional e também com a experiência de ter vivenciado, ao longo de seu contato conosco, uma profundidade de engajamento com a realidade que os tenha transformado no mais profundo de seu coração? Que mais devemos fazer para garantir que não estamos simplesmente povoando o mundo com pessoas superficiais, ainda que brilhantes e capazes? ▢

COMPANHIA DE JESUS

Pe. Paulo de Arruda
D'Elboux, S.J.¹

UM BORGIA NA COMPANHIA DE JESUS



São Francisco de Borja, Museu de Belas Artes de Sevilha
Autor: Alonso Cano, 1624, (fonte: <http://commons.wikimedia.org>).

Uma bomba!

“O mundo não está preparado para ouvir essa explosão!”

Essa foi a reação de Inácio de Loyola ao receber o pedido de Francisco de Borja, Duque de Gandia e Vice-Rei da Catalunha, para se tornar um membro da recém-fundada Companhia de Jesus.

Inácio conhecia muito bem os meandros das cortes espanholas, o jogo de interesses palacianos com que se articulavam as famílias reais e o poder papal.

Além do mais, Francisco trazia no sangue e no nome a fama histórica dos Borgia.

Era neto do Cardeal Rodrigo Borgia, mais tarde o papa Alexandre VI, de infausta memória! Era também sobrinho-neto da não menos famosa Lucrecia Borgia.

Nascido em 1510, com 12 anos, a pedido de Carlos V, tornou-se pajem da princesa Catarina, sua irmã, até 1525, quando foi a Portugal para ser esposa de João III.

Em 1528 o vemos na corte acolhido efusivamente por Carlos V, com quem sempre estará ligado por laços de grande amizade.

Graças à sua formação e competência, recebia dele frequentes missões e tarefas das quais dava conta com segurança e maestria.

Por isso, em 1539, com apenas 29 anos de idade, foi nomeado Vice-Rei da Catalunha, a mais alta autoridade no principado de Carlos V.

Com a morte do pai, em 1543, tornou-se o quarto duque de Gandia.

Na verdade, ficou dividido entre continuar a servir ao Rei na Catalunha ou dar maior atenção a Gandia.

A amizade com Carlos V proporcionou-lhe outras opções que não chegaram a se efetivar principalmente por causa do falecimento de sua esposa, Leonor de Castro, com quem se casara aos 20 anos e era a mãe de seus oito filhos.

Essa morte o abalou profundamente, motivando-o a realizar um sonho que acalentara no tempo da mocidade: entregar-se inteiramente a Deus.

¹ Assistente Religioso do Centro
Universitário da FEI.

Intensificou a vida de oração, numa ascese austera, de muito jejum e penitências corporais, que colocavam em risco sua saúde.

Em Barcelona tomou conhecimento da aprovação da Companhia, que oferecia a seus membros um estilo de vida de muita abnegação e humildade e teve notícia da fama de santidade que tinha seu fundador, Iñigo de Loyola, a quem foi apresentado pelos padres Araoz e Fabro, seus companheiros.

Uma grande afinidade criou-se entre eles, uma vez que Inácio conhecia o ambiente das cortes e relacionamentos entre os nobres, o jogo do poder e das lideranças, participando ativamente de negociações políticas.

Quando Francisco resolveu dar outro sentido à vida, através da orientação dos jesuítas, percebeu quais as moções mais profundas que regiam os interesses e ideais mundanos. Viveu o dinamismo que leva a buscar valores espirituais numa vida de simplicidade, despojamento e serviço.

Ao conhecer a história de Inácio e de sua organização, sentiu afinidade de linguagem e identidade de intenções e propósitos e quis se tornar como eles.

Para isso, em primeiro lugar, era preciso resolver a questão dos vínculos com o rei da Espanha, os compromissos sociais e familiares. O desligamento radical não poderia ser imediato.

Enquanto esperava a realização de seu desejo, continuava a administrar suas propriedades.

Era muito generoso na caridade com os pobres e, com os recursos que possuía, investiu na construção de colégios que, mais tarde, vão se tornar a marca de sua administração na Companhia.

Aconselhado pelos jesuítas, colaborou de maneira



expressiva na construção do Colégio e Universidade de Gandia, na qual ele mesmo fez o doutorado em Teologia, tornando-se apto para receber as ordens sacras.

Formados na mesma escola da vida, Santo Inácio o tinha como um conselheiro altamente qualificado. Contava com sua habilidade, experiência e prestígio na mediação para resolver problemas internos de comunidades influenciadas por espiritualidades diferentes das diretrizes da Companhia.

Um jesuíta secreto

O voto de ser religioso na Companhia de Jesus, feito no retiro com o jesuíta Andrés Oviedo, em 1548, favoreceu ao Superior Geral encontrar uma solução canônica.

Obteve do papa a autorização para receber a profissão religiosa e a autorização de continuar temporariamente vivendo e administrando seus bens e cuidando dos filhos, conservando o título de nobreza até o ingresso definitivo numa comunidade da Companhia.

Seria incompreensível que um Vice-Rei, com o prestígio e notoriedade que lhe dava a própria amizade com o Rei, repentinamente trocasse o sucesso da realização pessoal pela austeridade da vida religiosa em uma instituição sem nenhuma tradição e, na época, causadora de muitos problemas.

Por outro lado, o vínculo com a Companhia, pela própria Constituição da Ordem, o protegia das dignidades eclesiásticas.

Com generosidade, voltou-se especialmente para as atividades da Companhia como benfeitor generoso motivando, por exemplo, a construção do Colégio Romano, mais tarde a Universidade Gregoriana.

Dedicava-se também a redigir métodos de oração e

COMPANHIA DE JESUS

pequenos tratados de vida espiritual, em sua maioria voltados para a ascese e espírito de penitência, frutos de sua experiência.

Não abandonou o gosto pelo canto e música. Compunha missas e motetes que, apesar de não terem grandes e geniais inspirações, refletiam seu profundo sentimento de piedade e fazem parte do acervo musical daquela época.

A situação era delicada, porque por sua formação, pelo seu empenho e zelo nas obras e atividades da Companhia, que ele abraçava com tanto desprendimento e generosidade, teve seu nome cogitado para cardeal.

Aproveitou-se da ida à Roma por ocasião das indulgências do Ano Santo de 1550 para estar com o papa e apresentar a Carlos V a renúncia às dignidades, efetivando assim sua pertença à Companhia.

Realizando um sonho

Edificado com essa decisão, movido pela profunda amizade, o rei desistiu de suas intenções. Comprometeu-se em dar apoio à família e de interessar-se junto ao papa pelas questões relacionadas à Companhia.

A concretização da entrada causou o grande impacto previsto por Santo Inácio.

Um verdadeiro séquito de nobres o acompanhou nos contatos e visitas de despedida.

De volta à Espanha, em maio de 1551, recebeu as ordens sacras e passou a viver definitivamente como religioso numa comunidade jesuíta.

Em novembro, na primeira missa solene celebrada em uma missão popular, participaram mais de dez mil pessoas que foram agraciadas pelo papa com a bênção das indulgências.



Acostumado com o ambiente requintado em que vivera e que frequentara, no início encontrou muita dificuldade de comunicação com o povo mais simples. Nesses primeiros ministérios, era grande aceitação pela sua fama e testemunho de piedade.

Colaborador de Santo Inácio

Previendo a futura atuação no governo da Companhia, Santo Inácio começou a envolvê-lo com os problemas da vida das comunidades.

A primeira grande missão aconteceu em 1554 quando, de-

vido ao crescimento de pessoas e obras, a Espanha foi dividida em três províncias independentes que, unidas à de Portugal, formavam uma região administrativa. Foram confiadas aos cuidados de Francisco de Borja com a autoridade de um delegado de Superior Geral, uma espécie de superprovincial.

Não demoraram a surgir tensões no relacionamento com os provinciais, que talvez sentissem sua autoridade diminuída.

Percebeu Francisco que a causa dessas tensões era a falta de uma clara distribuição das funções da gestão.

Desta forma, estabeleceu um modo de proceder que, ao mesmo tempo que dava suporte às Províncias, também lhe permitia a desenvolver ministérios e atividades pastorais de sua preferência: ascese e direção espiritual.

Também nesse campo não foram pequenos os aborrecimentos.

A Inquisição, no afã de combater o avanço dos protestantes, em 1559, colocou como proscrita a edição de um livro em que, juntamente com Thomas More, Frei

Luís de Granada, João de Ávila e John Fisher, o nome de Borja aparecia como um dos autores.

Apesar de a edição realizada ter sido “pirata”, diante da intransigência da Inquisição Espanhola, Francisco recusou defender-se e refugiou-se em um velho mosteiro beneditino, em Portugal.

Estava também em jogo o nome da Companhia.

Nessa época, Santo Inácio já havia falecido e Diogo Laínez era o sucessor.

Lainez encontrou a solução chamando-o à Roma para ser seu Assistente para os assuntos da Companhia espanhola. O papa Pio IV concedeu-lhe a autorização para ministérios sacerdotais, recuperando as boas graças de Felipe II e livrando-o definitivamente da Inquisição.

Essa destinação o coloca no centro do governo da Companhia.

Com a morte de Lainez, unanimemente foi escolhido para terceiro Superior Geral da Companhia, em 1564.

A estratégia de Santo Inácio se realizara.

Superior Geral da Companhia

No início da Companhia de Jesus, os fundadores tinham entre si um laço profundo de amizade e companheirismo. Mesmo distantes e espalhados pelo mundo, sentiam-se profundamente unidos

Inácio exercia uma liderança personalizada e forte, muito presente e atuante, contando com a adesão generosa de cada um para a maior glória de Deus.

Ao substituir as estruturas monásticas da vida religiosa por uma nova disciplina, com maior autonomia de seus membros, introduzia através da obediência um vínculo comunitário que atenuava o lado gregário e acentuava a liberdade do dinamismo empreendedor mais ágil.

Essa dimensão, evidentemente, exigia uma estrutura de governo bastante equilibrada com base na capacidade daquele que devia gerir as relações *ad intra* e *ad extra* para uma caminhada corporativa.

Já nos primeiros anos, com o crescimento dos efetivos e obras, o próprio Santo Inácio experimentou as primeiras dificuldades.

Pessoalmente, teve de se valer de mão firme, fixando na obediência o ponto-chave da realização e sucesso da nova ordem religiosa.

Na elaboração das Constituições, desenhou uma estrutura de governo nos moldes de uma monarquia, na qual, através das instâncias intermediárias participativas, a autoridade maior recaía sobre o Superior Geral, eleito por um colegiado para uma gestão vitalícia.

Essa originalidade na Igreja incomodava os conservadores, incluindo desejos ocultos ou manifestos de papas e cardeais, preocupados com a ortodoxia, num tempo marcado pela contextualização protestante e pelas posturas pessoais dentro da própria Companhia.

A gestão de Francisco de Borja é tida como uma das mais importantes para a Companhia, por dar continuidade à visão de seu fundador.

Francisco tinha as marcas da espiritualidade contemplativa e austera de um João da Cruz, a flexibilidade adquirida nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, o tino administrativo e a visão empreendedora de um gestor empresarial.

Numa fase de grande expansão, com a multiplicação das obras e comunidades, preocupou-se com a formação dos que ingressavam na ordem, exigência fundamental para a unidade de procedimentos na vida pessoal e comunitária.

Com os já formados, fomentou a vida interior e a oração própria dos Exercícios, imprimindo na vida e atividades apostólicas especial atenção às missões solicitadas pelo papa Pio V, seu grande amigo.

A Igreja tinha na Companhia uma fiel aliada para dar continuidade à renovação que se seguiu ao Concílio de Trento, em 1563, em oposição à Reforma Protestante.

Por outro lado, o relacionamento e trânsito fácil com Felipe II contribuíram para o incremento das atividades missionárias na América Latina espanhola.

Em pouco tempo, foram enviadas várias expedições

COMPANHIA DE JESUS

de jesuítas devidamente preparados para enfrentar os desafios da evangelização na França, Alemanha, Polônia e Países Baixos e também na América: México, Peru e Brasil.

Destacam-se sobretudo o aldeamento das Reduções dos Sete Povos Guaranis, que hoje pertencem ao patrimônio histórico mundial e são objeto de estudos e pesquisas.

por Santo Inácio. Ficou pronta e foi consagrada somente no generalato do Pe. Aquaviva, em 1584.

Em 1571, apesar da idade e com a saúde bastante abalada, atendeu ao pedido de Pio V para acompanhar o Cardeal Bonelli, Delegado Pontifício, na missão de unir os reis católicos para enfrentar as ameaças muçulmanas.

Muito ajudou seu espírito de oração e testemu-

nho de vida, aproveitando da presença em Madri e Lisboa para resolver problemas de algumas comunidades e questões familiares.

Essa missão lhe foi fatal. Com muita dificuldade, procurou desempenhá-la até o final.

Ao retornar à Roma contraiu pneumonia, que o levou rapidamente à morte no dia 20 de setembro de 1572.

Em sua *Historia da Companhia*, escreve Austrain:

“Assim acabou aos setenta e dois anos aquele homem extraordinário a quem a Companhia tanto deve e forma, com Inácio e Xavier, a gloriosa

terna de santos que veneramos. Um homem que, vivendo no luxo e na abundância, uma vez religioso, tratava a si com tanta pobreza e austeridade consideradas por todos como de extremo rigor... Depois de Santo Inácio, foi o homem a quem mais deve a Companhia. Era amparo em todas as perseguições e tudo resolvia com o peso de sua colossal autoridade”. □



Ruínas Jesuíticas de San Miguel Arcángel na cidade de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil.

Autor: Leandro Kibisz (fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

É de seu tempo, por decisão da Congregação Geral que o elegeu, a criação da Congregação dos Procuradores como encontro trienal dos delegados das províncias com o Superior Geral, para avaliar a atuação da Companhia e seus pontos críticos.

Com apoio do cardeal Farnese, neto do papa Paulo III, começou, em 1568, a construção da igreja de Gesù para substituir a de Santa Maria da Estrada frequentada

BIBLIOGRAFIA

VILLOSLADA, Ricardo Garcia, SJ. *Francisco, o Grande, IV Duque de Gandia e Jesuíta*. - em *Santo Inácio de Loyola* - Ed. Loyola, 1991.

ECHANIZ, Ignacio, SJ. *Um nobre de Espanha, Francisco de Borja* - em *Paixão e Glória - Historia da Companhia de Jesus em corpo e alma, tomo I* - Ed. Loyola, 2006.

RUIZ JURADO, Manuel, SJ. *Lo que El mundo no podia oír. Anúrio de La Companhia de Jesus, Curia Generalicia, Roma, 2010.*



O TRABALHO SOCIAL COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Conhecer o funcionamento de uma entidade social e realizar um projeto de ação em apoio a esta entidade é parte importante da disciplina de Ensino Social Cristão ministrada nos 3^{os}. ciclos de Engenharia.

Não se trata de uma ação complementar ou meramente ilustrativa sobre alguns temas tratados na disciplina, como direitos humanos ou solidariedade, mas de um dos pilares que sustentam o curso.

O Ensino Social Cristão é uma área de conhecimento interdisciplinar que apresenta reflexões e critérios de julgamento sobre as grandes questões do mundo moderno a partir da ótica do cristianismo, para que

toda ação individual ou coletiva tenha como ponto de partida e finalidade a valorização da dignidade humana.

De acordo com a Antropologia Cristã, a pessoa possui uma dimensão religiosa que lhe confere um valor absoluto, tornando-a fonte de direitos que devem ser respeitados em todas as circunstâncias da vida social.

Com este fundamento, passamos ao estudo de temas de Bioética, Direito, Política, Economia, Ciência e Cultura, com ênfase no papel desempenhado pelo Estado e pelos vários sujeitos sociais, como grupos e instituições sociais.

Nosso objetivo é propiciar ao aluno uma formação

¹ Prof.^a do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário da FEI.

TRABALHO SOCIAL

teórica consistente, que ultrapasse a constatação das desigualdades econômicas e sociais, indo ao encontro de suas causas mais profundas, que são de várias ordens, a fim de chegar a avaliações e posicionamentos que se situam na esfera da ética.

É no campo da formação da consciência que esta disciplina atua, oferecendo o substrato para a análise da realidade atual e fornecendo motivações para a ação.

Ao analisarmos a realidade brasileira, nos deparamos com um quadro de grandes carências materiais. Além da marginalização social, há uma grande pobreza relacional e espiritual, a solidão, a falta de sentido para a vida e a desorientação moral em que muitos vivem.

Este quadro, que atinge em particular os grupos mais vulneráveis da sociedade (crianças, idosos e deficientes, entre outros) nos interpela sobre a responsabilidade e a necessidade de engajamento individual para modificá-lo.

Para o cristão, a atuação em favor da justiça através de gestos de solidariedade não é apenas um ato de cidadania, mas uma urgência, um dever ao qual não se poder renunciar, pois o exercício da caridade – *caritas* – “pertence à natureza da Igreja, é expressão irrenunciável da sua própria essência” (Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 25) e isto pode ser documentado ao longo da história através das inúmeras obras sociais que surgiram desde as primeiras comunidades cristãs.

Para dar forma a esta concepção, desenvolvemos ao longo dos últimos anos uma metodologia que promove simultaneamente a reflexão sobre os conteúdos da Doutrina Social da Igreja e sua aplicação, através da realização de uma ação solidária em entidades do terceiro setor.

Em paralelo com as aulas teóricas, os alunos elaboram e desenvolvem um trabalho prático que tem início com uma pesquisa de campo numa instituição social livremente escolhida por eles. O objetivo inicial é conhecer a instituição, seu funcionamento, o serviço prestado, seu cotidiano, as fontes de recursos, seus valores e principais necessidades.

Após a visita e levantamento dos dados sobre a

entidade, segue-se a elaboração do projeto de ação visando atender às principais necessidades identificadas.

Definidos os objetivos, métodos e recursos necessários para a realização do projeto, os alunos têm cerca de 3 meses colocarem em prática suas idéias.

É um período de trabalho intenso, ocasião para descobrir habilidades individuais antes desconhecidas. Ao buscar soluções para os problemas que surgem no decorrer do projeto, muitas vezes os alunos se deparam com obstáculos colocados pela própria instituição ou por circunstâncias que superam a capacidade de atuação do grupo (como a falta de recursos financeiros ou de conhecimento nas áreas de educação, marketing, captação de recursos e até mesmo da Engenharia).

O trabalho em campo apresenta desafios, suscita novas ideias e exige alterações ao projeto inicial, que por vezes necessita ser totalmente reformulado.

Os projetos de ação solidária desenvolvem-se em dois âmbitos: prestação de serviços externos à entidade (obtenção de parcerias e patrocínios, campanhas de arrecadação, elaboração de material de divulgação ou site) e no âmbito da própria entidade.

No segundo semestre de 2010, diversos grupos optaram por participar de eventos para a arrecadação de fundos que garantem, em muitos casos, o sustento parcial da entidade (como as festas da APAE, do Lar São Vicente de Paulo e Lar da Mamãe Clory, em SBC). Outros grupos realizaram melhorias internas nas instituições escolhidas, como a organização do sebo ou do bazar de móveis usados, que também são fontes de renda para as entidades. Outros grupos realizaram campanhas de arrecadação de alimentos.

Foram inúmeras as atividades de lazer com idosos (bingos, chás) e com crianças (gincanas, festas temáticas). Um dos resultados mais palpáveis do trabalho desenvolvido no último semestre é que a Instituição Criança Vida Nova (SBC) agora pode contar com uma biblioteca montada por nossos alunos.

Além disto, outros alunos fortaleceram o trabalho de reforço escolar no Instituto Meninos de São Judas,



Excursão ao Aquário de Santos, seguida de lanche e passeio na praia com idosos do Lar São Vicente de Paulo.

em São Paulo, com aulas de matemática. Alguns estudantes participaram do projeto de apoio aos professores de matemática da rede estadual realizado pelo Instituto Fernand Braudel, o que lhes permitiu conhecer melhor as deficiências do ensino público.

O tipo de trabalho é escolhido de acordo com a necessidade da instituição e da disposição e criatividade do grupo.

Limpar mesas, preparar pizzas, servir lanches, cortar grama, organizar atividades de lazer com crianças ou fazer companhia aos idosos não são ações menosprezadas pelos alunos, pois respondem às necessidades da entidade e, por isso, possuem grande valor.

O ponto de partida para o trabalho encontra-se na entidade, que, ao ser observada com atenção, sugere formas de intervenção e provoca a mobilização dos alunos.

É preciso, porém, determinação e esforço para superar os obstáculos que surgem para realizar a ação, como nos conta a aluna Karina, que, junto com suas colegas, propiciou aos idosos do Lar São Vicente de Paulo uma atividade que os idosos há muito tempo não realizavam: uma excursão ao Aquário de Santos, seguida de lanche e passeio na praia.

Logo em nossa primeira visita, pudemos perceber que, apesar de todo suporte que recebem no asilo, os idosos são muito carentes de atenção, principalmente aqueles que não possuem mais uma família ou que já não recebem visitas constantemente. Neste momento, surgiu a idéia da viagem que estaria voltada para melhorar a auto-estima e a qualidade de vida daquelas pessoas.

Inicialmente, admito que achei que seria muito fácil realizar essa viagem, mas ao longo de todo processo pude perceber que não foi tão fácil assim. Muitos problemas e imprevistos surgiram, mas todos foram superados. Apesar de todo o trabalho que tivemos, a recompensa foi imensamente maior, pois não há como descrever a felicidade que senti ao ver o sorriso no rosto de cada um que

TRABALHO SOCIAL

participou da viagem. É um sentimento que nunca havia tido, uma satisfação por ter superado as dificuldades e ter conseguido atingir o objetivo: trazer alegria a quem mais precisa. (Karina Lumi Kano)

Ajudar crianças e adolescentes com aulas de reforço em matemática no Instituto Meninos de São Judas Tadeu também foi um desafio para um grupo de alunos que, com criatividade e empenho, buscaram formas de responder às necessidades do local.

Quando iniciamos nossas visitas no Instituto, percebi que as crianças tinham certa aversão e desinteresse a respeito do trabalho que estávamos propondo a eles. Mas, após algumas visitas, percebi que esse desinteresse e aversão eram fruto do medo de aquela atividade ser algo de um ou dois dias, e também pela insegurança de parecerem “bobos” ao expor suas dúvidas escolares. Após algumas visitas e um acompanhamento mais focado nas dúvidas de cada um, percebi que todo aquele desinteresse e aversão transformaram-se em vontade e simpatia. Essa mudança ficou clara quando as crianças nos viam nos corredores e diziam com um sorriso no rosto: “Tios, vocês voltaram!”, ou então quando eles vinham correndo em minha direção com o caderno, lápis e os olhos cheios de dúvidas, perguntando: “Tio, como faço para fazer essas contas com fração? Tem de simplificar?” (...) Essa mudança de comportamento das crianças me fez entender e experimentar um pouco do “combustível” que faz com que o pessoal do IMSJT queira ajudá-los.

Diante desta mudança de comportamento das crianças, nós decidimos dar a eles algo que fosse além de reforço escolar, e para isso decidimos promover um “dia da ciência” para as crianças, que foi um dia divertidíssimo e super didático para eles, que a cada experimento científico que participavam, arregalavam os olhos e perguntavam: “Nossa, tio, isso é bruxaria?!” (Leandro Delgado)

O trabalho social constitui um aprendizado do ponto de vista pessoal, pois é sempre uma oportunidade para cada um ampliar o conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, formando sua personalidade, valores e princípios.

Devo confessar que a princípio não me foi conveniente trabalhar, não gostava deste tipo de coisa, trabalhar de graça foi sempre uma coisa que odiei. Ora, por que oferecer meu trabalho em troca de nada, se posso muito bem ficar parado em casa, descansando?

O que não sabia é que ao passo que trabalhava lá, inicialmente forçado, crescia silenciosamente dentro de mim uma sensação de bem-estar, um sentimento de dever cumprido que jamais conseguirei expressar meramente neste texto. Este sentimento me alimentava e me faz querer mais e mais ser útil à sociedade. (Gabriel Abraham)

Ou, nas palavras de outro estudante:

Graças aos momentos que vivi no IMSJT, ao lado das crianças e das pessoas que compõem o Instituto, pude experimentar valores humanos que, sinceramente, não acreditava que seria possível encontrar nos dias de hoje.

Acreditava que o mundo em que vivemos era um lugar ganancioso, onde as pessoas só se moviam por algum tipo de interesse pessoal. Bem: a realidade que encontrei no IMSJT foi completamente diferente. Lá encontrei pessoas que estão dispostas a trabalhar pelo futuro daqueles que têm toda a vida pela frente, e o mais importante, pessoas que fazem isso por satisfação. (Leandro Delgado)

Através da reflexão sobre o trabalho realizado por uma entidade social e através da experiência de solidariedade vivida pelos alunos, com seus ganhos e limites, realiza-se a articulação e o reconhecimento, de forma



Excursão ao Aquário de Santos, seguida de lanche e passeio na praia com idosos do Lar São Vicente de Paulo.



Experimentos de ciências e aulas de reforço em matemática no Instituto Meninos de São Judas Tadeu.

prática, dos principais conceitos apresentados no curso: o valor da pessoa, o papel do Estado e da sociedade na construção do Bem Comum.

O contato com entidades sociais coloca em jogo a responsabilidade individual e intransferível que cabe a cada um exercer no nível social e político. Mas ressalta também o valor da atuação destes grupos e instituições que não ficam na dependência de políticas assistencialistas do Estado: grupos e instituições que são capazes de oferecer soluções criativas e eficazes aos problemas sociais, reforçando a crença de que o Estado deve desempenhar um papel subsidiário para promover o desenvolvimento integral de todos os homens.

De certa forma, verificamos e vivenciamos em pequena escala o que poderia ser aplicado a toda sociedade: a ação fraterna e humanitária nascida da consideração da pessoa humana como centro da vida e dotada de dignidade. (...) A solidariedade, com seus princípios, é o caminho para se atingir a justiça social por proporcionar uma coesão e, ao mesmo tempo, autonomia entre as pessoas. Fruto do desejo individual, ela deve ser estimulada e organizada por meio de grupos e reforçada e subsidiada pelo Estado, cujo papel deve ser centrado, única e exclusivamente na pessoa. (Herich Lima)

Por fim, podemos afirmar que o trabalho social, enraizado no cristianismo, é um valioso instrumento para a formação pessoal, única forma de dar origem a relações sociais e econômicas voltadas para a realização da justiça e do Bem Comum.

Trabalhar no lar mãe Clory foi sem dúvida um grande acontecimento pra mim, especialmente porque com este tipo de trabalho me foram abertos amplos horizontes a respeito do que é realmente ser humano. Trabalhando nesta instituição me foi ensinado a ajudar, pois o propósito da vida, na minha visão, é ser útil. (Gabriel Abrahim) ▢

PALAVRA DO REITOR

Prof. Dr. Fábio do Prado,
Reitor da FEI



*Discurso de abertura da
2ª Semana de Qualidade
no Ensino, na Pesquisa e
na Extensão.*

*São Bernardo do Campo,
28 de julho de 2010.*

da FEI. Gostaria também de manifestar uma vez mais o reconhecimento pelo trabalho competente desenvolvido pelo Prof. Marcio Rillo enquanto estive à frente da Instituição e externar nossa gratidão pelos sábios ensinamentos pessoais e profissionais por ele transmitidos ao longo de quase uma década de convivência próxima. Assumimos com a missão de dar continuidade a um plano audacioso, iniciado em 2001 com a transformação das Faculdades Isoladas em um Centro Universitário de excelência. Plano que, após praticamente uma década, se aperfeiçoa com a aplicação das propostas dos Cursos de Doutorado na CAPES, refletindo o amadurecimento do processo e a sua definitiva aculturação no seio da comunidade acadêmica.

A visão de que não é possível desenvolver o ensino de graduação sem a pesquisa e o ensino de pós-graduação e que, em contrapartida, não se alcança a excelência na pós-graduação se não houver excelência na graduação, constitui a base de nosso trabalho. E ousou afirmar que, se essa articulação ainda não trouxe resultados positivos explícitos em todos os setores acadêmicos, é porque ainda temos muito a nos dedicar e há muito trabalho a ser desenvolvido nos respectivos setores.

A tranquilidade e a segurança do processo de transição deveram-se em primeiro lugar ao Prof. Marcio, que soube preparar sua sucessão como se exige de um verdadeiro líder, e pela diligente ação de nossa Presidência, que soube dar respostas imediatas a nossas

Inicialmente, gostaria de registrar na abertura do segundo semestre letivo de 2010 a nossa alegria, o nosso orgulho e a nossa motivação em assumir a direção do Centro Universitário

demandas num momento crítico como aquele enfrentado por nossa comunidade no final do mês de maio.

Ouvimos palavras confiantes de apoio e o reconhecimento do trabalho da equipe. A continuidade exitosa das ações ao longo do processo transitório demonstrou e tem demonstrado o amadurecimento da comunidade a que me referia anteriormente, e nos dá a certeza de que contamos com profissionais institucionalmente dedicados e focados na essência de suas atribuições educadoras.

Imbuídos de um espírito de unidade e de discernimento comunitário, que não coincidentemente é tema inserido na pauta de nossas reflexões da semana, vimos, agradecidos e motivados, declarar aberta essa Semana de Qualidade e desejar a todos um semestre de trabalhos profícuos e gratificantes.

Nesta oportunidade, a cada semestre a equipe da Vice-reitoria de Extensão e Atividades Comunitárias, coordenada pela Profª Rivana, desdobra-se no sentido de propor temas oportunos e emergentes para discussão em comunidade e trazer especialistas que possam colaborar com a discussão relatando sua experiência pessoal e profissional. Este semestre, pelas demandas surgidas e pelas oportunidades que se apresentaram, propõe-se uma programação densa, abordando temas como ética, sustentabilidade, discernimento, docência e avaliação, não necessariamente nessa ordem, que se articulam e se complementam quando o foco é qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Agregadas às plenárias, teremos algumas oficinas e minicursos que deverão enriquecer o trabalho docente.

Estou certo que este auditório será o palco de profícuas reflexões e contamos com a intensa participação de todos os membros da comunidade “Feiana” nos três dias do evento, de modo que, conforme nossa proposta de trabalho, haja a devida articulação e o devido aprofundamento das discussões à medida que os temas sejam trabalhados. ▢

Memorial



Prof. Dr. Marcio Rillo

☆ 1953

† 2010

Memorial Prof. Dr. Marcio Rillo



Nasceu em Apucarana, Paraná, em 02 de junho de 1953, filho de José Gaeti Rillo e Leony Rillo.

Desde pequeno, já gostava de Engenharia.

Recebeu prêmios de melhor aluno em 1962.

Estudou no Instituto de Educação Caetano de Campos em São Paulo em 1965.



Recebeu sua colação do ginásio em 1968.

Entrou para a Escola de Cadetes em 1969.





Graduou-se em Engenharia Elétrica na FEI entre 1972 e 1976.

Entre 1978 e 1983 - Mestrado em Engenharia Elétrica na USP.

Em 1979 viajou à Europa para estagiar em Paris.



Reencontro turma 1972



Cursou alemão no Goethe Institut, Alemanha, para seu Doutorado “Sanduíche” em Karlsruhe entre 1985 e 1988.

Em 1987 recebeu o 1º lugar no II Prêmio Nacional de Informática - Ministério da Ciência e Tecnologia.

Em 1988 assumiu como Professor Associado e Coordenador da Divisão de Automação do LSI - USP.



Fez Doutorado em Karlsruhe, entre 1991 e 1992, como bolsista DAAD e CNPq.

Em 1994 tornou-se Professor Livre Docente e Coordenador de Pós-graduação da POLI-USP.





Prof. Dr. Marcio Rillo e o Prefeito Mauricio Soares (SBC)

Foi membro do Conselho de Tecnologia e Competitividade (CONTEC) da FIESP, membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico de São Bernardo do Campo.

Membro da Comissão Organizadora da Conferência Nacional da Educação - CONAE, representando a Associação Brasileira das Universidades Católicas - ABRUC.

Consultor “ad hoc” do CNPq, FAPERJ, FAPERGS e FAPESP.



Dr. Luis Carlos Mello, Flavio Padovan e Prof. Dr. Marcio Rillo

Em 1995 assumiu a Vice-diretoria da SBA (Sociedade Brasileira de Automática).

Assumiu a coordenação geral do RECOPE-Automação (Redes de Cooperação da FINEP).

Tornou-se presidente da SBA em 1997.

Em 1998 assumiu o cargo de assessor da FEI com o projeto de transformá-la em Universidade.

Em 2002, tornou-se Reitor do Centro Universitário da FEI.



Prof. Dr. Marcio Rillo e o Prefeito William Dib (SBC)



Da esquerda para a direita: Pe. Paulo D'Elboux, S.J., Prof. Dr. Marcio Rillo, Pe. Theodoro Peters, S.J., Prof. Dr. Rivana B. F. Marino e Prof. Dr. Fábio do Prado.

O Prof. Marcio Rillo exerceu a função de reitor de 30 de janeiro de 2002 a 23 de maio de 2010, dado ao seu falecimento dia 24 de maio.

Discurso de posse do Prof. Dr. Marcio Rillo como Reitor do Centro Universitário da FEI

Nesta homenagem ao Prof. Marcio Rillo reproduzimos o texto de seu discurso de posse como Reitor do Centro Universitário da FEI, proferido em cerimônia realizada no dia 30 de janeiro de 2002. Naquela ocasião, o professor descreveu os objetivos de sua gestão à frente da instituição e os ideais que o animavam.

É com grande alegria que partilhamos com todos os presentes este importante momento de nossa instituição.

Para que se compreenda bem a importância da criação deste Centro Universitário é fundamental o conhecimento da trajetória das escolas que o antecederam.

Em 1941, portanto há cerca de sessenta anos, o Pe. Saboia de Medeiros fundou a primeira escola de administração de empresas do Brasil, a Escola Superior de Administração de Negócios de São Paulo.

Poucos anos após, em 1946, antevedendo as transformações nos processos produtivos pelas quais passava o País passaria, criou a Faculdade de Engenharia Industrial.

Após alguns anos, a FEI foi associada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mas já no início da década de 70 voltava à condição de escola isolada, gerida pela Fundação de Ciências Aplicadas.

Nessa época, os cursos de engenharia foram transferidos para este campus em São Bernardo, no qual foi também criado outro curso de administração de empresas, com a Escola Superior de Administração de Negócios de SBC e,

recentemente, um curso de ciência da computação, com a Faculdade de Informática.

A qualidade do trabalho que se desenvolveu nestas faculdades pode ser verificada de inúmeras maneiras como, por exemplo, a importância da ESAN quando começaram a surgir outras escolas de administração no país, os projetos tecnológicos realizados pela FEI durante várias décadas, a importância dos cursos de engenharia para o desenvolvimento do setor industrial do ABC e do setor automobilístico nacional, o permanente

sucesso dos alunos em eventos nacionais de Iniciação Científica e em competições nacionais e internacionais na área automobilística.

Mais de 35.000 profissionais foram formados nestas Faculdades. Desde o início do Exame Nacional de Cursos, o Provão, até hoje apenas alunos de duas instituições não governamentais conseguiram nota A nas áreas de engenharia: a FEI e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Certamente não por coincidência, as duas são escolas de orientação jesuíta.

Por não ser uma instituição com fins lucrativos, pode, apesar das recentes



MEMORIAL

alterações na legislação sobre instituições filantrópicas, oferecer aos seus alunos moderníssimos laboratórios, excelente apoio computacional para ensino, bolsas para aperfeiçoamento didático e para atividades sociais de extensão, apoiar o aprimoramento do corpo docente e montar todos os cursos com elevado padrão acadêmico.

A visão extraordinária do Pe. Saboia seguida, entre outros, pelo trabalho de quase três décadas do saudoso Pe. Aldemar Moreira deixaram à Companhia de Jesus uma enorme responsabilidade, depositada hoje nas mãos do Pe. Theodoro Peters, que, com o apoio do Conselho de Curadores da FCA e de uma ativa Diretoria Executiva, está sedimentando o trabalho de seus antecessores e atuando, principalmente, em dois aspectos da missão inerente a instituições jesuítas de ensino superior que são:

- a) a formação completa do aluno, formando-o como ser humano preocupado com a sociedade;
- b) melhoria acelerada da qualidade.

A gênese do Centro Universitário

Foi sob a orientação da Diretoria Executiva da FCA e do seu Conselho de Curadores, orientação essa transmitida sábia e serenamente pelo Pe. Theodoro Peters e pelo Dr. Pedro Kassab, que foi montado, com o auxílio de toda a comunidade interna, o projeto de transformação destas quatro faculdades no Centro Universitário UNIFEI.

Assim, este Centro Universitário surge com o claro objetivo de agregar as competências existentes nestas quatro faculdades e dar os primeiros passos para a implantação de uma universidade de altíssimo nível acadêmico e tecnológico, sob a orientação da Companhia de Jesus.

Embora um Centro Universitário possua grande autonomia, não existe no plano de desenvolvimento institucional apresentado ao MEC nenhum crescimento desordenado de vagas, comum em instituições que

conquistam tal autonomia. Existe sim neste plano de desenvolvimento grande aporte de verba para institucionalizar linhas de pesquisa, criar cursos de pós-graduação stricto sensu e fornecer meios para a formação completa de nossos alunos.

Um ponto importante é conscientizar nossos alunos e colaboradores de que uma visão mercantilista não pode influenciar a postura da instituição perante a sociedade.

Em coerência com este princípio, cabe primeiro à própria universidade católica jesuíta não ceder às pressões de um mercado consumidor de mão-de-obra, correndo o risco de se transformar em um supermercado intelectual a que os consumidores recorrem para se prover de produtos pontuais. A missão da instituição é que determina nossa oferta. O atendimento às necessidades que a sociedade tem de trabalho altamente qualificado deve ser analisado à luz da missão institucional.

A missão institucional

A missão de uma instituição de ensino superior jesuíta é formar, para a melhoria constante da sociedade, profissionais de elevada qualidade humana, ética e profissional. Deve ainda incluir a perspectiva da missão jesuíta, definida como o serviço da fé e da promoção da justiça.

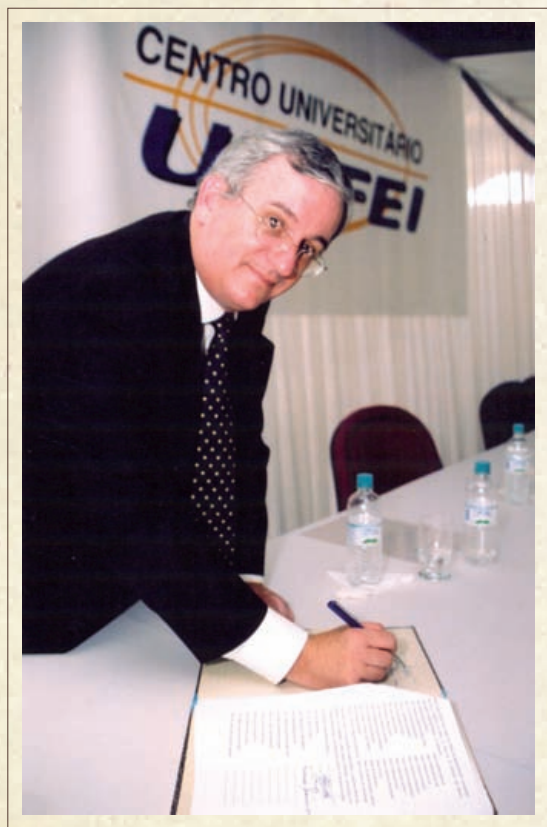
Diante dos acontecimentos de 11 de setembro último, dos recentes acontecimentos em Santo André, de eventos silenciosos como a morte por desnutrição de milhares de crianças a cada dia, uma instituição como a nossa jamais poderá se omitir, e deve formar indivíduos preocupados com a melhoria da sociedade e que possam influir decisivamente nesta melhoria.

Os egressos poderão ser mais influentes nos destinos da sociedade quanto melhor for, a par de sua preocupação social, também sua formação acadêmica. A excelência acadêmica é irrenunciável, assim como é a fidelidade à missão institucional. Não se trata de escolher entre a excelência acadêmica ou o serviço aos pobres, mas deve-se conciliar objetivos.

Para atingir os objetivos determinados pela missão institucional é fundamental que o corpo docente esteja impregnado pela beleza da missão institucional, independentemente de suas convicções religiosas e das dos alunos.

Embora se possa dizer o mesmo dos dirigentes e funcionários, não há dúvidas que o ator central é o professor. Assim, um professor que não compreenda a importância de ser educador ou que não tenha amor ao saber, o que o leva a um constante aperfeiçoamento de seus conhecimentos, decididamente NÃO serve para uma instituição como a nossa.

Para o cumprimento desta missão em sua plenitude são necessárias ainda harmonia e dedicação.



O Centro Universitário e a sociedade

A missão coloca a instituição frente à sociedade não apenas através de seus egressos, mas também como instituição que participa desta sociedade. O UNIFEI certamente contribuirá, assim como o fizeram as faculdades que o precederam, para a melhoria da sociedade através de ações nas quais possa agregar todo ou parte do conhecimento institucional existente.

Particularmente importante deverá ser o apoio à transformação do setor produtivo da região do ABC, sobretudo que agregar alto valor tecnológico nas áreas em que o UNIFEI possui competência reconhecida.

Dentro deste contexto, cabe à reitoria manter o Centro Universitário coeso no cumprimento da missão institucional, assegurar a constante melhoria da qualidade acadêmica, estimulando a criação de conhecimento e projetos interdisciplinares.

Como a missão institucional é o auxílio à sociedade, a universidade jesuíta deve necessariamente ter uma perfeita compreensão dos desafios que se apresentam, cabendo à reitoria manter a comunidade em constante reflexão sobre os desafios que a sociedade enfrentará, definindo as ações pertinentes.

Conclusão

Portanto, este Centro Universitário surge para agregar as competências existentes num clima de harmonia, compreensões dos objetivos institucionais e de altíssima qualidade de ensino e pesquisa, associada a uma forte interação com a sociedade.

Assim, estejam todos certos de que este grupo que hoje inicia a gestão do UNIFEI terá sempre em mente as sábias palavras do Pe. Saboia de Medeiros, fundador desta instituição: o que já foi feito não é suficiente, o que falta nos angustia.

Que Deus nos ilumine nesta trajetória.

Obrigado pela atenção de todos. ▢

MEMORIAL

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI**

*Homilia da missa de sétimo
dia pelo falecimento do
Prof. Dr. Marcio Rillo.
São Bernardo do Campo,
29 de maio de 2010.*

Eucaristia em memória do Reitor, Prof. Dr. Marcio Rillo

No final desta manhã de sábado, estamos reunidos nesta capela de Santo Inácio, no coração de nosso campus universitário, para celebrar a eucaristia de Jesus. Para tornar presente o Senhor em nossa terra, em nossas vidas. Celebrar a memória de Jesus é tornar viva a sua palavra, ação e vitória gloriosa sobre a morte, o pecado, a maldade. A atitude de Jesus ao enfrentar a opressão contra a humanidade foi de paz, de devoção, de sacrifício, de imolação, de entrega de si nas mãos de Deus, através das mãos e intenções humanas. O ódio que afastava os seres humanos uns dos outros, a mentira que camuflava as intenções e influenciava as relações humanas, a violência homicida, geradora de sofrimento e luto, foram desarmados e esterilizados de sua pujança de morte pelo agir de Jesus. Atacado, não revidava. Maltratado, não se defendia. Ofendido, perdoava, justificando que não sabiam o que faziam. A eucaristia é o agradecimento a Deus pela sua salvação e pelo dom do Espírito Santo. Celebrar a eucaristia é renovar o nosso desejo batismal de seguir os caminhos traçados por Jesus. É assumir a sua palavra como luz iluminadora para nossas vidas e atitudes.

Esta celebração, nesta capela dedicada a Santo Inácio, nos envolve nos Exercícios Espirituais que o santificaram e se tornaram instrumento de santificação para tantas gerações de seguidores na Companhia de Jesus e através dela. Inácio queria saber o que fazer, como proceder para agradar a Deus. Deus fora tão generoso através de seus dons – vida, fé, esperança, vontade de fazer o bem e ajudar – que Inácio, de sua parte, queria retribuir, queria se dedicar com toda sua vida e alma ao melhor serviço de Deus, para que a humanidade descobrisse a bondade de Deus. Esta sinergia que Inácio comunicou à humanidade nos envolve em nosso modo de fazer universidade, de nos relacionarmos como comunidade de saber e de busca da verdade.

Neste encantamento, o Professor Marcio Rillo foi envolvido, delineando a seu modo o desempenho de sua missão. Foi parte de um corpo acadêmico, verdadeiro corpo apostólico da Companhia de Jesus. Por suas qualidades, respondeu ao perfil de autor de uma comunidade intelectual que agregasse as qualidades individuais de cada pessoa para, com coesão articulada, colaborar com a missão da Companhia de Jesus no setor universitário. Márcio sabia, pelos estudos pessoais e atualizações, participando de seminários e eventos, que uma universidade só pode ser chamada de católica se antes for uma verdadeira universidade. Universidade exige qualidade. Universidade é um substantivo e católica é qualificativo. Universidade vem do latim universalidade; católica vem do grego, e indica algo que abrange todo o universo. Falar em universidade católica é falar de universalidade do conhecimento, é falar de sinônimos. Sabia Marcio que a Companhia de Jesus desenvolve projetos ligados à sua missão; sabia da diferença entre uma paróquia e uma universidade. E que a universidade é para a pesquisa, o ensino e a extensão, cuja qualidade é caminho alcançável com esforço contínuo. Conseguia conciliar, na liderança universitária, os aspectos políticos das metas com a presença acadêmica em sala de aula e nas publicações científicas. Transitava entre universidades particulares, comunitárias e públicas graças ao seu talento e à sua capacitação em engenharia elétrica. Homem latino-americano e em diálogo com os outros continentes, escutou com muita alegria a confirmação, pelo Pe. Geral da Companhia de Jesus, no México, sobre qual é a missão da universidade: 1. promover em profundidade o pensamento e a imaginação, para redescobrir a universalidade; 2. favorecer as relações internacionais, que são condição para desenvolver uma universidade de qualidade; 3. promover o bem mais universal e o melhor bem, através do ministério instruído, intelectual.

Conseguia vislumbrar futuros e conferi-los com a comunidade, ultrapassando falsos dilemas, demonstrando a complementaridade dos argumentos e pontos de vistas. Sabia colocar-se no lugar do interlocutor, mantendo seu raciocínio. Desenvolveu a capacidade de escutar, dialogar e decidir.

Colegiadamente, conduziu o Centro Universitário para os passos graduais das diversas redes e áreas de pesquisa, para a iniciação científica, para a publicidade das conquistas dos mestrados, das pesquisas, através da participação em simpósios de qualidade reconhecida pela CAPES, em nível nacional e internacional. Os laboratórios cresceram, acompanhando o crescimento do número de mestres e doutores. Conseguiu que o PDI se realizasse com a participação de toda a comunidade universitária. É por causa do Marcio que estamos aqui, nesta capela em que semanalmente estava conosco durante a celebração da eucaristia pela comunidade universitária, às terças feiras. É uma feliz coincidência que amanhã, domingo, a Igreja celebra a festa da Trindade. Celebraremos a comunhão divina, o grande mistério da nossa fé: um só Deus em três pessoas: o Pai Criador, o Filho Redentor, o Espírito Santificador. Nesta festa, a Igreja propôs leituras muito ao gosto de Marcio. No livro dos Provérbios, a Sabedoria eterna de Deus é seu encanto. Esta sabedoria divina convive com os filhos dos homens e neles se alegra. O ser humano recebe a sabedoria de Deus. Sabedoria participante da criação como mestre de obras, como inspiradora do agir divino. Sabedoria do próprio Deus. Este é um centro de sabedoria humana, sabedoria apoiada na sabedoria divina para que cada um de nós, sabendo a qual esperança é chamado, responda com todo seu talento em seu agir e testemunhar.

O salmista coloca-se extasiado diante do universo criado: a lua, as estrelas cintilantes, os céus, a terra, as águas. Diante do firmamento, dos animais, peixes, vegetais e passarinhos, ele se questiona: o que é o homem? Pouco abaixo de Deus, foi feito com poder sobre tudo. A busca das razões e definições, das melhores expressões para a compreensão da realidade, é almejada por todos nós e se

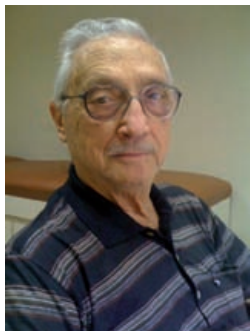
constitui na razão de ser da universidade.

Paulo, na Carta aos Romanos, afirma que o Espírito Santo não decepciona porque gera esperança. A esperança gera e sustenta a vida. A esperança ajuda a superar todas as dificuldades pela constância mantida durante o rumo. As pesquisas são a busca científica da verdade na explicação dos fenômenos naturais, para ser compartilhada por toda a humanidade.

O Evangelho de João declara que, conforme Jesus, os apóstolos e discípulos, alunos de Jesus, ainda não estão preparados para a compreensão dos gestos e palavras do próprio Jesus. Mas promete um monitor, um coordenador de ensino, para o conhecimento de tudo. Para que adquiramos a capacidade de discernimento para entender a vontade de Deus. Trata-se do Espírito da Verdade. Segundo Jesus, este Espírito da Verdade, Espírito de Deus, nos conduzirá à plena verdade. João reteve a ideia do ensino, da aprendizagem da descoberta da realidade de Deus e de sua vontade a nosso respeito. Deus deseja que cada pessoa humana seja feliz e portadora de felicidade para o outro. A fronteira a ser ultrapassada é a do bem do outro, do bem comum. Este bem é razão de nossa felicidade e bem estar interior.

Certamente, Marcio sorria de satisfação ouvindo a pergunta do salmista: o que é o ser humano? Sorria também pela afirmação dos provérbios: a sabedoria é o encanto de Deus, é a alegria de Deus presente em cada ser humano. Ou pela declaração de Paulo: a esperança não decepciona, ela é dom do Espírito Santo. E ainda pelo testemunho de João: o Espírito da Verdade revelará toda a verdade, toda a realidade de Deus.

A Palavra de Deus dirige-se à nossa inteligência, propondo uma decisão a ser tomada pessoalmente. Que possamos ouvir, guardar e meditar a sua Palavra para que, fortes da força de Deus, caminhemos na esperança de encontrar a verdade. Creio que era a busca continua de Marcio. Que possamos guardar seu exemplo e seguir adiante, respondendo com dignidade aos desafios que nos serão sempre colocados em nossa existência em nível pessoal, familiar, comunitário, universitário. Assim seja. Amém. ▢



Milton Mautoni
(1926-2010)

No dia 26 de novembro de 2010, Milton Mautoni nos deixou. Ficaremos para sempre com a sua marca na FEI através dos seus ensinamentos e polêmicas.

O Prof. Mautoni, nasceu em 18 de dezembro de 1926, em São Paulo - SP. Diplomou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1951.

Chegou à FEI em 1952 pelas mãos de um dos fundadores desta faculdade, o emérito Catedrático Telêmaco Hipólito de Macedo Van Langendonck, que formou uma equipe de grandes professores de Resistência dos Materiais, Grafostática e Estabilidade das Construções.

Notabilizou por seus enormes conhecimentos e sabedoria, mas também pelas polêmicas pelo prazer com que discutia com os colegas. Era “especialista” em todos os assuntos: de política ao futebol, uma de suas grandes paixões.

Foi grande engenheiro civil e especialista em estruturas de concreto armado. Atuou destacadamente durante

várias décadas em diversos órgãos administrativos e acadêmicos da FEI, colaborando ativamente para a consolidação da faculdade. Dentre diversas atividades foi o chefe da equipe de análise estrutural do famoso TALAV – Trem Aéreo Leve de Alta Velocidade – que a FEI projetou e construiu no início dos anos 70.

Com sua visão pioneira, participou da criação e implementação das novas disciplinas Resistência dos Materiais IV, que tratava de Análise Matricial de Estruturas por Computador, e Resistência dos Materiais V, que abordava o recém-criado Método dos Elementos Finitos.

Em 1982, chefiou a equipe de análise estrutural do projeto CAURÉ, que foi o primeiro automóvel brasileiro com a estrutura totalmente analisada por elementos finitos.

Além de morar ao lado da FEI, outra prova de carinho do Prof. Mautoni para com a faculdade é o fato de suas quatro lindas e estudiosas filhas Adriana, Cristina, Luciana e Cecília (que ele chamava carinhosamente de número 1, 2, 3 e 4) terem estudado e se formado com louvor em Engenharia na FEI.

Prof. Renato J. P. C. Miranda

Uma pessoa de gênio forte, mas de grande genialidade! Para os que conseguiam enxergar além de sua capa de impaciência e de inconformismo com a falta de objetividade do ser humano, conversar com ele era sempre uma oportunidade de aprendizado, fosse qual fosse o assunto.

Suas idéias alavancaram grandes projetos no Departamento de Engenharia Civil e me dói não ter conseguido colocá-los todos em andamento antes de sua partida para a morada preparada pelo Pai. Contou-me o seu fisioterapeuta que ele dizia dever uma aula ao seu chefe na FEI, para que o nosso projeto de pesquisa pudesse deslanchar. Eu, na verdade, digo que uma aula não bastaria para que eu pudesse me considerar apto a prosseguir seu trabalho; precisaria de uma vida para perceber, com minhas limitações, uma pequena parte de todo o seu conhecimento relativo a modelos de concreto e de sua vasta criatividade nas soluções estruturais.

Em minhas orações, digo que ele não me devia nada; sou eu que carrego a dívida do tempo que não dispus para visitá-lo neste segundo semestre de 2010. Enquanto podia, não o fiz e agora nunca mais haverá tempo para isso. Resta contentar-me com os vários momentos de amizade e aprendizado que pude desfrutar em sua companhia ao longo dos anos e particularmente no primeiro semestre de 2010... E, parafraseando o poeta: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”.

Prof. Kurt Amann



Wlastermiller de Senço (1929-2010)

Prof. de Senço fez parte do corpo docente da FEI desde 1987 contribuindo com sua competência para a qualidade das aulas e projetos que coordenava. Natural de Monte Azul Paulista, nasceu no dia 19 de maio de 1929.

Formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1954, fez pós-graduação e especialização em Vias Expressas e em Planejamento Urbano, Grandes Estruturas, Projeto e Construção de Túneis, Matemática para Engenharia de Estruturas, Planejamento Territorial, Gerência de Transportes e Concreto Armado, entre outros cursos na área de transportes. Fez estudos na Alemanha, Bélgica, Hungria e Suíça sobre durabilidade de tintas para pinturas de sinalização rodoviária.

Participou de inúmeras obras de destaque, como a Via Anchieta, considerada na época tecnologicamente inovadora e ousada; a Via Dutra; e a Via Piaçaguera-Guarujá

(atual Cônego Domenico Rangoni), no mangue de Cubatão e da ilha de Santo Amaro. Foi Diretor de Operações do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo (DER-SP), de 1947 a 1975, Superintendente do FUMEST – Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias, de 1975 a 1977, Secretário de Estado do Governo de São Paulo, em 1978 e 1979, e Coordenador do Grupo de Engenheiros do Consórcio Tecnosan-EBTU, que prestou assessoria técnica à Prefeitura Municipal de Lima, no Peru, para controle de serviços financiados em 1986.

Foi Professor Assistente, Mestre, Doutor e Livre-Docente da Poli-USP, de 1962 a 1995. Também atuou como professor no Instituto de Pesquisas Rodoviárias na Escola de Engenharia de Lins, na Faculdade de Engenharia de Bauru, na Universidade de Mogi das Cruzes.

Pela Editora do Grêmio Politécnico escreveu três livros: Projeto de Estradas de Rodagem, Terraplanagem e Pavimentação. Pela Editora PINI: Manual de Técnicas de Pavimentação, e Manual de Técnicas de Projeto para Rodovias.

Colaboração de Ivan Senço e Valter Prieto

Conheci o Prof. Senço quando cursei a disciplina de Mecânica dos Solos II aqui na FEI. Era um professor dos que eu chamava “à moda antiga”. Mesmo que fosse apenas falar sobre um assunto, jamais entrava na sala de aula sem carregar ao menos uma pasta, dizendo: “olha o que eu preparei para vocês, queridos alunos!” Após a primeira aula de revisão dos índices físicos dos solos, ele deduziu na lousa toda a Teoria do Adensamento das Argilas, de Karl Terzaghi, pai dessa disciplina. Aulas depois, deduziu a equação de dimensionamento de fundações por sapatas.

Eu me perguntava por que, se no final bastava aplicar a função pronta para solução do problema. Depois descobri que a relação do cálculo com a Engenharia era o seu objetivo: ele queria nos fazer entender por que se estuda matemática, de onde vêm as soluções; pois, assim, teríamos a base para mudá-las ou melhorá-las. Hoje reconheço a falta que faz deduzirmos as funções para os alunos, na nossa ânsia de aumentarmos o conteúdo!

Tinha o hábito de apresentar problemas de nível elevado aos alunos e oferecia um bonequinho “Picachu” dos “Pokemons” para quem acertasse. Coisa de criança? Não, valorização de quem se dedicava. Eu nunca ganhei, pois não me interessava pelos bonecos; demorei a perceber que o importante era o crescimento que o desafio trazia, não o prêmio.

Depois, fomos colegas de profissão. Ele me indicou para lecionar em outra universidade, demonstrando a confiança no seu ex-aluno. Anos mais tarde, quando fui convidado para a chefia do Departamento na FEI, uma só coisa me desconcertava: ser chefe do Prof. Senço. Mas ele sempre me apoiou e continuei aprendendo com ele.

Após anos de trabalho na EPUSP e em outras instituições particulares, manteve-se ligado apenas à FEI, dizendo ser a escola onde ele mais gostava de lecionar, pelo relacionamento com os professores e alunos. Restaram a saudade e a admiração pela sua pessoa, pelo seu trabalho e pelo carinho de mestre, com o qual me senti sempre agraciado.

Prof. Kurt Amann



Sussumu Takanohashi
(1942-2010)

Prof. Sussumu Takanohashi começou a lecionar na FEI em maio de 1970, tendo sido promovido à categoria de Professor Adjunto I no início do ano letivo de 1990.

Nasceu em 11 de setembro de 1942, em Assaí – PR.

Diplomou-se em Engenharia Industrial, modalidade Mecânica, em 1967 pela Faculdade de Engenharia Industrial. Mestre em Engenharia /Estruturas pela EPUSP – 1989; sua dissertação teve como título: “O Estudo da não Linearidade Geométrica em Pórticos Planos. Alguns Aspectos Teóricos e Computacionais”.

Foi professor da disciplina “ Resistência dos Materiais” e regente das disciplinas de “Máquinas de Elevação e Transporte”

Escreveu dois livros: “Resistência dos Materiais:Análise das Tensões e o Critério da Energia de Distorção” e “Verificação do Risco de Flambagem em Estruturas de Aço” e vários artigos publicados em revistas especializadas em Flambagem de Chapas: “Flambagem Lateral de Vigas I”; “Estado Duplo de Tensão” e “Estado Triplo de Tensão”. Suas publicações caracterizaram-se pelas extensas pesquisas bibliográficas e as diretrizes de cálculo e dimensionamento, na época, utilizando

programas de computador: Basic e Fortran. Elaborou um programa de cálculo de estruturas em Fortran, que foi chamado PORTPLAN, em 1996.

Além de suas atividades docentes trabalhou por mais de 10 anos na Promon Engenharia S.A, era Diretor da STK Engenharia S/C Ltda. e ministrou cursos na BSI-Bardella. Prof. Sussumu estagiou em empresa de engenharia civil, conhecida como SOBRAF, onde demonstrou sua capacidade de observação e de análise ao executar reformas em uma betoneira que segregava os materiais, quando deveria misturá-los de forma homogênea.

Em suas aulas, procurava mostrar a necessidade de uma base teórica bem sedimentada, fornecendo métodos numéricos atualizados, usando programas de computador, para as aplicações práticas em projetos de estruturas de máquinas de elevação e transporte.

Sua paixão por Mecânica era memorável: projetou peças para, praticamente, melhorar o consumo de combustível de um motor de 8 cilindros do Ford Galaxy. Gostava de máquinas e de emoções pois possuiu uma moto, com a qual se locomovia para os locais de suas atividades, a Escola e a Empresa.

Seu primogênito, Rubens, formou-se em Engenharia Metalúrgica na FEI.

Prof. Renato Teramoto

Campus SBC
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus São Paulo
Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3207.6800

www.fei.edu.br / redacao@fei.edu.br